Manchete

HISTÓRIA SECRETA DO METRÔ

A GUERRA VARGAS X ADEMAR

UMA REPORTAGEM PROIBIDA

N.º 24 — REVISTA SEMANAL — RIO DE JANEIRO — 4 DE OUTUBRO DE 1952 — CR$ 5,00

DANUZA CONQUISTA PARIS

Flagrantes do Brasil

POR *Jean Manzon*

NÃO É APENAS UMA COLEÇÃO DE FOTOGRAFIAS PRIMOROSAS : É O MAIS SINCERO E ESTUPENDO DOCUMENTÁRIO DA REALIDADE BRASILEIRA !

UMA cousa é escrever-se sôbre um país, e outra, muito diversa, é fotografá-lo. A pena cede fàcilmente à influência dos gostos e preferência do escritor. O ôlho da objetiva, não : êste retrata friamente o que vê, sem se apegar a qualificativos, sem a distorção das simpatias ou das indiossincrasias pessoais, sem outra intervenção humana além da escolha do assunto, do ângulo e da luz. Por isso mesmo, a obra notável de JEAN MANZON, êsse moderníssimo Rugendas da fotografia, atinge a culminância de um dos documentos mais expressivos e sinceros jamais produzidos sôbre o nosso país.

Jean Manzon retrata fielmente a nossa terra, a nossa gente, os costumes das cidades e dos sertões, o branco, o prêto, o índio, o carnaval, o trabalho e a ociosidade, o que é belo e o que é feio, todo êste mundo que é o Brasil de hoje, de norte a sul, com tôda a emocionante e dramática beleza plástica que só êle sabe dar às suas estupendas fotografias.

Textos em português e inglês
Legendas de Orígenes Lessa
Volume encadernado :

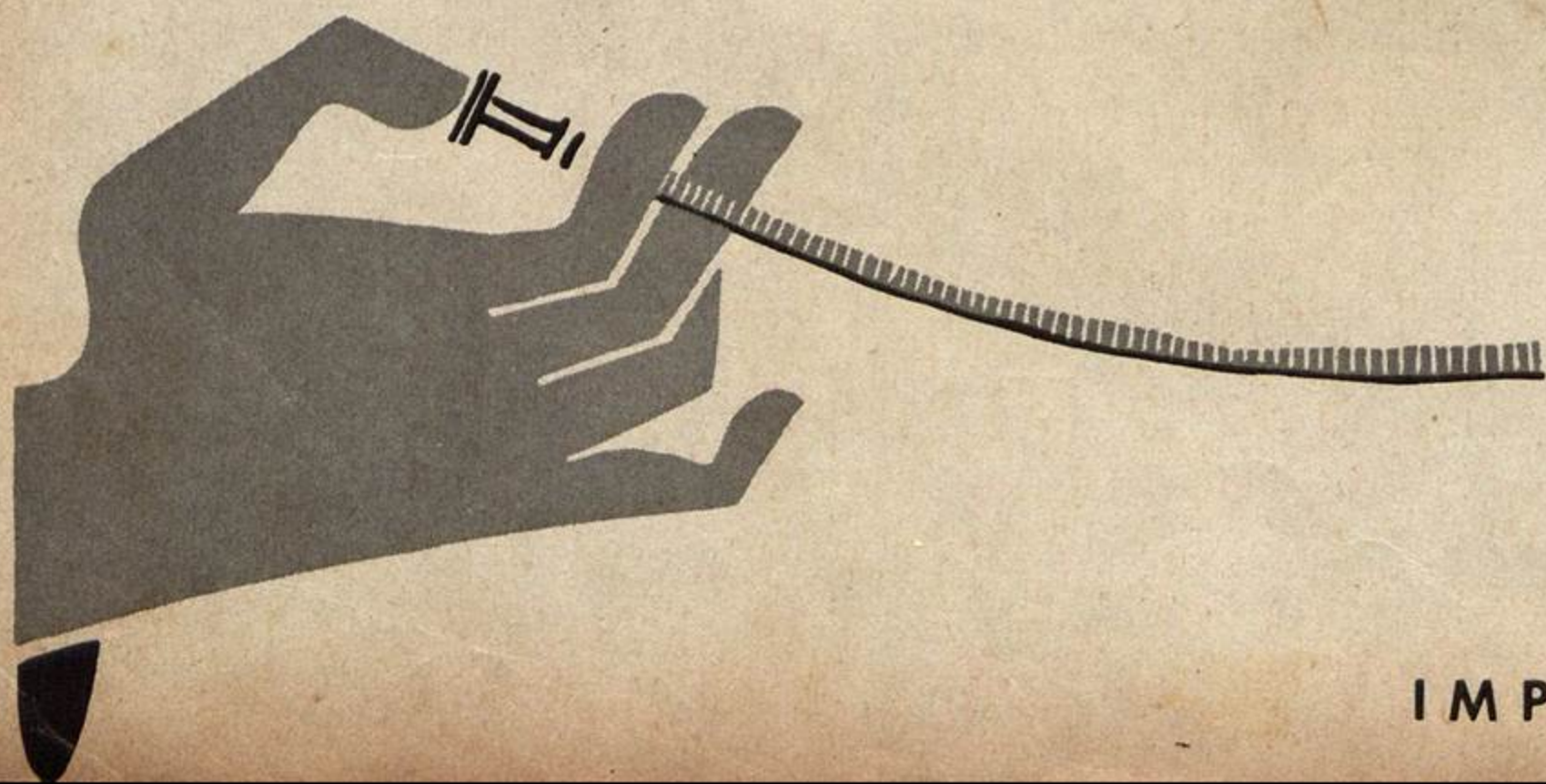
CR$ 300,00 Em tôdas as livrarias

IMPRESSO POR GRÁFICOS BLOCH

Manchete
REVISTA SEMANAL
RUA FREI CANECA, 511 - TEL. 32-4355 - RIO DE JANEIRO

Número 24 | 4 de Outubro de 1952 | CR$ 5,00

CAPA: (Ansco Color de Oldar Froes) — Srta. Danuza Leão, a "caçulinha da sociedade do Rio de Janeiro", aceitou um contrato de modêlo que lhe ofereceu Jacques Fath. Assim, A MODA DE PARÍS GANHOU UM MANEQUIM BRASILEIRO

(Reportagem nas págs. 21/24)

Crônica de HENRIQUE PONGETTI

Xangô e a televisão

UMA das nossas grandes lojas de música em conserva fez recentemente a um vespertino a espantosa confidência: dezesseis aparelhos de televisão haviam sido vendidos pelos seus caixeiros a favelados dos nossos morros. O repórter satisfez-se com a estatística, não quis afrontar as canseiras da escalada das dezesseis pistas, e deixou o leitor fazendo mentalmente a grande reportagem que se esquivaram de entregar-lhe pronta. Do ponto de vista econômico o fato abisma. Com o dinheiro de um aparelho de televisão substitui-se um barraco de latas, de tábuas e de lixo por uma pequena casa de tijolos e telhas. Os nossos morros estão cheios de aparelhos de rádio, mas há uma diferença enorme de preço entre um modesto receptor e o aparelho mais barato de T. V. Aqui em baixo, na planície, muito pai razoàvelmente colocado na vida resiste por motivos econômicos à pressão dos filhos, "caronas" diários do T. V. do vizinho. O orçamento da classe média, sobrecarregado pela atualização anual dos modelos de rádio e pela fome de discos da vitrola, comporta com sacrifícios a nova maravilha. E no entanto, para dezesseis barracos do morro de São Carlos, da Providência ou da Babilônia as imagens se projetam todos os dias do alto do Pão de Açúcar. O Sr. Horácio Láfer poderia mandar um dos seus técnicos traduzir em índices sociológicos aquelas imagens. Eu prefiro divagar.

Certa manhã, para ver o "Madalena" encalhado sem a popa, eu subi a pé o morro que vai da praia de Areia Grossa à praia de Imbuí. Lá em cima, no melhor ponto, diante de um panorama de uma beleza achatante — a beleza que só os nossos párias utilizam com sua preferência pelas alturas e sua resignação ao martírio contínuo de galgá-las — eu passei pelos barracos de uma favela. Olhando disfarçadamente para dentro das janelas, surpreendeu-me encontrar, em três ou quatro interiores cheios de "trecos" inclassificáveis, algumas luxuosas poltronas de couro azul claro, novinhas e idênticas. Soube depois que mal o "Madalena" encalhara, antes das providências para defender-lhe o mobiliário, um pequeno saque se dera fazendo surgir no atalho do morro uma trilha de formigas carregadeiras... Eu me lembrei muito daquelas poltronas, do seu divórcio com o ambiente, quando li a notícia dos aparelhos de televisão vendidos aos favelados.

Imaginai comigo êsse divórcio. A arquitetura e a decoração de um barraco são frutos típicos do acaso na sua manifestação mais miserável. Tudo vai surgindo de acôrdo com a sorte do construtor em encontrar, nos lugares onde a sociedade joga os seus detritos, o material necessário. Certos barracos parecem revestidos de excremento humano. E' o lixo, o refugo da cidade, aquilo que ninguém mais quis, a viga mestra daquela arquitetura de marginais, de expelidos. Ora, não há nada que dê uma idéia mais moderna de ambição, de organização, e de euforia burguesa do que um aparelho de T. V. O som de uma vitrola ou de um rádio extravassam de um apartamento e vão sobrar na rua como as latas velhas e a madeira podre. O construtor de barracos pode recolhê-los também com seus ouvidos sempre à cata, achadores. Já as imagens da T. V. fecham-se entre quatro paredes, pedem assentos confortáveis, charutos e "drink", repelem sobretudo a idéia da participação indiscriminada. Alguns televidentes em lua de mel com seu aparelho mandam imprimir convites para certos programas. Tomam ares de família Mozart fazendo música de câmera para outros tarados da pauta...

Jamais esquecerei aquelas poltronas de couro azul claro entre o negror dos cacarecos escurecidos pouco a pouco pela fumaça da cosinha rudimentar. Lembravam tronos de reis depostos roubados por súditos miseráveis e fiéis na esperança da restauração da coroa. Nada tinham de móveis e clamavam pelas redomas das relíquias. Podiam ser também as poltronas de Xangô, invisível, mas presente. Um altar sôbre quatro pés. E todos ficavam sentados sôbre caixotes ou bancos diante daquele assento intocável ao contato de cujo couro azul as nádegas do profanador talvez secassem antes de apodrecer...

D. Zelia Senatti, a dedicada companheira de Chico Alves, durante 30 anos, não abandonou o caixão mortuário na Câmara Municipal, até o sepultamento no S. João Batista. Durante 24 horas, permaneceu ao lado, chorando. Por diversas vêzes, não resistindo à emoção, desmaiou. Queria ver o rosto do amigo e dar-lhe o último beijo.

Francisco Alves - uma

FOTOS DE AYMORE MARELLA. FENELON PAUL E ANTONIO ROCHA

150.000 pessoas acompanharam o entêrro do grande cantor brasileiro, muitas chorando.

Mulheres de tôdas as idades choraram com o desaparecimento do popular seresteiro

O "Brasil em Manchete" abre desta vez, excepcionalmente, todo o seu espaço para a maior e a mais comovente manchete desta semana: a morte de Francisco Alves. O grande seresteiro regressava de São Paulo em companhia de um parente, pela rodovia "Presidente Dutra", quando nas proximidades de Taubaté, seu "Buick", que dirigia, chocou-se violentíssimamente com um caminhão, incendiando-se. O acompanhante, com o choque, foi lançado a grande distância, mas o "Rei da Voz", agonizante ou morto, ficou prêso às ferragens retorcidas do carro incendiado. As chamas arderam durante duas horas. Afinal, o corpo poude ser retirado. Completamente carbonizado. O grande cantor não tivera voz para o último grito.

A notícia logo se espalhou pelo país inteiro, causando emoção, pezar e lágrimas. Trazido para o Rio, o corpo ficou exposto no saguão da Câmara dos Vereadores. Durante a tarde de domingo e a noite que se seguiu, uma multidão de mais de 100.000 pessoas, de tôdas as classes sociais, desfilou, emocionada e triste, em filas colossais, perante o corpo do maior cantor popular que o Brasil já teve. Era o povo chorando o desaparecimento do seu ídolo. Dando-lhe o seu último adeus.

Chico Alves morreu no apogeu da glória e da fama. Trágicamente, como seu grande amigo Carlos Gardel, o maior cantor da Argentina, e com quem tinha tantas afinidades.

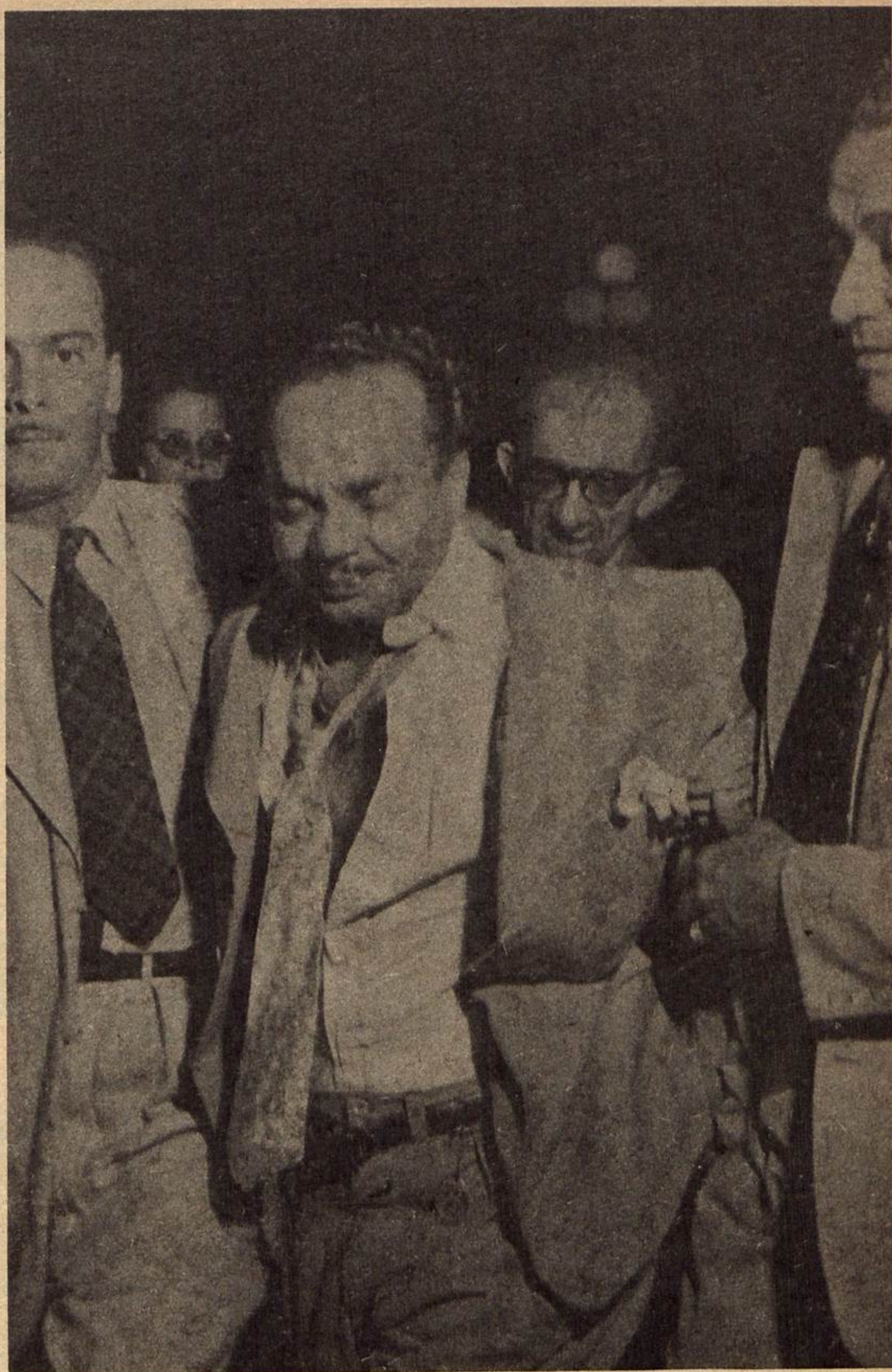
A história de Chico Alves se confunde com a própria história do Rádio Brasileiro e das gravações em nosso país. O mais popular dos cantores brasileiros, bom companheiro, era um descobridor e incentivador de "astros" e "estrêlas". Muitos cantores fizeram carreira com sua ajuda e incentivo. Orlando Silva. João Petra de Barros, Linda e Dircinha Batista e tantos outros. Além da predileção que tinha por corridas de cavalos, gostava muito de futebol (torcedor do América), de crianças, e detestava viajar de avião. Quando da inauguração da rodovia "Presidente Dutra", externou sua satisfação por não precisar mais usar o transporte aéreo, em suas freqüentes viagens a São Paulo: "Parei com a aviação". Tinha pavor de perder a voz.

Começou a vida como modesto chapeleiro. Às noites, como inveterado boemio, cantava na Lapa, para os amigos e companheiros, sempre acompanhado de seu "plangente violão". Ficou famoso, como o Chico Viola". Pouco depois, experimentava, num circo, o contacto com a platéia. Agradou em cheio. Os aplausos do público mudaram sua profissão e seu destino. Começou, então, sua carreira de cantor. Dos circos, foi para os teatros. Seu primeiro ordenado: 180 cruzeiros (naquela época, 180 mil réis). Logo depois, conhecia o microfone, que nunca mais abandonaria. Foi dos primeiros — e o recordista de gravações no Brasil. Tem mais de 600 discos gravados. Ganhou e gastou fortunas. Mesmo assim, deixou 10 milhões de cruzeiros e 15 apartamentos em Copacabana, além de casas comerciais em Miguel Pereira e Pati do Alferes.

Seu sepultamento foi um acontecimento que poucos esquecerão. Desde a chegada do corpo de João Pessoa em 1930, que não se vê uma multidão tão compacta e tão emocionada. Para chegar da Câmara Municipal ao Cemitério S. João Batista o cortejo levou várias horas. Tôda a cidade queria homenagear o seu cantor predileto que trágicamente desaparecia aos 55 anos de idade.

E muitos recordaram uma frase antiga de Chico Viola:

— Queria morrer como Carlos Gardel. Não em desastre de avião. Mas de uma maneira que pudesse ser lembrada para tôda a vida.

Parece que o conseguiu.

O popular artista Apolo Correia, dos mais antigos e íntimos amigos do Rei da Voz. desmaiou de emoção, na hora do sepultamento, sendo amparado por 2 amigos.

voz que emudeceu!

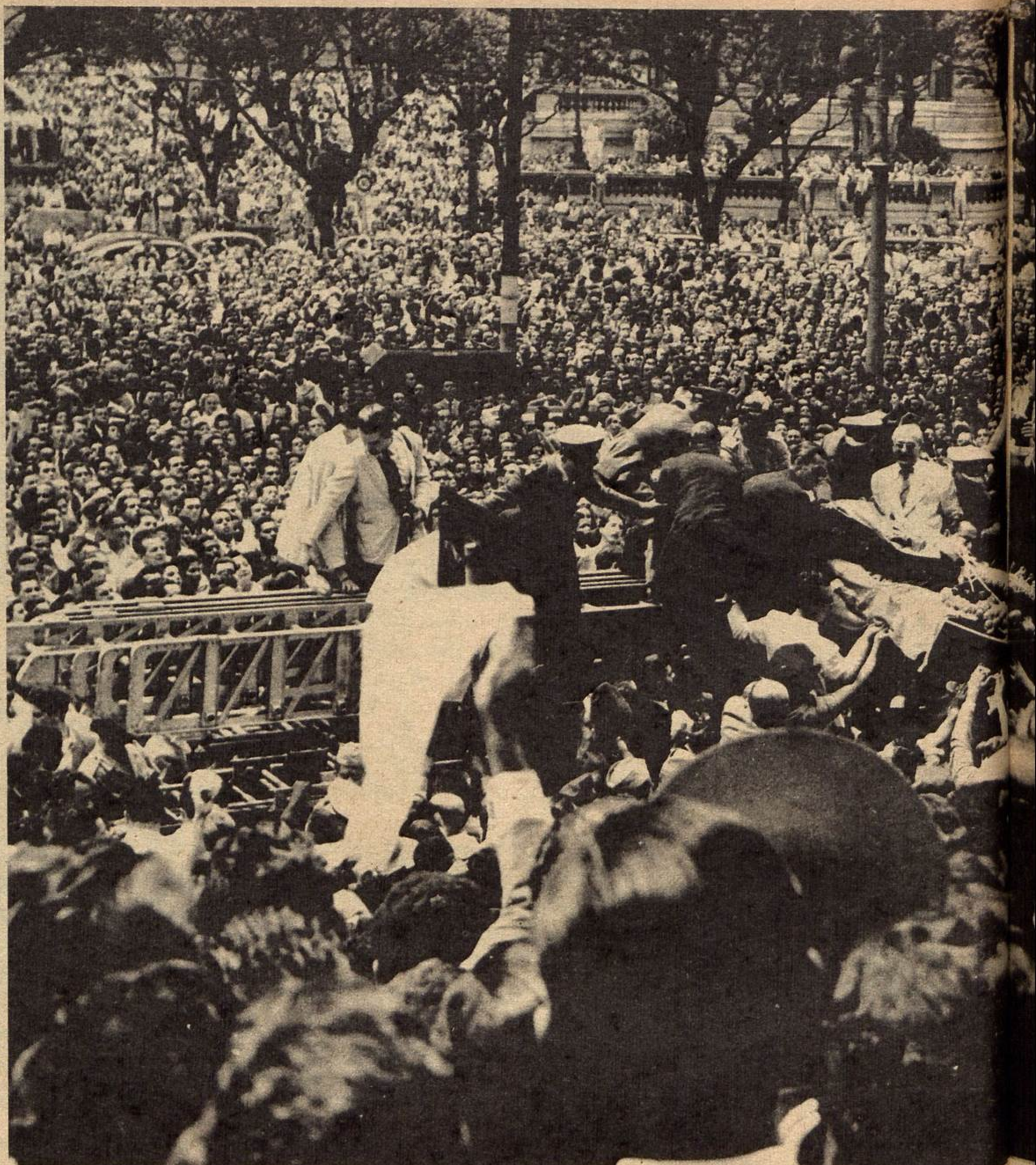
Mais de 100.000 pessoas desfilaram diante do corpo de Chico, na Câmara Municipal.

O povo brasileiro, sem distinção de classes sociais, chorou a perda de seu cantor.

Chico era grande amigo das crianças. que choraram na hora do último Adeus.

O cantor Orlando Silva também chorou diante de seu grande amigo e protetor.

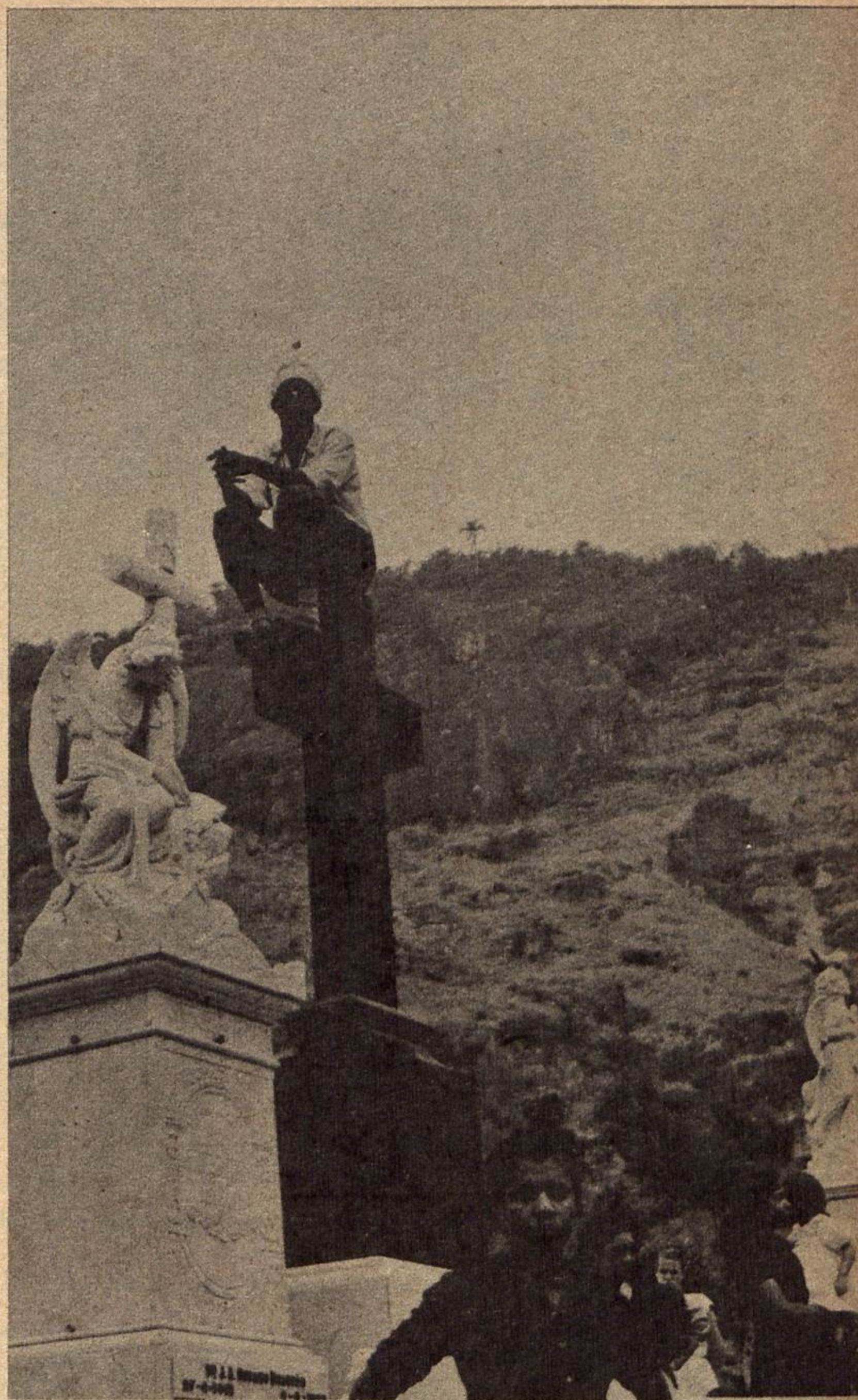
FUNERAIS DE CHICO ALVES: 150.000 PESSOAS

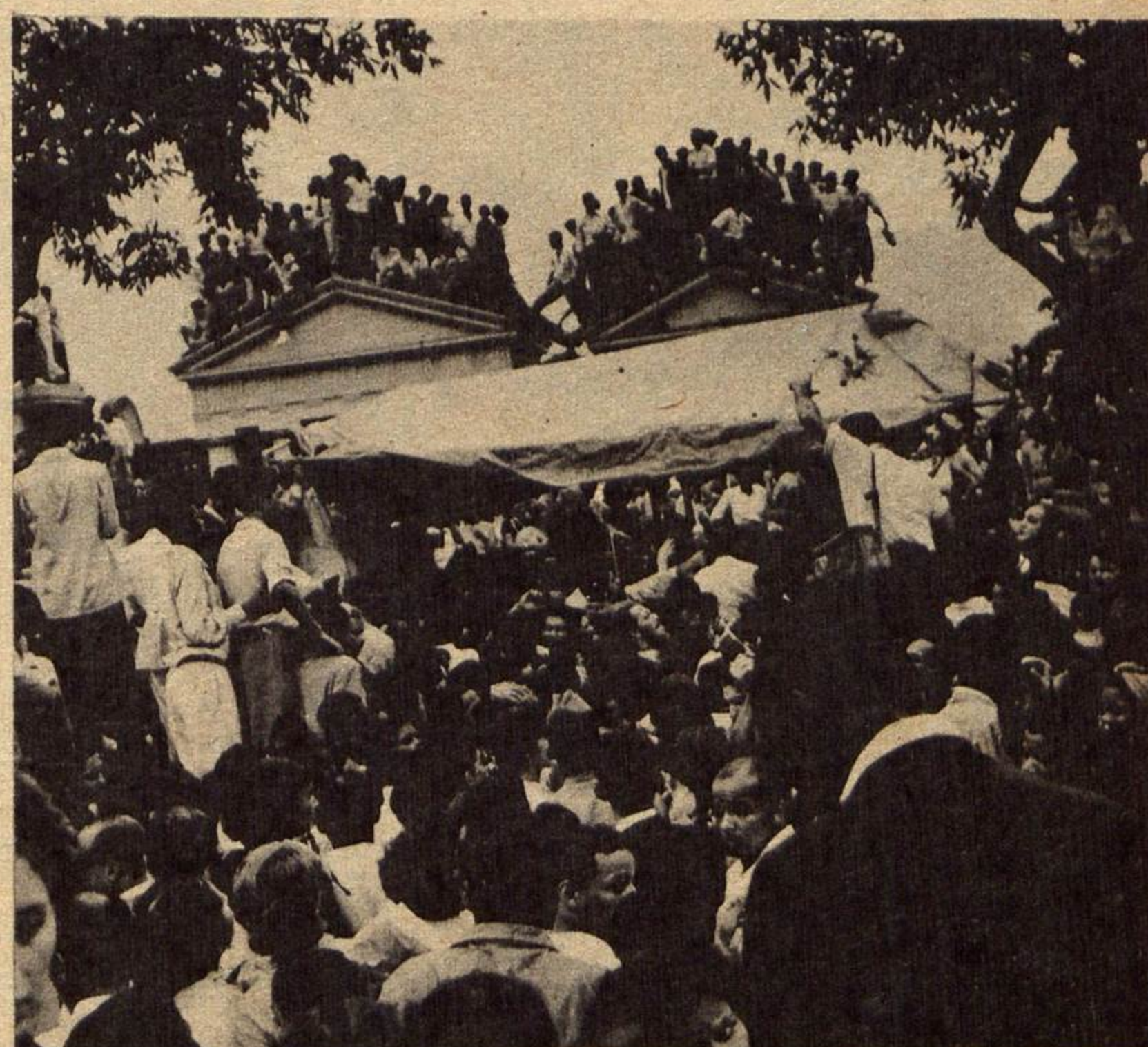
A Rádio Nacional prestou grandes homenagens ao seu cantor. Na foto Vitor Costa assistindo a espôsa de Chico.

O povo em massa — cêrca de 150.000 pessoas — participou dos funerais do maior cantor popular que o Brasil pal, o cortêjo fúnebre seguiu, vagaroso e triste, rumo ao cemitério São João Batista. Homens, mulheres e crianças,

A espontaneidade da manifestação foi espantosa. Gente que nunca havia visto o cantor chegou a desmaiar.

Dos barracos do morro, da cidade, dos edifícios grã-finos, saiu gente para acompanhar Chico Alves.

A notícia da morte do nosso maior cantor popular espalhou-se ràpidamente. Vila Lobos esteve no entêrro.

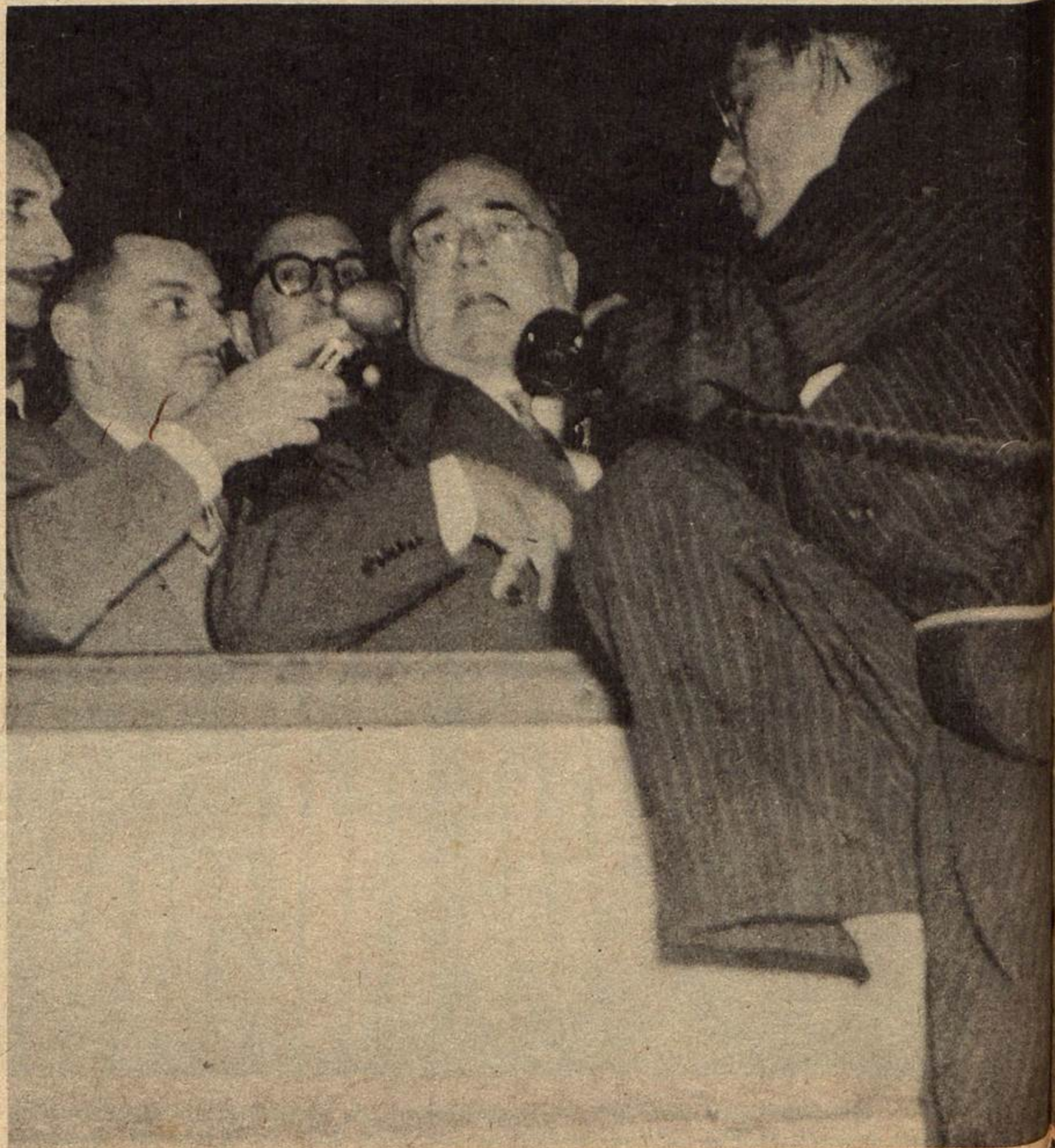
já teve. Após uma concentração popular impressionante, defronte à Câmara Municipal, sem distinção de classes sociais, acompanharam Francisco Alves à sua última morada.

O Cemitério ficou irreconhecível. Gente trepada em todos os lugares, disputando arduamente a possibilidade de ver pela última vez o corpo de Chico Alves, o Chico Viola.

No cemitério o povo fez prodígios para aproximar-se da campa onde Chico Alves repousará definitivamente. Mesmo as altas grades do S. João Batista foram escaladas.

Graças a uma popularidade que resistiu a 30 anos de atividade, Chico Alves teve funerais que ultrapassaram tôda expectativa. A cidade inteira despediu-se do seu cantor.

A manifestação a Getúlio surpreendeu os próprios organizadores da recepção. Desde o aeroporto o Presidente foi saudado entusiàsticamente.

Getúlio foi sempre acompanhado por uma multidão fanática e delirante.

No mesmo dia o Presidente falou 4 vêzes. Foram discursos formais.

EXPLODE NO SUL A GUERRA

VARGAS x ADEMAR

Vargas (rindo) para Garcez (sério): "A minha candidatura foi lançada às margens do Ipiranga. A de V. Excia. pode ser lançada aos pés do monumento a Júlio de Castilhos". — Assentada a reforma ministerial — Verdade incontestável: o prestígio de Getúlio continúa intacto — Manobra evidente do Catete: envolver Garcez — Disposição do Governador paulista: fidelidade ao seu partido e a Ademar.

Reportagem de HELIO FERNANDES

"COM Getúlio está ruim; sem êle será pior" — era o que se lia em letras não muito firmes, num cartaz erguido à passagem do cortejo de Vargas pela zona operária de Pôrto Alegre, zona compreendida entre o aeroporto e a cidade pròpriamente dita.

E a honesta impressão que se pode ter das manifestações prestadas a Vargas, na primeira ida ao seu Estado depois de reconquistar o poder, é a que aquêle cartaz exprime: em meio ao desencanto que o Presidente colheu para as promessas semeadas pelo candidato, resta ainda uma considerável e renitente reserva de crença e de simpatia pela figura dêsse gaúcho que ascendeu à Presidência da República.

No aeroporto, que dista da cidade uns 20 minutos, e é de instalações quase precárias, a impressão que se tinha, é que a visita de Getúlio seria um fiasco. Os preparadores da manifestação entreolhavam-se inquietos e desconfiados, quase pedindo a Deus para o avião atrasar-se um pouco no caminho. Só o pessôal encomendado — crianças fazendo alas ao longo do percurso presidencial e representações de sindicatos manobrados em geral por pelegos ministeriais. Pouco entusiasmo, muito pouco mesmo: tudo tão frio quanto o vento que varria o descampado e se tornava cada vez mais forte e mais frio, à proporção que entardecia e a chegada do aparelho presidencial se adiava das 16 para as 17 horas, chegando finalmente pouco antes de 17,30.

Pousado o elegante DC3, aberta a portinhola e colocadas as escadinhas, uma figura se apresentou, dominadora e imponente: o tenente Gregório. Terno cinza, sapatos prêtos, camisa branca de cambraia, cabelo bem aparado e barba raspada, com duas saliencias à altura das ancas que denunciavam claramente o que deveriam ser. Lançou o olhar em tôdas as direções e imediatamente assumiu o comando da situação. O Cadillac transportado do Rio especialmente para conduzir o Presidente, esperava à entrada do Aeroporto. Gregório bradou enérgico e autoritário:

— Êle não vai lá, não! O carro tem que vir aqui.

Mesmo que o motorista não escutasse as palavras, os gestos largos do mulato atlético e desempenado se faziam compreender em todo o aeroporto. E quando o carro começou a deslocar-se para junto do avião — cumprindo as ordens de Gregório — Getúlio fez a sua primeira aparição. Ao seu lado, disputando um lugar na mesma fotografia, João Cleofas, Roberto Alves e Samuel Wainer. Todos sorrindo. Mas o Presidente sorrindo mais que todos.

•

As primeiras manifestações — ainda tímidas — partidas do setor oficial e do público de encomenda, foram se transmitindo e logo se convertiam em aclamações extraordinàriamente entusiásticas, verificando-se mesmo cenas de arroubo e quase delírio da parte dos que queriam ver, se acercar e mesmo tocar no Sr. Getúlio Vargas. Mas, sem exceção, eram vigorosamente rechaçados pelo Sr. Gregório, que firmemente plantado na trazeira do Cadillac (que não era rabo de peixe) distribuia pròdigamente repelões, safanões e cotoveladas.

Os governadores presentes ao aeroporto nem puderam se aproximar do Presidente, que dessa maneira só recebeu os cumprimentos do General Dornelles e do Sr. Jango Goulart, que o abraçaram ainda a bordo do avião e com êle tomaram lugar no carro presidencial. O Sr. Cleofas, menos feliz, ficou perdido no aeroporto e só muito depois conseguiu transportar-se para a cidade assim mesmo devido à gentileza do secretário do Governador mineiro que o avistou por acaso.

Assim deixou o aeroporto o carro de Vargas, precedido por um caminhão de fotógrafos e cinegrafistas e seguido de automóveis que conduziam as outras autoridades. À proporção que o cortejo se aproximava do centro da cidade, a paisagem humana se modificava, acabando por desaparecer todo o caráter de homenagem por obrigação e despontando em tôda a sua plenitude o entusiasmo indiscutível e incontrolável de um povo que não se cansa de admirar Vargas. Os escolares e as delegações "trabalhistas" foram sendo superados pelo povo mesmo, gente indiscriminada, de tôdas as classes, embora fôsse nítido o predomínio do elemento popular. E houve entusiasmo autêntico, apesar de se sentir na chuva de papéis picados, o dedo da manifestação de encomenda, pois não eram pròpriamente papéis pintados, mas pequenas aparas recortadas em tamanho "standard" e padronizadas nas côres branco, alaranjado e azul.

Mas a verdade incontestável é que havia reserva de gente e de entusiasmo, muito acima do que podiam esperar os emprezários das manifestações. O resultado foi que o povo encheu realmente a cidade, sobretudo o centro e especialmente a famosa rua da Praia (que o porto-alegrense jamais chamará pelo nome oficial de Andradas). O povo, com o comércio fechado e o sistema de transportes quase totalmente paralizado, ficou na cidade. E com uma presença tão numerosa e um entusiasmo que não pode ser posto em dúvida, demonstrou que os desacertos do Presidente não mataram nos gaúchos o mito do homem Vargas.

•

"A minha candidatura foi lançada às margens do Ipiranga. A de V. Excia. pode ser lançada aos pés do monumento a Júlio de Castilhos". Foi com essa frase — eufórico e sorridente — que o Presidente Vargas saudou o Sr. Lucas Garcez. O Governador de S. Paulo — sério e quase carrancudo — limitou-se a ouvir. E a ouvir como quem não gosta do assunto. E mais tarde, em conversa íntima com jornalistas, deixaria transparecer a sua fidelidade a Ademar e ao seu partido, declarando com mal disfarçado aborrecimento que ainda não é tempo de tratar da sucessão.

Mal chegado a Palácio, Getúlio começou seus contatos políticos. Alguns mal sucedidos

— com o PSD gaúcho — outros plenamente satisfatórios, como no caso da reforma ministerial. Assentou-se de pedra e cal que o ministério deve ser reformado com urgência. E alguns nomes foram mesmo lembrados pelos governadores presentes. O Sr. Lucas Lopes — por exemplo — despontou como um candidato fortíssimo à pasta da Viação. Minas deseja um ministério efetivo e se desinteressou completamente pela Pasta da Justiça.

O Sr. Osvaldo Aranha conseguiu uma impressionante unânimidade em torno do seu nome. Apenas não se sabe o cargo que ocupará. Mas qualquer que seja êle, será recebido com simpatia. O Governador paulista não fez pròpriamente reivindicações mas é certo que S. Paulo não será esquecido. O poderio do Estado, o prestígio crescente do Sr. Garcez e a atitude evidente do Catete que procura cercar o Sr. Garcez

Governador
LUCAS GARCEZ

O Governador foi a estrêla maxima da conferência. Cercado por todos os lados por Getúlio não comprometeu.

Governador
JUSCELINO KUBITSCHEK

Juscelino está se revelando político habilíssimo. Na hora de botar cartas na mesa sua palavra será ouvida.

Governador
IRINEU BORNHAUSEN

Santa Catarina tem grandes problemas e preocupações. Foi o que disse o seu representante Bornhausen

Governador
FERNANDO CORRÊA

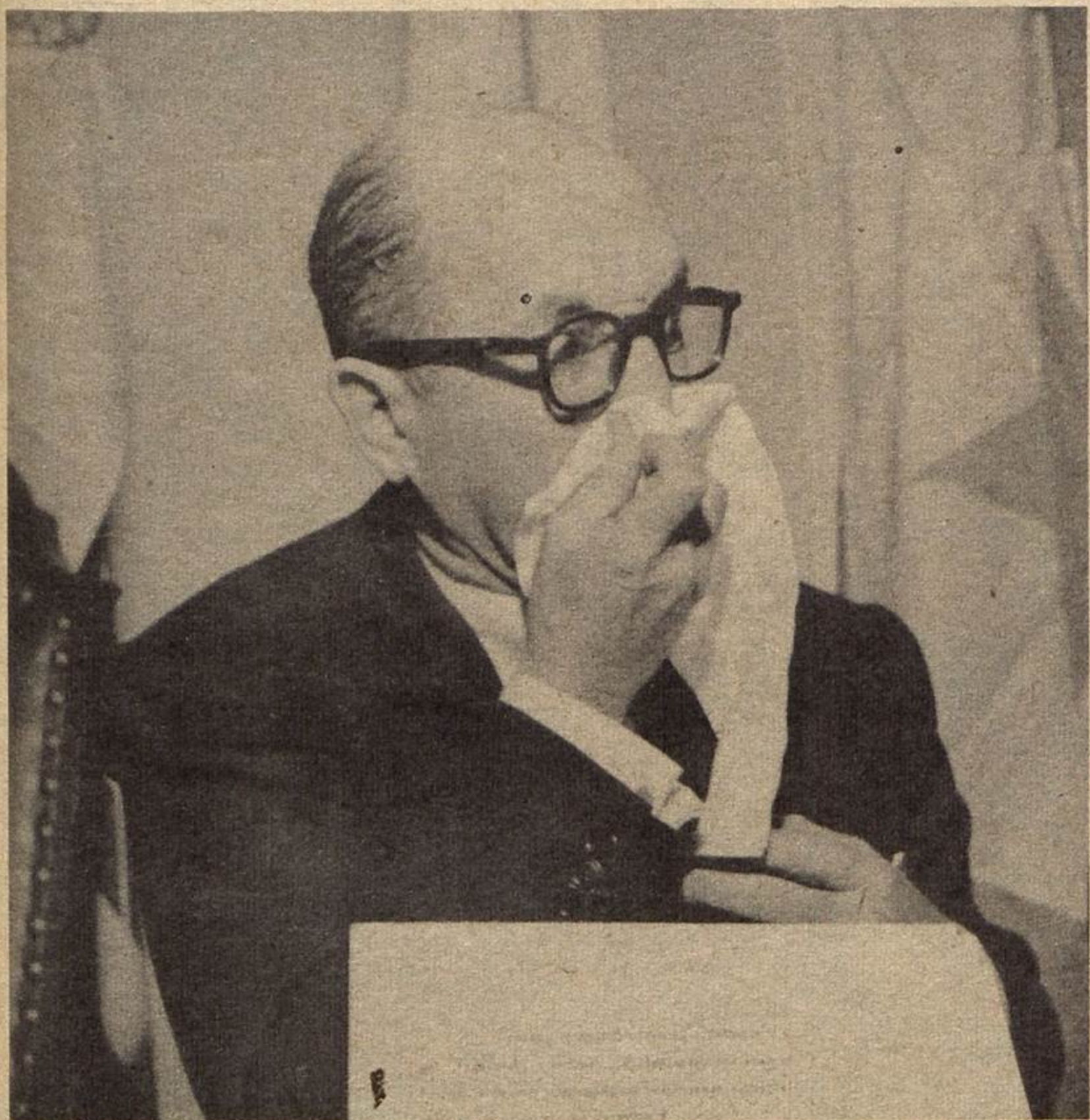
Mato Grosso enfrenta o problema de como povoar-se, disse o seu Governador. E pediu a ajuda do Govêrno.

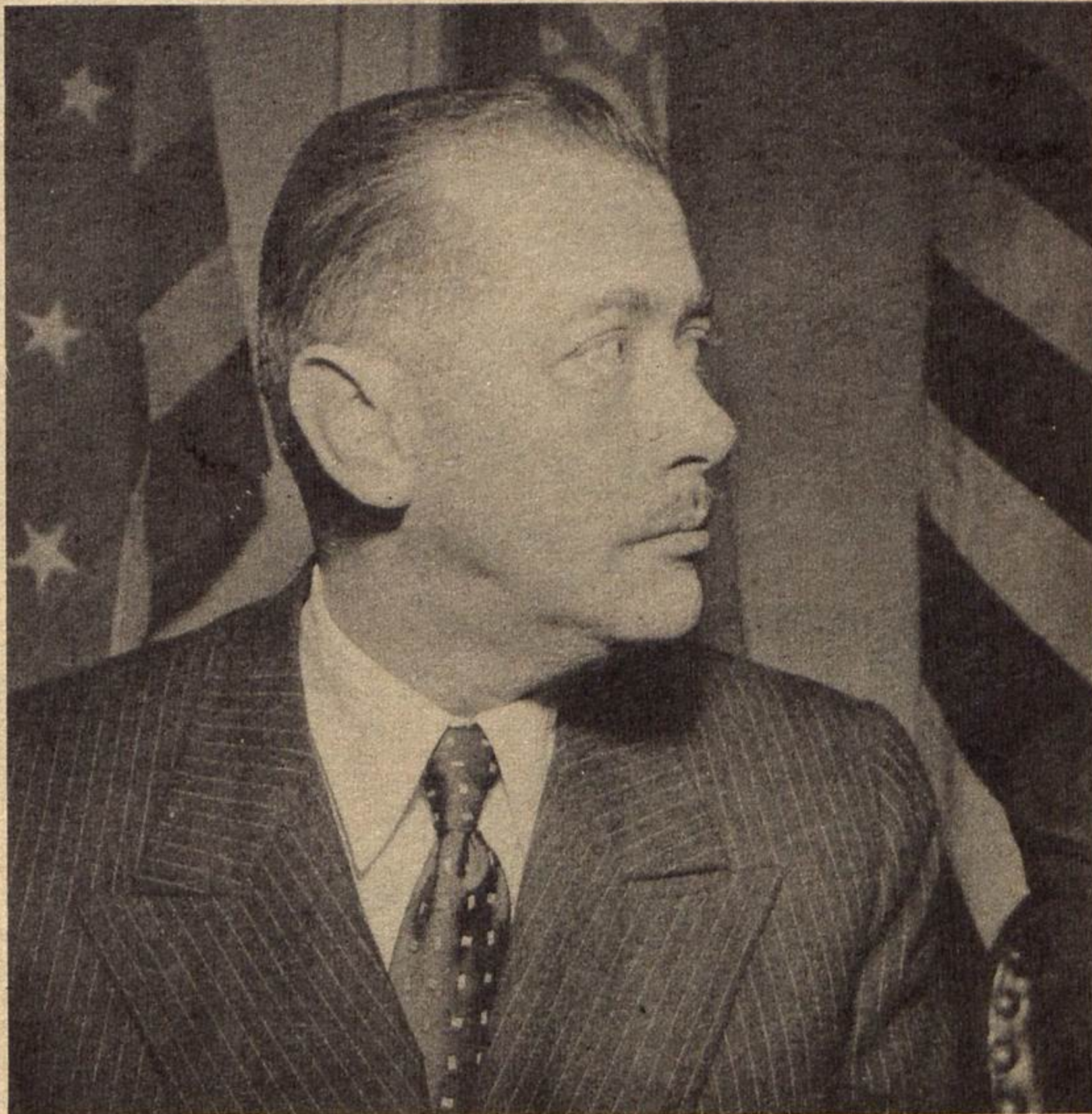
por todos os lados, procurando afastá-lo de Ademar, garantem um lugar proeminente para S. Paulo no futuro Ministério.

O Governador paulista parece não se deixar envolver. Sua lealdade a Ademar é mais um imperativo moral, uma atitude de um homem que, qualquer que seja o preço oferecido, não se deixa corromper.

A guerra Vargas x Ademar explodiu realmente com tôda intensidade. O campo de batalha pode ser localizado em todo o Brasil. Mas para os que pensavam que Vargas estava liquidado, a recepção de S. Paulo, e agora a de Pôrto Alegre, devem ter servido como séria advertência. Vargas está mais vivo do que nunca, disposto a sobreviver politicamente apesar dos 70 anos.

E Ademar? Estará dormindo? Não é provável. A sua inexplicável indiferença é paradoxalmente a maior certeza de que êle se julga o dono dos acontecimentos. E é muito provável mesmo que esteja escondendo um trunfo na manga.

Seria uma solução à moda Ademar, aprendida com o próprio Getúlio.

Governador **ERNESTO DORNELLES**

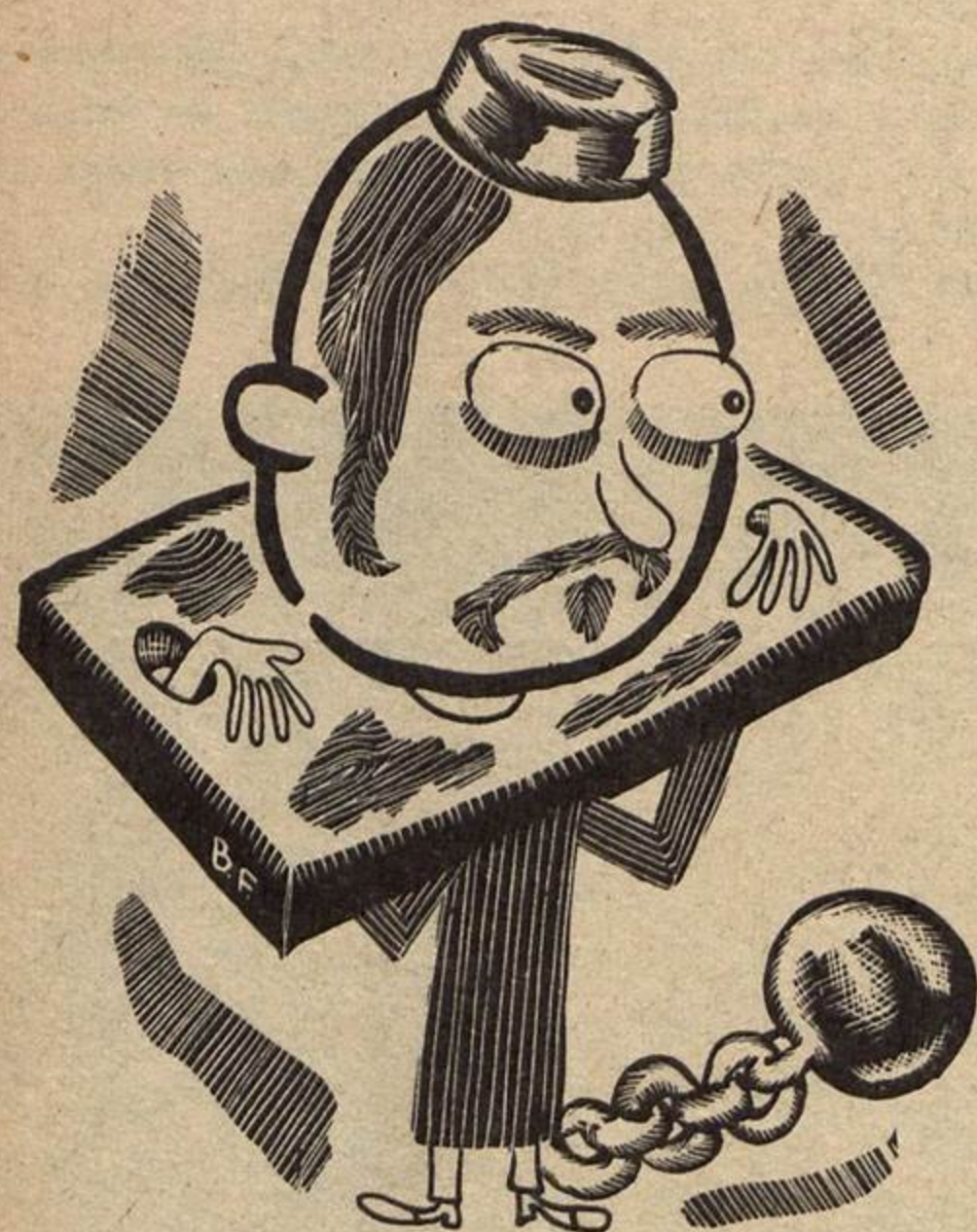
O Governador do Rio Grande não tem muito prestígio. Mas leva a vantagem de ser primo do Presidente.

Governador **MUNHOZ DA ROCHA**

Munhoz fez um excelente discurso. Os Governadores dos estados menores têm grandes reivindicações a fazer.

O PRESIDENTE E O VETERANO

Nos 3 dias que permaneceu em Pôrto Alegre, Getúlio recebeu gente de tôdas as condições. O prestígio de Vargas é um negócio impressionante. E não só no Sul. Em todo o país. Na foto: o Presidente recebendo o único sobrevivente da Guerra do Paraguai. Tem 102 anos e é entusiasta de Vargas.

INQUÉRITOS

O Brasil pergunta:

MAJOR VICTORIO CANEPPA: O QUE PENSA DO REGIME PENITENCIÁRIO DO BRASIL COMPARADO AOS DE OUTROS PAÍSES? — Se compararmos o que temos de bom no nosso regime penitenciário com o que há de bom nos outros países, com exceção dos EE. UU., iremos constatar que estamos adiantados de 50 anos; mas, se compararmos o que há de mau, em ambas as partes, ficaríamos tristes em saber que estamos atrazados de 100 anos. Somos forçados a reconhecer que das prisões que conhecemos na Europa e nas Américas Central e do Sul, os regimes estão muito atrazados em cotejo ao instituído nas principais prisões do Brasil —, fazendo aqui, com justiça, uma exceção também, a Argentina, — no que concerne ao tratamento dispensado aos adultos. Na Inglaterra, França e etc., ainda hoje em dia existem métodos impostos em certas prisões que, para nós, brasileiros, consistiriam em crime se os adotássemos, como por exemplo: fazer os presos caminhar em círculo com as faces cobertas por um capuz; só assistir as solenidades religiosas, visitas, preleções, etc., quando colocados dentro de uma caixa de madeira que só lhes permite olhar para a frente, para que não se vejam entre si! As visitas são separadas por grossas paredes com pequenas vigias de vidro inquebrável e a conversação é feita através de pequenos orifícios. Enquanto no Brasil as visitas são em comum, numa grande sala e para os presos de bom comportamento nessas reuniões não há nenhuma vigilância intimidativa, além de, na Penitenciária Central do Rio, ser permitida as visitas conjugais para as relações sexuais, em ambiente simples com aparelhagem completa e higiene. Dessa forma podemos orgulhar-nos em afirmar que nesse setor estamos adiantados de quase todos os países do mundo, inclusive os EE. UU., onde êsse procedimento não é ainda permitido.

A dureza do trato com relação aos presos ainda é, em muitos países europeus, devido à tese da retribuição e penitência. No Brasil já se conseguiu fazer desaparecer a idéia de que a pena tenha o caráter de punição e sim demonstrarmos pelas leis e realizações que a pena é sobretudo de propósitos regenerativos, educativos e principalmente de recuperação social submetendo os delinqüentes ao trabalho organizado, obrigatório e remunerado; à instrução intelectual; à religião livre; ao esporte e à disciplina branda mas segura. É comum nas prisões estrangeiras o uso de uniformes zebrados (listrados), marcado com enormes números; cabeça raspada; silencio; castigo corporal; restrição alimentar; além da pena perpétua e pena de morte. No Brasil nada disso é usado ou permitido e quem visitá as prisões do Rio e Bangu pode constatar essa realidade. Entretanto reconhecemos que há, no Brasil, prisões cujos costumes e instalações deixam a desejar, sobretudo no que diz respeito aos funcionários. Urge a necessidade de se criar uma escola para os servidores e unificar o sistema penitenciário, organizando um Depart. Federal de Prisões.

TEATRO

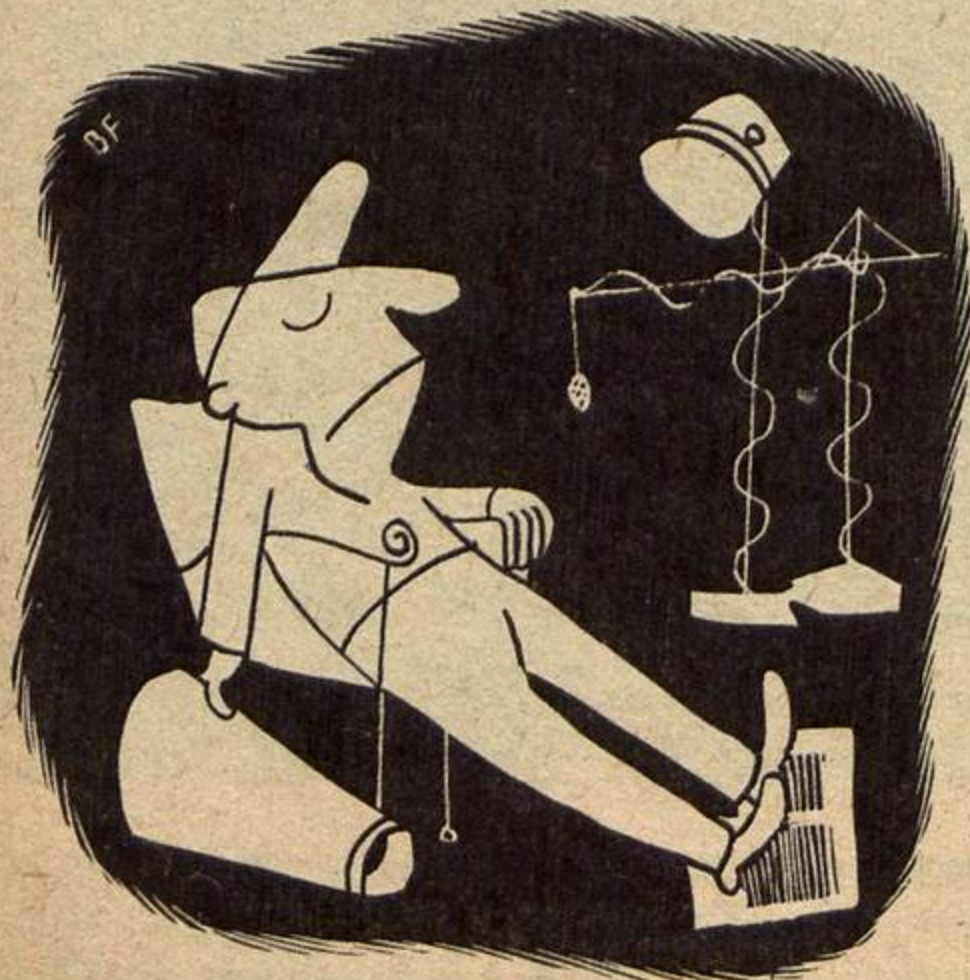
O Teatro e o Estado (II)

BRUTUS DE G. PEDREIRA

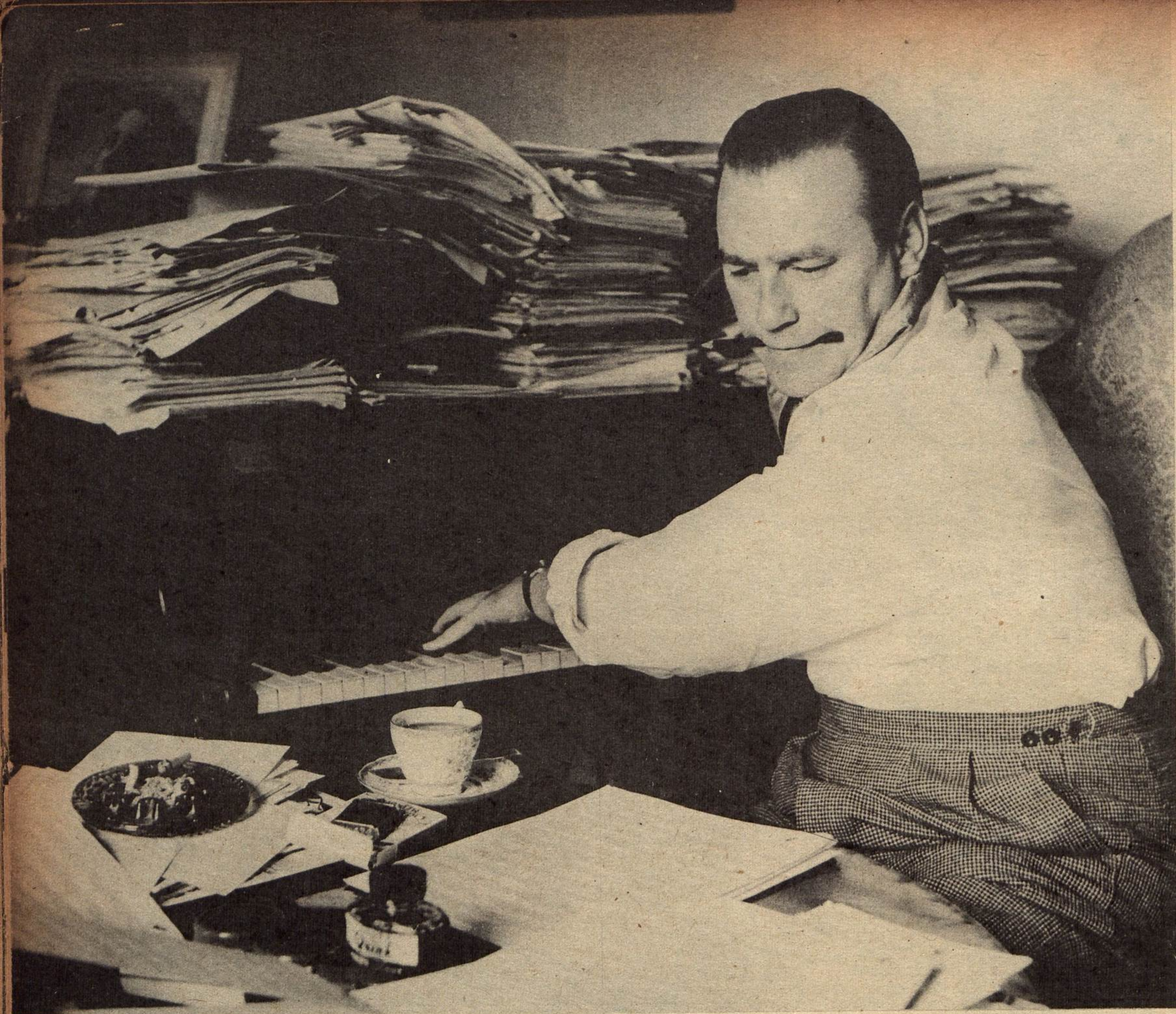
Com o intuito de suscitar, nos contratados e no público, o interêsse zeloso e apaixonado que constitui, em grande parte, o êxito do espetáculo esportivo, cada companhia será adstrita à cidade ou região cuja administração municipal, instituições regionais, pessoas ou sociedades particulares tiverem contribuído, no todo ou em parte considerável, para a sua formação. 6.º) — As companhias nacionais serão formadas por contratos trienais, atuarão nunca menos de dez meses por ano, em tôda a Itália e, possivelmente, no exterior, com repertório constituído de peças novas e reencenadas, na percentagem mínima de 70% italianas. Essas companhias deverão representar peças italianas, novas e reencenadas, ao menos 45 dias por trimestre, incluídos, nesses 45 dias, nunca menos de 7 feriados. 7.º) — As companhias regionais serão formadas por contratos anuais, utilizando também elementos locais e amadores; atuarão regional e interregionalmente e representarão o repertório das companhias nacionais, que será, assim, levado ao conhecimento de públicos mais afastados. 8.º) — O Centro poderá, outrossim, encorajar, subvencionando-os de quando em vez ou de modo continuado, os grupos de amadores filiados à Instituição Nacional de Assistência aos Trabalhadores, aprovados pela administração municipal em cujo território tais grupos se constituíram e normalmente estão sediados, que representem o repertório das companhias nacionais nas localidades onde nem estas nem as companhias regionais atuam, contribuindo, dêsse modo, para difundir, em maior grau, o conhecimento da obra de teatro de prosa, em platéias mais afastadas e populares. 9.º) — As companhias nacionais e regionais devem formar-se de acôrdo com a distribuição histórica de papéis do teatro italiano, serem capazes de representarem obras normais de teatro de prosa, de extensão habitual e não contarem com menos de 16 atores, entre homens e mulheres, excluídos o administrador, o ponto e o acessorista. O contra-regra e o secretário poderão, eventualmente, representar, mas apenas em parte de menor importância. 10.º) — O montante dos impostos que incidirem sôbre as representações das companhias nacionais e regionais, assim como nas dos grupos de amadores dependentes do Centro para a Industrialização do Teatro de Prosa, será recolhido a uma conta aberta em nome do referido Centro, na Sociedade Italiana de Autores e Editores ou numa grande instituição bancária, designada pela Diretoria Geral do Espetáculo. Dessa conta, o Centro poderá fazer retiradas à vista, em qualquer momento. 11.º) — No primeiro ano de gestão, o Centro devolverá a cada companhia nacional, mensalmente, 50% dos impostos pagos pela companhia; no segundo ano, 70% e 90% no terceiro ano. As companhias nacionais que continuarem a atuar além do primeiro triênio, receberão, mensalmente, do Centro, 90% dos impostos que tiverem desembolsado. A cada companhia regional, o Centro entregará, mensalmente, 60% dos impostos que sôbre ela tiverem recaído. Aos grupos de amadores, o Centro concederá o reembôlso que considerar mais equitativo e útil, sob o critério da mais ampla e bem compreendida largueza. **(Continúa).**

CINEMA

Devagar e sempre

SALVYANO C. DE PAIVA

O procurador geral dos EE. UU., sr. James McGranery, providenciou para que Charles Chaplin fôsse proibido de penetrar (de volta) em território norte-americano, enquanto não se submetesse a inquérito das autoridades de imigração,para que se apurassem seus antecedentes de caráter e filiação política. Carlitos, que é casado (4.ª vez) com Oona O'Neill, filha do dramaturgo Eugene O'Neill, disse aos jornalistas, numa entrevista, na França, a caminho da Inglaterra: "Não sou político, nunca fui político e não tenho convicções políticas. Sou individualista e creio na liberdade. Não quero criar uma revolução. Quero apenas criar mais alguns filmes". * * * Constituiu um sucesso o almoço que MANCHETE ofereceu, em seu restaurante, aos congressistas de cinema. Compareceram astros, estrêlas, críticos, diretores, cineclubistas, técnicos. * * * Maria Fernanda deverá interpretar, futuramente, a Capitu, numa adaptação cinematográfica do "Don Casmurro" que Luís Alípio está preparando. * * * A Flama inaugurou a sua Sala de Imprensa com um coquetel e uma exibição prévia de "Com o diabo no corpo". * * * Dois filmes brasileiros inacabados: "Luzes nas Sombras", do produtor Heládio Fagundes, e "Almas em Tumulto", do produtor Arlindo Tavares. * * * Gente nova e promissora no cinema brasileiro na categoria de cenarista e diretor: Alex Viany, Jorge Ileli, Coimbra Jr., Nelson Pereira dos Santos, Alberto Shatovsky, Jader de Lima, Yolandino Maia, Dymas Joseph, Carlos Ortiz. * * * A Oceânia, de S. Paulo, pretende reunir 12 grandes artistas brasileiros em "O Passageiro n.º 13", filme a ser iniciado. * * * Três americanos interessados em fazer cinema no Brasil: John Wayne, Sol Lesser e Joseph Kaufman. Também a MGM pretende realizar um filme com Lana e Lamas no Rio. * * * À revelia dos associados, o presidente da A.B.C.C. indicou, como única pessoa de sua confiança e portanto único digno de trabalhar, na qualidade de censor, junto ao S.C.D.P., um cronista que é seu amigo íntimo. A entidade se reunirá para protestar e pedir contas. * * * Ruy Santos será o cinegrafista de "O Canto do Mar", de Cavalcanti.

Roberto não é Inglês

O famoso pianista e maestro, recordista internacional em venda de discos (10.000 por dia), conta a MANCHETE um pouco de sua história e informa que está disposto a residir entre nós.

Roberto Inglez está sempre com o dia cheio: à noite tem o rádio ou os "shows" e durante o dia é infatigável compositor ou orquestrador.

TRÊS PALAVRAS EXPLICAM SEU SUCESSO:

Herança, estilo, fidelidade

Texto e Fotos de ANTONIO ROCHA

De estatura mediana, 1,75 m., 38 anos, casado, natural de Elgin, norte da Escócia ("na região não civilizada das Highlands"), Roberto Inglez, (née Robert Maxtone Ingle, segundo consta em seu passaporte), é de uma simpatia pessoal à tôda prova.

Está hospedado no Copacabana Palace, tendo vindo ao Brasil para realizar uma temporada de seis semanas, sendo quatro no Rio, e duas em São Paulo. Seu objetivo principal, no entanto, é conhecer melhor nossa música. Adorou Copacabana, embora ainda não tenha tido oportunidade de banhar-se em suas águas. Ficou fã de camarão à baiana. Gostou do povo brasileiro. Por isso já decidiu vir residir em nosso país.

HERANÇA. — Vem do berço o amor de Roberto Inglez pela música. Por três gerações sua família sempre se distinguiu na música. Êle, porém, foi o primeiro a enveredar pelo caminho do profissionalismo.

Com a tenra idade de 5 anos começou a estudar piano. Com 16 formou seu primeiro conjunto, liderando sete outros rapazes. Por esta época já abandonara a música clássica, dedicando-se de corpo e alma à popular. Com êste conjunto Roberto viajou por todo o norte da Escócia. Tornou-se em pouco conhecido e requisitado para tocar nas principais festas.

Não deixou, por isso, de ganhar bastante dinheiro. E como todo escocês que se preza, guardou bastante também. Seu contrato no Brasil lhe será bem rendoso.

Aos poucos êle começou a sentir a Escócia pequena para seus propósitos e seu talento. Um belo dia, ao julgar que já tinha bastante dinheiro, resolveu seguir o conselho dos amigos:

— Menino, vá para Londres...

Em Londres Roberto matriculou-se na Academia Real de Música para fazer um curso de composição, orquestração e regência. Londres inspirou-lhe a mais elevada dose de deslumbramento que seus 19 anos permitiam.

Nessa época o maestro andava com os pés na terra e a cabeça nas nuvens. Mas êsse estado não durou mais de um ano, pois todo o dinheiro que trouxera da Escócia, ganho com tanto esfôrço, acabava-se ràpidamente.

Até então seu maior empenho resumia-se em tirar o máximo de proveito do curso. Mas logo que Roberto viu as coisas prêtas, saiu a bater nas portas das casas de espetáculos de Londres a procura de emprêgo. De uma a uma ia recebendo enfáticas negativas. Depois de se desiludir de oportunidade em orquestras de hotéis e teatros, quase se desesperou. Mas como é um homem sem bondade, aceitou mesmo tocar em uma "espelunca", em troca da ceia e três libras por semana.

— Foi a melhor coisa que já me aconteceu até hoje. Vivi seis meses assim. Passando fome. Em conseqüência disso hoje sei dar o justo valor a tudo que possuo.

Ao fim de dois anos de estudos na Academia Real de Música foi obrigado a

deixar esta instituição por falta de dinheiro. Passou então a trabalhar com o intuito de ganhar mais experiência e viver melhor.

Desde então já Roberto Inglez acariciava a idéia de vir a formar sua própria orquestra. Já se decidira que tocaria principalmente música latino-americana. Em tôdas as suas horas de folga ficava a escutar a música brasileira através das ondas curtas de seu rádio.

— A música americana, "o jazz", jamais me atraíu. A melodia é elementar, qualquer criança pode fazê-la. Mas o samba, não. É u'a música adulta. — Roberto bate com o punho cerrado no peito. — Sinto-a aqui. E, olhe, não digo isso porque você é brasileiro.

Em 1944, após ter economisado bastante dinheiro para garantia sua e dos músicos, formou sua orquestra, sòmente com escocêses. Explica que os escocêses têm um senso de rítmo muito profundo, e sensibilidade à flor da pele. Diz que é por êste motivo que sua orquestra tão bem executa páginas brasileiras.

Atualmente, no entanto, além de escocêses, sua orquestra têm músicos de quatro outros países: Portugal, Cuba, Panamá e Martinica.

Seu grau de popularidade na Inglaterra pode ser aquilatado perfeitamente ao saber-se que tem um contrato permanente com o aristocrático Hotel Savoy e com a

Com Dircinha Batista, entregou-se todo ao samba.

BBC, embora admita que perde dinheiro para atuar na BBC. Mas a divulgação compensa règiamente êsse prejuízo.

ESTILO. — Foi no ano de 1944 que Roberto Inglez "descobriu" o estilo que o tornaria famoso nos quatro cantos do mundo. Tudo aconteceu ao receber um convite para gravar na Parlophone. Compreendeu, então, que se não criasse um estílo próprio, diferente, seus discos venderiam no início, mas depois teriam forçosamente de ficar esquecidos nas prateleiras das lojas especializadas.

Uma noite sua orquestra tocava no famoso Hotel Savoy. Era uma noite como tantas. Apenas mais fria, talvez, devido ao atroz inverno londrino. Os pares deslizavam gostosamente na pista de dança, embalados aos sons de sua orquestra. Roberto Inglez até então "tocava muito piano", segundo frisa. Improvisava, tirava acordes bonitos, mas seus dedos não cessavam de correr ao longo do teclado branco.

Por volta nas três horas da madrugada, Roberto resolveu experimentar um estílo diferente de execução. Suave, romântico. O piano passou a tocar num tom baixo uma linda melodia; o "French horn" soltou uma linda frase. Os violinos a ecoaram.

— Naquele momento, — conta-nos Roberto Inglez, — descobri que se tocasse sempre assim, minha orquestra estava fadada ao sucesso em disco. Foi o maior passo que dei em matéria de evolução musical até hoje, pois no mesmo instante notei

O pianista e o "bandleader" preparam o recital.

que uns casais se apertavam mais; outros passavam a dançar "cheek to cheek". Enfim, todos estavam inspirados pela música.

Roberto Inglez acertara em suas deduções. Seu primeiro disco marcou êxito invulgar. Levou seu nome para outros países. Hoje é um dos únicos músicos da Inglaterra (embora não seja Inglez...) de projeção mundial. Seus discos são sucessos certos. Sòmente na Grã-Bretanha têm uma venda estável de 15.000 por mês. Vez por outra, ultrapassa esta quantidade.

FIDELIDADE. — Roberto Inglez pouco entende de português, a não ser algumas palavras que não podem ser reproduzidas, provàvelmente aprendidas com algum juiz inglês que já apitou aqui... Antes, porém, de saltar no Rio já encarregara seu secretário, Carlos Araujo, de nacionalidade portuguêsa, a descobrir Dorival Caymmi, pois desejava conhecê-lo. Qual não foi sua surprêsa, no entanto, ao saber que Dorival era seu companheiro de trabalho na boite Casablanca!

Se já era admirador de Caymmi antes de ser apresentado, ficou seu amigo, depois de conhecê-lo. Caymmi foi o único compositor que, tendo oportunidade de aproximar-se do famoso maestro, não aproveitou para pedir-lhe que gravasse música sua.

— Também não precisava, — declara Roberto, — Bastou ver Caymmi para sentir

Ensaiando músicos brasileiros, julgou-os ótimos.

em sua pessoa um grande talento. Em Londres gravarei duas músicas dêsse inspirado compositor baiano: "Nem Eu" e "Coqueiro de Itapoã".

Ao lhe perguntarmos se gravará alguma outra música de autor brasileiro, disse-nos que embora tenha ouvido muitas, ainda não se decidiu sôbre quais porá na cêra, exceto as duas de Caymmi e uma de Haroldo Eiras e Vitor Berbara, gravada por Jorge Goulart: "Teus Olhos Entendem os Meus"

Demonstramos interêsse em conhecer quais os compositores brasileiros de maior popularidade na Inglaterra ao que êle respondeu, depois de pensar por alguns instantes:

— Compositor, por enquanto, só tem um: Ary Barroso, que é o maior responsável pela divulgação da música brasileira no mundo. Geralmente são as músicas que se popularizam e não os autores.

Ainda falando sôbre música brasileira, declarou-nos que gosta da música brasileira por ser a "que mais se aproxima da clássica". Quanto aos músicos, fez questão que o citássemos ao dizer:

— Os músicos brasileiros estão entre os melhores do mundo. Dependendo das circunstâncias levàrei dois para a minha orquestra.

Sua maior surprêsa no Brasil, entretanto, foi a descoberta de Angela Maria. Está realmente entusiasmado com a jovem cantora e preconiza que poderá vir a ser um dos maiores cartazes brasileiros, pois conta com um sentimento invulgar.

Na penumbra da 'boite', o maestro e seu estilo.

Roberto Inglez está satisfeito com esta viagem. Diz que agora poderá executar ainda melhor a música brasileira. Faz sérias acusações a outros "band-leaders" europeus que tocam a música brasileira "à la diable". Geralmente a americanizam, como está acontecendo agora mesmo com o "Delicado" de Waldyr Azevedo, que recebe um tratamento puramente "jazzístico" por parte dos maestros inglêses. Conclui com firmeza:

— De minha parte jamais prostituirei a música...

Esta é a terceira grande razão, aliás, do espetacular êxito de Roberto Inglez: o respeito, a fidelidade que êle, como intérprete, sempre coloca acima de tudo.

Roberto Inglez tinha de ir para o Casablanca. Já passava da meia-noite e já conversavamos desde a tarde. Por isso despedimo-nos. Êle aproveitou a ocasião para através de MANCHETE agradecer a todos os brasileiros pela gentil acolhida e reafirmou que continuará sendo um dos maiores propagandistas de nossa música no exterior.

— Isso não é favor, meu amigo. É obrigação. É um crime que u'a música tão linda não seja divulgada em todo o mundo... — acrescentou, muito convicto.

Compositor e intérprete: cara e corôa da glória.

EARL LEAF pensa assim:

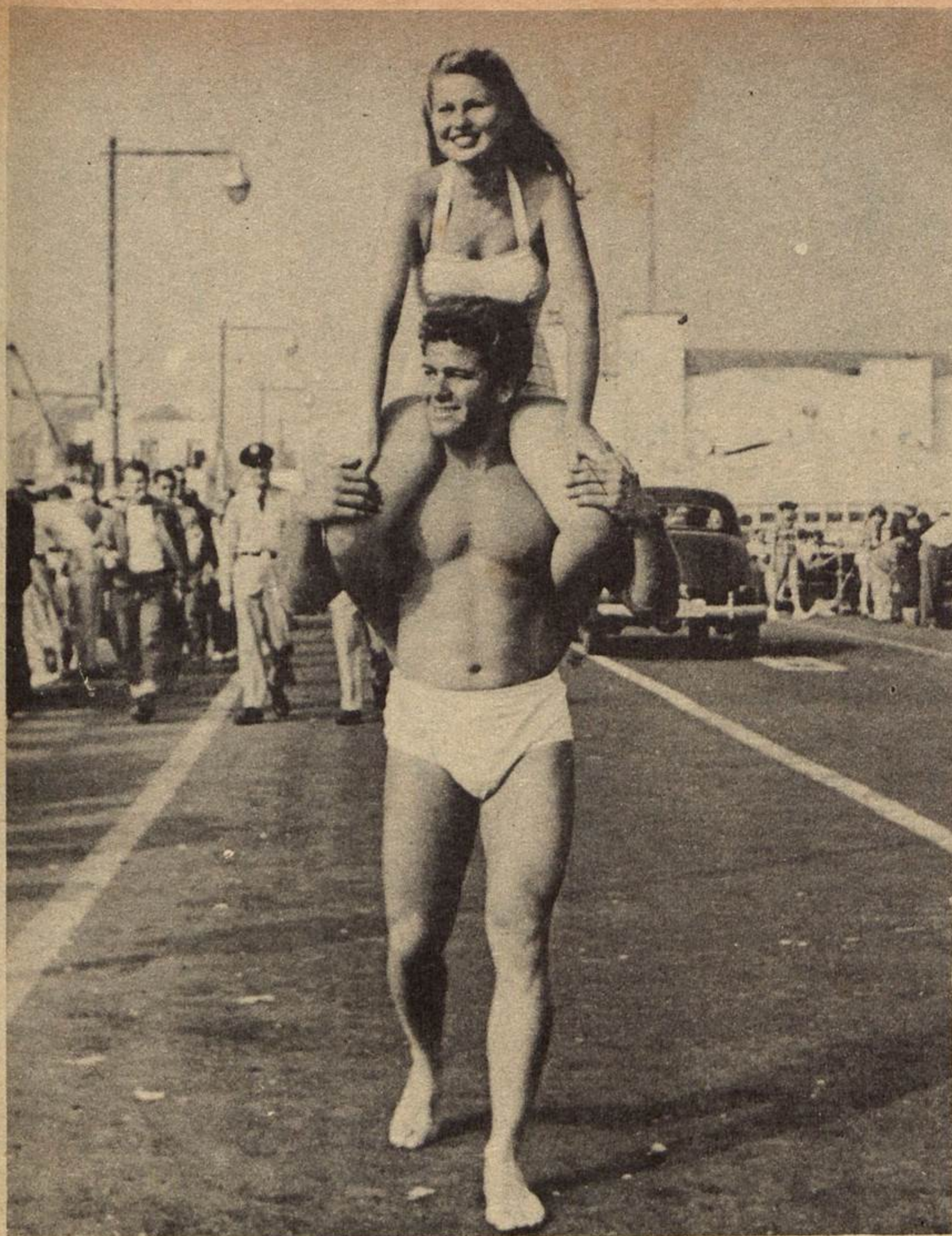
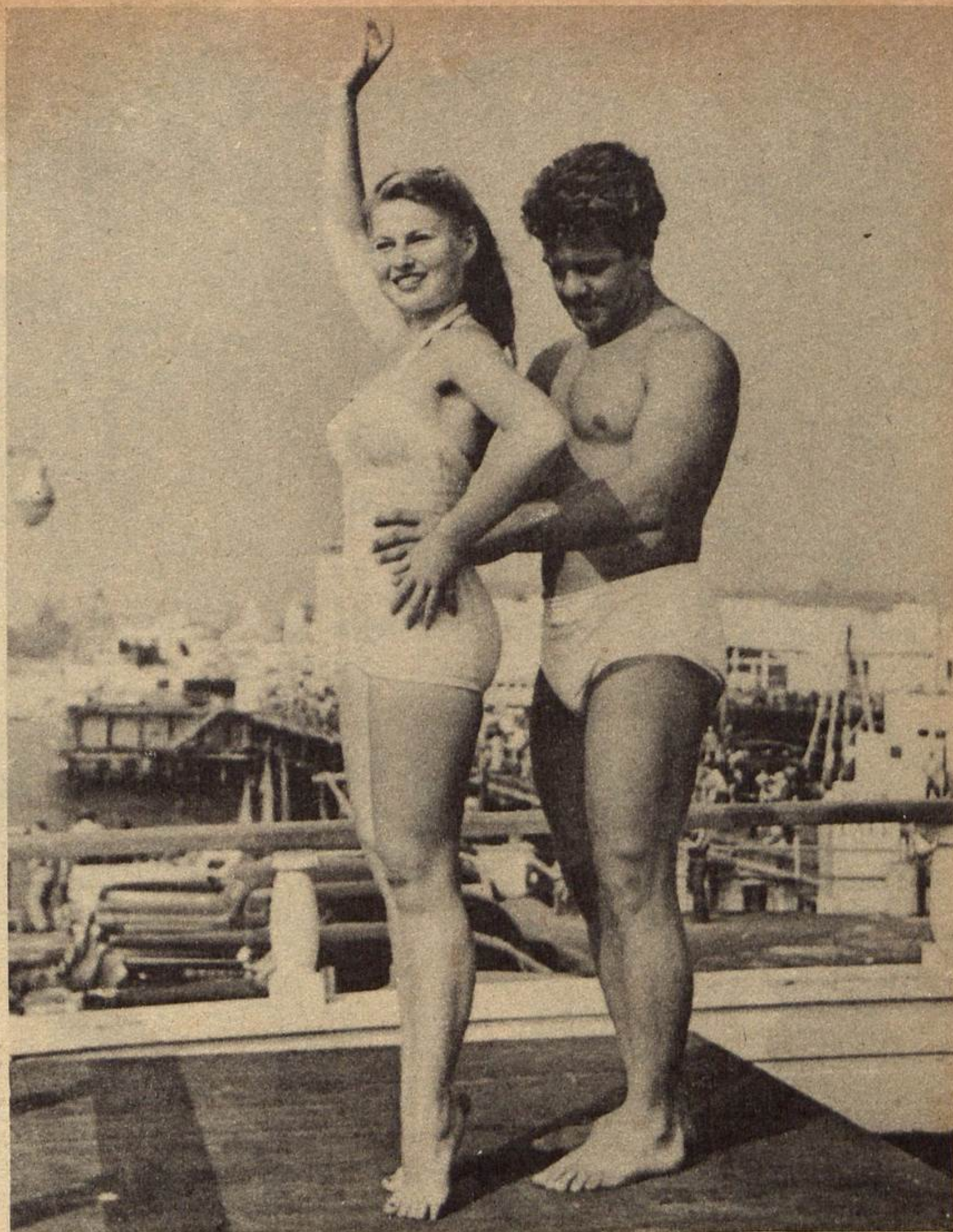
A feialdade não é crime mas a beleza é um despotismo

A suprema conquista: a taça da beleza e elegância.

Especializado na fotografia de Venus e de Apolos dêste nosso vale de lágrimas, Earl Leaf chegou à conclusão seguinte: "a feialdade não é crime, mas a beleza é um despotismo". Com uma câmera em punho e com a determinação profissional de sòmente fotografar homens musculosos e mulheres belas, o mundo se modifica e a humanidade perde prestígio. Começa-se a descobrir que a abundância de gente feia é esmagadora e que a pouca gente bonita que existe adquire uma importância despotica, torna-se ditatorial, passa a ser o centro de convergência do mundo.

Nestas fotos Earl Leaf surpreendeu Venus e Apolos que em Santa Mônica abusavam do direito de se mostrarem favorecidos dos deuses. Em volta dêsses exibicionistas dos dons de berço, os dons inconquistáveis da beleza sã e simpática, há sempre homens fracos e mulheres feias ruminando complexos de inferioridade ou ilusões perigosas. Alguém já observou que a humanidade seria mil vezes mais feia se não se valesse dos cosméticos, das roupas, dos mil artifícios da civilização. Earl Leaf está inteiramente de acôrdo com êsse observador impiedoso.

Esta forma de exibicionismo é comum nas praias e o público é sempre numeroso.

Tal pai... tal filho. Franky Vincent tem sòmente quatro meses e já é adepto da beleza.

Venus e Apolos de Santa Mônica — favorecidos pelos deuses da beleza e do ritmo.

"A feialdade não é crime, mas a beleza é um despotismo". Leaf tem tôda razão.

Neste vôo espetacular é que se pode observar a elegância e a harmonia de linhas.

Há tão pouca gente bonita em comparação com os feios, que esta visão é um prazer.

Foto: de ORLANDO MACHADO

O IMPACTO —

Nosso fotógrafo estava fazendo uma reportagem na Alfândega do Rio e focalizava no momento um leilão de mercadorias apreendidas Quando abriram o caixote caíu um Cristo Crucificado que ao tocar o chão se desprendeu da Cruz. Houve um silêncio pesado e angustioso. Os mercadores se sentiram de repente num templo com todo o constrangimento de sua ganância.

UMA SENHORA CULTA

Conto de HOMERO HOMEM

Imaginai um homem imerso em profundo sofrimento. Pois assim se sentia dr. Emanuel ao voltar do entêrro da espôsa, morta na véspera, em um acidente de automóvel, quando passeava em companhia do major Farias, velho amigo da família.

Entrou em casa como um sonâmbulo, desvencilhou-se do paletó, sentou-se na mesma poltrona onde, tôdas as noites, ficava a olhar a espôsa, que ia e vinha na pequena biblioteca pegada à sala de jantar, arrumando, classificando, folheando livros.

Fôra assim durante muitos anos — pensa dr. Emanuel. Pensa e suspira, suspira e pensa.

E a imagem de dona Cotinha — assim se chamara em vida a mulher de dr. Emanuel — começa a andar pela biblioteca, a manusear livros, a abrir com a espátula de marfim as brochuras cheirando a naftalina e cola de peixe.

— Cotinha, vamos dormir que é tarde...

— Um instantinho só, Manu; preciso acabar êste romance que o major Farias me emprestou.

Dr. Emanuel, apelidado de Manu pela espôsa, bocejava, olhava as unhas e se punha a poli-las, levemente entediado.

Por fim desistia de esperar por dona Cotinha, ia dormir.

No quarto, fazendo planos de trabalho para o dia seguinte (dr. Emanuel era dentista), ainda ouvia por algum tempo o rac-rac da espátula, que dona Cotinha empunhava com sofreguidão, devorando páginas e páginas daqueles livros confusos e dispensáveis (achava dr. Emanuel) que eram a grande paixão de sua vida.

Estavam casados há trinta anos — pensa dr. Emanuel. A paixão de dona Cotinha pelos livros explodira de súbito, aproximadamente cinco anos depois do casamento, quando o filho de ambos nasceu morto. Fôra o major Farias, amigo recente da casa, quem trouxera à primeira brochura:

— Para que ela espaireça um pouco, Manu. Tive o cuidado de escolher algo adequado, uma novela leve de Paulo de Kock.

De Kock, dr. Emanuel só ouvira falar no bacilo. Concordou, tendo em vista a solicitude, o bom-gôsto do amigo, e, principalmente, o isolamento em que ficava dona Cotinha. Afinal êle passava o dia inteiro no gabinete, que ficava na parte superior da casa, descendo apenas para as refeições e o sono de cada noite. Ainda tentou manusear o livro, interessar-se na leitura, mas desistiu com um bocêjo:

— Intrigas de Paris... — e foi dormir.

Enquanto isto a mulher ia lendo, virando páginas, devorando capítulos, acumulando na prateleira, uma ao lado das outras, novas brochuras. Já não se contentava com lê-las de empréstimo. Passara a colecionadora:

— São como filhos que não choram, mas que me fazem chorar... — explicava dona Cotinha, entre enternecida e risonha, a alguma visita espantada com aquêle mundo de papel impresso, cuidadosamente arrumado na prateleira, fazendo vista. E, sem nenhuma combinação entre marido e mulher, a sala começou a ser chamada "a biblioteca". Ali passava dona Cotinha suas horas de lazer, enquanto, lá em cima, dr. Emanuel atendia à clientela.

De Paulo de Kock, sob a tutela cheia de experiência do major Farias, dona Cotinha passara a outros autores: Walter Scott, Stern, Stendhall, Balzac, os Goncourt, Eça, Lobato, Machado de Assis. Não que dr. Emanuel os lesse ou se importasse com êles. Em matéria de leitura nunca fôra além da página política do "Jornal do Comércio" e da "Gazeta Dentária", dos quais era assinante há muitos anos.

Mas à fôrça de ouvir aquêles nomes, invocado sem tom apaixonado pela mulher, dr. Emanuel acabara retendo-os de memória. E de uma feita — recorda — enquanto esgravatava a obturação a ouro do banqueiro Anápio Gouveia, um dos homens mais ricos da cidade, cedera a um momento de fraqueza e entrara a citar aquêles luminares a tôrto e a direito, para mostrar ao cliente fino que êle era alguma coisa mais do que um simples leitor de jornais. Mas o banqueiro o desarmara, fazendo-o verificar a inutilidade daquêle exibicionismo:

— O senhor leu mesmo êsses livro? Pensei que isso de leituras fôsse com dona Cotinha e o major Farias.

Dr. Emanuel sorriu encabulado, confessou que jámais pusera os olhos naquelas leituras. Citava de oitava, acostumado que estava a ouvir aquêles nomes diàriamente.

Acabaram rindo, cheios de solidariedade, enquanto o banqueiro, despedindo-se, pedia a dr. Emanuel que transmitisse seus respeitos a dona Cotinha:

— Uma senhora muito culta, sei de boa fonte. Muito culta.

E foi embora, experimentando contra a língua a resistência do dente de ouro recém-plantado.

Os anos passando... pensa dr. Emanuel. A vida rolando devagar e pacífica como uma moeda na calçada. O trabalho no consultório. A descida à hora das refeições. Os serões passados em casa, êle trabalhando nalguma prótese mais urgente, ela degustando devagar, como uma traça graciosa e cheia de apetite, as páginas queridas.

Duas vêzes por semana, quebrando a monotonia, aparecia o major Farias. Era um homem corado e vivo, de boa aparência, invariàvelmente sobraçando uma brochura que vinha ceder de empréstimo à sua mulher, levando outra em troca. Nestes momentos a casa se animava. Plantando cuidadosamente na fôrma de cêra os dentes brilhantes de algum freguês, dr. Emanuel ficava escutando a palestra, que logo enveredava pelos rasgados caminhos de Zola, descia a Camilo, detinha-se por um instante entre os modernos da lírica nacional (dona Cotinha adorando cada vez mais a Bandeira, cada vez entendendo menos a Carlos Drumond) e por fim ascendia, áspera e difícil, a Nietzsche, Bergson, Kierkeegard.

E assim ia a vida de ambos se esvaindo — cinco, dez, vinte, trinta anos — pensa dr. Emanuel. Prótese e leitura, leitura e prótese, e as visitas bi-semanais do amigo da família.

— Cotinha, vamos dormir que é tarde!

— Um momentinho, Manu; preciso acabar êste romance que o major Farias me emprestou...

A resposta bate clara e familiar nos ouvidos de dr. Emanuel como a lua na vidraça. Experimenta a nítida impressão, misturada à esperança, de que a mulher está lá dentro agarrada ao romance.

Levanta-se da poltrona, uma emoção contida e violenta tomando conta dêle. Empurra a porta e a impressão se esvai. O sumiê desbotado afunda no lugar onde a espôsa se enrodilhava, pequenina e tensa, agarrada ás páginas. A espátula manchada de tinta descansa no chão, como um instrumento jámais usado. Sôbre a mesa, o último livro folheado por dona Cotinha. Dr. Emanuel olha o título entre lágrimas: "Henry Esmond, por William Thackeray". E se põe a manuseá-lo com doçura.

Descobre um período com algumas palavras assinaladas, limpa as lágrimas, põe os óculos para ler melhor:

"Acho que é melhor irmos hoje querida, interrompeu Lady Castellwood. *Podemos tomar um carro,* dormir em Howslow *e chegarmos lá amanhã.* E' meio dia! *Dê ordens para que o carro esteja pronto a uma hora,* primo".

Os olhos do dr. Emanuel se humedecem de novo. Aquêle trecho com passagens assinaladas, lido ao acaso, traz-lhe à memória, com uma clarêza profética, o desastre que, há menos de vinte e quatro horas, se abateu sôbre seu lar: o passeio da espôsa em companhia do major Farias até uma livraria da cidade, onde dona Cotinha ia adquirir as novidades chegadas do sul pelo último navio. Exatamente a uma hora a terrível notícia do acidente, que o deixou atônito, pregado ao chão do primeiro andar, imprestável para tomar qualquer decisão, enquanto o velho amigo da casa, que escapara incolume, corria a providenciar tudo.

E agora, integralizando a sua dor, aquêle período cheio de tão eloqüentes coincidências, assinalado a lápis vermelho pela mão querida que folheara o livro há menos de quarenta e oito horas.

Dr. Emanuel abre para trás, noutro capítulo, numa busca terna e comovida ás últimas emoções literárias da mulher. Lê.

"Você está ficando um grave senhor idoso, e eu uma velha; contudo, amo-o como há vinte e cinco anos".

— Vinte e cinco anos... estranha vagamente inquieto dr. Emanuel. Foram trinta. Trinta anos de felicidade, Cotinha!

E de súbito, como uma flechada cheia de fel, uma idéia trespassa-o. Corre às prateleiras, apanha vários volumes, folheia-os ao acaso, possuído de um horrível pressentimento. E começa a ler, no comêço, no meio, no fim de cada brochura os dísticos assinalados à lápis vermelho:

"Não suporto mais êste isolamento".

"Êle passa os dias lá em cima, como uma ave lúgubre encarapitada em seu poleiro".

"Não deixe de vir quinta-feira. Morro de tédio".

"Ó solidão das coisas desejadas".

"Vem, querido! Aqui suspira a tua amada".

E abominàvelmente grifadas em azul, as respostas correspondentes:

"Êle é um tolo, sei; mas um tolo necessário..."

"Oh! querida, quanto me tarda rever a rua de Grenelle!"

"Meus ossos, no túmulo, ainda te amarão".

Dr. Emanuel está parado, muito pálido, diante das estantes abarrotadas, murmurando obstinadamente: — "Vermelho e azul, vermelho e azul". As mãos ainda fazem menção de apanhar outros volumes da prateleira, querendo saber mais, manuseam novos capítulos de dor e de traição. Por fim desistem, descansam ao longo do corpo, brancas, trêmulas, envergonhadas. E os pés começam a abandonar a sala.

Guia do Fã

CHAGA DE FOGO

Dêste filme baseado numa peça de Sidney Kinsgsley, produzido e dirigido por William Wyler, MANCHETE já emitiu a sua opinião (núms. 20 e 21) O elenco se conduz num alto nível interpretativo, especialmente os coadjuvantes Lee Grant, Joseph Wiseman, Luis Van Rooten e Bert Freed, além dos principais K. Douglas, E. Parker, W. Bendix, C. O'Donnell e G. MacReady. A fotografia de Lee Garmes é impecável na luz e na enquadração. O corte de Robert Swink funcional, preciso. Ótima a direção de cena. Enfim, na forma é grande! Mas no fundo tece uma falsa realidade, escorrega em contradições, é por demais demagógico e mistificador, o que é uma pena! (Par.)

MISSÃO PERIGOSA EM TRIESTE

O cenário é de Casey Robinson e Liam O'Brien; a direção é de Henry Hathaway; os protagonistas são Tyrone Power, Patricia Neal e Hildegarde Neff. Todos competentes, inspiram confiança. O tema é velho: espionagem. Única referência disponível: é um semidocumentário feito em casa... (20th — Fox).

TERRAS DO NORTE

Wendell Corey se fantasia de Polícia Montada para perseguir o criminoso Stewart Granger que se deixa amar por Cyd Charisse devidamente paramentado pelo tecnicolor. Bolas!... Já vimos essa história uma centena de vêzes!... Prognóstico: igual às outras. (MGM).

GAROTAS E MELODIAS

Disfarçadíssima, mas não tanto para enganar um "expert", é esta refilmagem da inesquecível "Cavadoras de Ouro" — a primeira sonora —; versão novíssima, é desprovida de muitos encantos da antiga mas, em compensação, foi acrescida das côres do arco-iris, dos meneios excitantes da saborosa Virginia Mayo e musicalmente renovada. O veterano David Butler dirigiu e o cast acumula Gene Nelson, Dennis Morgan, Virginia Gibson, Lucille Norman, Tom Falcão Conway, S.Z. Bochechinhas Sakall e as boites de Las Vegas, cidade da roleta e do pano verde (Warner Brothers).

A MODA DE PARIS GANHOU

um manequim brasileiro

Reportagem de *CARLOS MOREIRA*

Danuza Leão é uma dessas criaturinhas que sempre exigem um adjetivo. Para as moças de sua geração é considerada um pouco extravagante. As balzaqueanas acham que ela não é tão jovem quanto diz. As gordas opinam que é magra demais e as magras consideram que não é magra, até que é meia gordinha... Para os jovens é uma autêntica uva. Os velhos consideram-na excêntrica e aos Tartufos deve parecer levada da breca. Dos intelectuais, ganha o título, bem na moda, de existencialista. Tudo isso porque nela sobra o que falta em muita gente boa: personalidade.

É capixaba de nascimento, mas carioca, bem carioquinha, para todos os efeitos. Filha do advogado Jairo Leão e de sua espôsa d. Altina Lofêgo Leão, Danuza estudou no Rio, no colégio Sacre-Coeur. Fala inglês, francês e italiano e gosta muito de tocar violão.

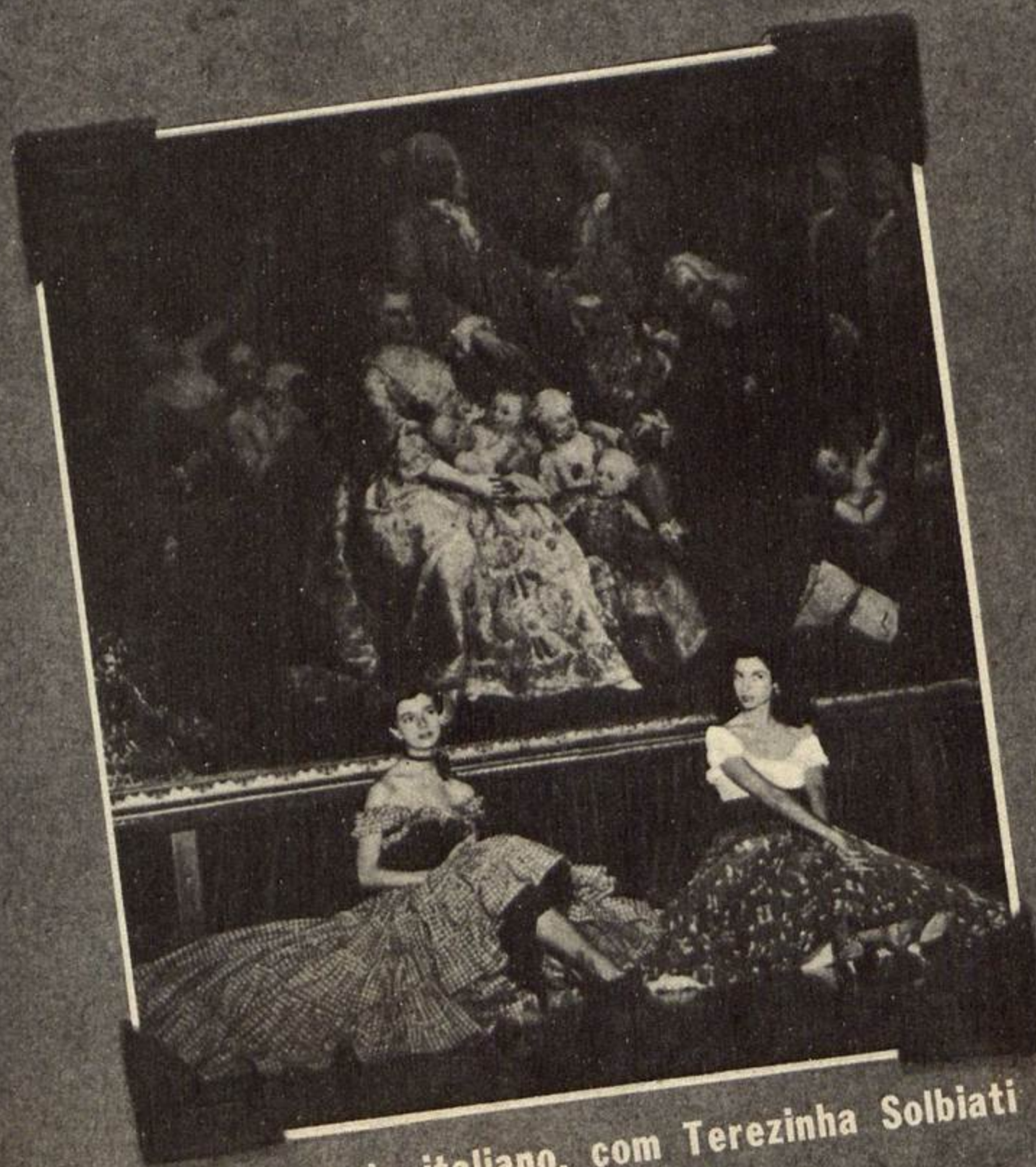
Foi apresentada à sociedade do Rio de Janeiro, no Baile das Debutantes de 1948, então com apenas 14 anos. Em pouco tempo, se projetou, freqüentando as festas mais elegantes da cidade. Numa festa de caridade realizada no "Golden-Room" do Copacabana, desfilou com senhoras e senhoritas da sociedade, destacando-se como uma das mais elegantes e graciosas. Parecia até um manequim profissional. Passou, então, a ser figura obrigatória em outros desfiles de fins caritativos. Viajou pela Europa, brilhou nos salões da aristocracia italiana e nas "boites" de Paris. Esteve no Festival Cinematográfico de Punta del Leste, no Uruguai, onde concedeu autógrafos, confundida com as celebridades de Hollywood e do cinema europeu. Ali, por ter-se portado de maneira inconveniente em sua presença, Daniel Gelin, o astro do cinema francês, foi esmurrado pelo jornalista brasileiro Jacinto de Thormes. Posteriormente, Gelin, curado do pileque, pediu desculpas a Danuza e os dois ficaram bons amigos, como apareceram numa reportagem da revista "Rio" (Abril de 52).

Danuza, fora dos salões e das 'boites", gosta de se vestir esportivamente e com a maior simplicidade possível. Na capital baiana quando da inauguração do Hotel da Bahia, como hóspede especialmente convidada por sua direção, passeou pela cidade, vestida com um macacão zuarte, que se destinava a um faxineiro do modernissimo estabelecimento. É claro que seu traje deu muito que falar...

No álbum de família, com apenas 4 meses

Com 7 anos, quando morava em Vitória

Na Bahia, com macacão de faxineiro

Numa "boite" carioca, tomando champanhe

Num castelo italiano, com Terezinha Solbiati

Ainda com Terezinha, num canal de Veneza

Danuza gosta do ar livre

FOTOS DE OLDAR FROES

Por causa de Danuza, o astro francês Daniel Gelin foi esmurrado em Punta del Leste. Depois ficaram bons amigos.

Apesar de ser frequentadora assídua de "boites" e salões de festas, Danuza gosta muito da vida ao ar livre.

Nas festas e reuniões, Danuza aparece sempre impecàvelmente trajada, mas para ir à praia, veste-se com simplicidade.

Sol, ar livre e banhos de mar constituem a predileção do novo manequim de Fath.

FUNCIONAL

A graça, a beleza e a simplicidade de Danuza Leão bem se harmonizam, aqui, com a arquitetura funcional do Ministério da Educação e Saúde. A arquitetura brasileira já tem sido exportada e faz grande sucesso no estrangeiro, notadamente na França. Danuza, agora em Paris, como manequim de Jacques Fath, exibirá a elegância da mulher brasileira.

MANEQUIM BRASILEIRO *(Conclusão)*

Danuza Leão enfeitando três chapéus diferentes.

Sua última travessura foi se tornar manequim profissional em Paris, onde ainda se encontra. Como convidada dos "Diários Associados", estava na festa de Jacques Fath, em seu castelo de Corbeville, quando foi "descoberta" pelo famoso costureiro. Fath, impressionado com a elegância natural de Danuza, ofereceu-lhe um contrato de 100.000 francos mensais, para passear seus vestidos. E a travessa Girafinha — é êste o seu apelido, na intimidade — não hesitou. Espera, agora, continuar em Paris, dispensando a boa mesada que o pai lhe manda. E foi assim que a capital da moda ganhou o primeiro manequim brasileiro — Danuza — que, com 19 anos, será provàvelmente o mais jovem modêlo de modas do mundo.

Desfilando numa festa de caridade, no Rio.

Foi na festa de Jacques Fath, no castelo de Corbeville, que o anfitrião "descobriu" Danuza Leão. Aqui vemos o brotinho capixaba em companhia do famoso costureiro e de seus mais lindos modelos.

FOTOS DE CARLOS E KASMER

O gerente geral da organização de Jacques Fath abraça, entusiasmado, o novo manequim contratado pelo rei da moda parisiense. O jornalista brasileiro Jacinto de Thormes, ao lado, mostra seu contentamento.

O sósia do presidente

Conto de *MOYSÉS DUÉK*

O Lopes, assim que acertou na loteria, ficou um tempão com o dinheiro guardado no Banco, sem saber em que empregá-lo. Quando, afinal, foram lhe falar numa mina de prata em Rio Doce, seus olhos tiveram um brilho novo, a testa ficou luminosa, os lábios fizeram um sorriso, as narinas se ampliaram para melhor penetrar o ar com que encheu os pulmões. Aí estava — uma mina! E o corretor sabia insuflar em seus ouvidos: "Rio Doce é um sonho, senhor Lopes. Tudo verde, uma linda campina com bolas roxas de quaresma e bolas amarelas de acácia. Uma estrada de ferro paralela a um córrego cantante e cristalino, umas vaquinhas mansas e dadivosas comendo e fertilizando o capim. As casinhas antigas e bonitas e umas duzentas famílias, se tanto. E todos amigos, simples, sinceros, bons como Deus quer os homens. E quando o senhor comprar a mina de prata, Rio Doce será seu, com suas pastagens, com suas casas, com suas almas".

Ora, o Lopes, embora seja um ótimo sujeito, não deixava, por isso, de ser um simples ser humano. É claro, quem compra um bilhete espera ganhar — mas a possibilidade é tão remota que o Lopes nunca se deteve em pensar o que faria se ganhasse, um dia, uma fortuna. E a fortuna chegou e o Lopes não estava nada preparado para ser o dono dela. Eis porque ficou vaidoso — e, para isso, muito ajudou a bajulação e o servilismo com que o cercaram os amigos (e nunca pensou ter tantos!), os parentes, os conhecidos — e até alguns desconhecidos que pareciam estimá-lo mais que a si próprios. O Lopes gostou disso — e viu, em Rio Doce, um pequeno reino onde, graças ao seu domínio financeiro, êle gozaria de prerrogativas extraordinárias.

Resolveu, afinal, ir a Rio Doce ver a mina de prata para decidir-se sôbre o negócio.

Tomou o trem e partiu. Ah, a viagem! Os sonhos que criou, na viagem! O prestígio social e político, a admiração que despertaria por seus dotes de bondade, por sua caridade, por seu caráter reto! Ah, sim, podia ser pecado aquela vaidade, mas os seus projetos eram tão puros, tão santos que, certamente, seria perdoado.

Foi às 10 horas da manhã — uma radiosa manhã de sol — que o trem que trazia o Lopes aproximou-se de Rio Doce.

Se no coração do Lopes os sentimentos e a emoção tumultuavam dominando-o, entre a população de Rio Doce a excitação não era menor. Nunca, em tôda sua vida de pequenina cidade, tão grande acontecimento iria se desenrolar. Todos os negociantes sairam de suas lojas, as donas de casa retiraram as panelas dos fogões, as mães carregaram seus nenens, a professora conduziu seus pupilos organizados em fila pelas ruas, o padre afastou-se do altar, o Dr. Promotor largou seus pro-cessos, o médico os seus clientes, os doentes as suas camas — e todos, todos, todos os seres humanos de Rio Doce e de um ráio de duas léguas vieram à plata-forma esperar o Chefe da Nação que, acabando [illegible] vencer eleições, numa simpática atitude para com [illegible] Estado que, relativamente ao seu número, mais vot[illegible] nêle, corria tôdas as suas cidades, municípios e vi-rejos, como prova de agradecimento. Rio Doce, e[illegible]

bora sabendo que o Presidente não passaria por lá se não fôsse a Serro Largo, que lhe era caminho, ainda assim estava muito satisfeito com a visita e esperava receber tão ilustre visitante pondo em prática um programa monumental.

Não fôsse a extraordinária parecença que há entre o Lopes e o Presidente, nada do que vou contar teria acontecido. Exatamente quando o trem entrava na estação, a banda executou o dobrado "Rio Doce, meu tesouro", com letra do Prefeito. O Lopes meteu a cabeça para fora da janela e ficou surprêso com a festança que presenciava. Logo deram com êle e, pensando que fôsse o próprio Presidente, fizeram tal alarde ("Aqui está êle! Olhe êle aqui!") que deixou o Lopes atônito. Ainda assim, segurou sua mala e veio para fora, mas o povo apinhou-se em volta dêle e, com tôda a solicitude, aliviaram-no da bagagem. O trem partiu. Lopes estava aturdido, mal dando conta do que acontecia. "Por aqui, Excelência, por aqui". Olhou para cima e viu que a beirada do telhado da estação, em tôda a volta, estava enfeitada de bandeiras e de flâmulas verdes e amarelas, entrelaçadas. Batiam-lhe palmas e êle, sinceramente emocionado, agradecia com um gesto largo, enquanto balbuciava: "Boa gente! Boa gente!"

— Excelentíssimo! Sou o Prefeito dêste humilde lugar — e, numa curvatura, apertou-lhe a mão.

— Humilde lugar! — fez o Lopes. — Isto é o paraiso.

E o padre dirigindo-se a êle:

— Sou o pastor destas ovelhas; um vigário quase inútil, ante tanta virtude.

O Lopes — verdade se diga! — sem o menor cálculo, instintivamente, levou os lábios à mão do padre — e êsse gesto de humildade cristã cativou completamente tôda a população.

A um sinal, a banda executou o Hino Nacional que foi ouvido por todos em respeitoso silêncio, ignorando as numerosas desafinações. Depois da salva de palmas, o Prefeito fez esta pequena oração:

— Excelentíssimo! Nós, os modestos moradores de Rio Doce, sentimo-nos verdadeiramente emocionados, e mais: orgulhosos com a chegala de V. Excia. à nossa terra. V. Excia. nos escolheu, quando aqui saltou. V. Excia., tão qualificado, um brasileiro tão nobre e poderoso, assim que soube de Rio Doce, não deixou de vir. A vitória de V. Excia. representa muito para nós. E o carinho, a sinceridade de nossa acolhida bem mostra a felicidade que sentimos quando, ao lermos os jornais do Rio e ao ouvirmos as estações de rádio, soubemos do resultado da apuração.

Todos bateram palmas, o Lopes agradeceu, mas, apesar da emoção, não pôde deixar de se surpreender que em Rio Doce acompanhassem a apuração dos bilhetes de loteria e — muito mais! — que se tivessem alegrado com a sua boa sorte, se nem ao menos o conheciam.

— Concluindo, Excelência, rogo de coração, em nome de tôda esta comunidade aqui reunida, que empregue os seus poderes em benefício de Rio Doce, para que tenhamos uma população sadia e laboriosa. Receba, assim, Excelência, os melhores votos de boas-vindas de Rio Doce.

Houve palmas e aperto de mãos entre o Lopes e o Prefeito. Neste justo momento Gaspar, o fotógrafo, registrou o gesto simbólico numa chapa.

Logo, dando seguimento ao programa, uma pequenina de cabelos louros foi até o homenageado e entregou-lhe um enorme ramo do flôres. As palavras que ela decorou e que laboriosamente ensaiou, afinal, não foram ditas, tanta foi a emoção que sentiu. Mas nem porisso foi menos tocante a cena que mereceu de Gaspar outra chapa.

O Lopes, solteirão frustrado, carregou a criança; a jovem mãe, que a tudo assistia, chorou de comoção e de vaidade.

Depois, sempre com a pequerrucha no colo, o Lopes falou ao povo de Rio Doce:

— Meu bom povo. Não sou orador — como vós ireis constatar. Sou um homem como todos vós, apenas bafejado pela sorte. O que me aconteceu não me envaidece porque eu não consegui por valor pessoal, mas pela sorte. O número... Ora, vós sabeis de tudo. Não fui o primeiro a tirar a sorte grande. Nem serei o último. Quem sabe se o próximo eleito será alguém de Rio Doce? Meus irmãos! Tudo que desejo dizer-vos é que Rio Doce entrou no meu coração. E nada pouparei para vós. Escolas, hospital gratuito, estádio de esportes, diversões, tudo tereis. Tenho dito.

As ovações não cessavam. A emoção dominava a todos. Atiravam-lhe flôres e, enquanto o Prefeito conduzia o Lopes por baixo de uma fila de arcos de folhas de palmeiras, a banda tocou a marcha favorita a vibrante "Salve, Jaú!"

Foram à casa do Prefeito. Enorme mesa estava armada no jardim, à frente da casa. Galinhas assadas, leitões recheiados, pratos rebrilhando sôbre a melhor toalha de linho da cidade — foi do enxoval de casamento da mulher do Chefe da Estação, viuvo já há mais de vinte anos. Limonada fresca foi servida em copos (lembrança da sogra do Dr. Evandro, o médico de Rio Doce). Os pratos foram preparados por tôdas as senhoras que trabalharam em conjunto durante quatro dias e três noites. Embora só as personalidades tomassem parte na mesa, tôda a população participou do maior banquete já realizado em Rio Doce. E, depois de terem servido os doces que não se contentavam em ter apenas bom paladar mas, também, uma apresentação artística, o Lopes, apoplético de emoção, disse amigàvelmente, confidencialmente ao Prefeito:

— Amigo, a satisfação se empana ante o meu receio de não poder corresponder à altura.

O Prefeito, a quem as grandes emoções perturbam a rapidez de raciocínio, não encontrou palavras para responder. O tratamento de "amigo" foi o que motivou tal estado no Prefeito.

Uma mulher aproximou-se do Lopes e contou tôda uma triste história de misérias, ao que êle respondeu:

— Não se importe, minha filha, seu marido será aproveitado na mina.

Então a mina seria explorada? Uma onda de entusiasmo se espalhou. O Govêrno, então, iria explorar a mina de prata abandonada há tantos anos! Quantos não iriam, afinal, obter trabalho! Rio Doce voltaria a florescer!

— Isso sim, Excelência! Isso será a melhor coisa que nos poderá acontecer: a exploração da mina significaria trabalho e bem-estar para todos.

Uma mulher aproximou-se dêle e quis beijar-lhe a mão. Lopes impediu o gesto e passou o braço pelos ombros dela.

Foi neste justo momento que um rapazola aproximou-se, correndo, e, parando junto ao Prefeito, disse-lhe:

— Êste telegrama chegou agorinha.

O Prefeito meteu-o no bolso, mas o Lopes disse-lhe:

— Leia-o, amigo.

Então o Prefeito desdobrou o papel e leu: "Presidente República cancelou viagem Rio Doce". E seguia-se a assinatura do Prefeito de Serro Largo.

— Veja, Excelência — disse o Prefeito rindo — veja se a gente pode confiar nas pessoas que devem ter responsabilidade.

O Lopes leu e, imediatamente, ficou amarelo, da côr do limão. Compreendeu tudo, logo. Sim, êle sabia que era parecido com o Presidente da República mas nunca pôde imaginar que fôsse passar por êle; então foi por isso que... Oh!

— Sr. Prefeito...

— Pronto, Excelência...

— Que Excelência?

— V. Excelência...

— Eu não sou Excelência. Quero pôr os pingos nos ii. Sou o Climério Lopes.

O Prefeito achou graça no que pensou ser brincadeira, mas a sua cerimônia não lhe permitia rir-se de uma pilhéria do Presidente.

— Estou numa terrível situação, Sr. Prefeito. Sou parecidíssimo com o Presidente da República mas... mas não sou êle. E agora? Eu devia ter percebido... Eu devia...

— Mas então?...

— Isso mesmo, Sr. Prefeito. Estou desolado.

O farmacêutico, que a tudo ouvia, não se conteve:

— Desolado? Desolado? Meu amigo, desolados estamos nós! Estávamos na doce ilusão de que era o Presidente em pessoa que nos visitava e, afinal, é...

— ... é o Lopes.

— É um Lopes! — esbravejou o Coletor que fazia cálculos de melhoria.

A notícia espalhou-se. Os mais controlados limitavam-se a olhá-lo com rancor.

— É lamentável! Mas que culpa eu tenho?

Ninguém pensava numa resposta a essa pergunta. Não era a culpa que importava. Era a perda de fantasiosas ilusões que cada um habitante criou naquelas horas. Era a triste resposta que tiveram os seus sonhos irreprimidos.

A tristeza, a decepção substituiu a alegria irrequieta.

— E eu que pensava ficar aqui para sempre...

— Comprar a mina... A mina de prata...

— A mina? Mentira...

— Juro! Ganhei a sorte grande na loteria e me aconselharam a empregar minha fortuna na exploração da mina. Vim aqui para vê-la. E pensava que fôsse por isso que me homenageavam.

— Então, Lopes — perguntou o Prefeito — você quer explorar a mina...

— Queria. E até já estava estimando tôda essa gente. E estava resolvido a tudo fazer por todos êles; criar escolas, hospitais, campos de esporte...

— Então queria explorar a mina...

— Queria... Mas agora... agora... agora todos me odeiam... Matei as ilusões... Acordei-os de um sonho grandioso... Pensavam apertar a mão do Presidente da República, mas...

O Prefeito torcia o guardanapo:

— Se você quer comprar a mina, mesmo que não faça nada do que prometeu, desde que você dê trabalho a essa gente — isso é muito mais para êles, para nós, é muito melhor do que almoçarmos com o Presidente da República.

O sangue subiu às faces do Lopes. Êle estava tentado, mas não se decidia.

— Fique, Lopes — pediu o Dr. Evandro, o médico. — Trabalho é progresso. Trabalho é saúde. Ajude a todos dando trabalho. Fique e explore a mina.

— Fique com a mina! — pedia um velho. — Na mocidade trabalhei nela e conheço os seus filões melhor do que minhas veias da mão. Conte comigo

— Tenho cinco filhos varões; são dez mãos para lhe arrancarem a prata da terra — disse uma velhinha.

— Venha ser um dos nossos, meu filho — pediu o cura.

E todos já o rodeavam. Em seus olhos voltou a esperança. E as exclamações renovaram-se — mas a emoção, desta vez, era maior, porque sentiam (depois da desilusão) que o Lopes era um igual. Numa fração de segundo, perderam a cerimônia. Punham a mão em seu ombro, fixavam-no nos olhos, de frente.

— Silêncio! — ordenou o Prefeito.

Rio Doce, ali reunida, emudeceu. O cão da marcenaria latiu. Distante, ouviu-se a música dos eixos das rodas de um carro de bois. O sol fincava o queixo na ponta do Morro da Graça e espiava a concentração de tôdas as almas de Rio Doce.

E, pondo as mãos nos ombros do Lopes, o Prefeito perguntou-lhe:

— Então, responda, não quer ajudar a essa gente que tanto espera de você?

Só então o Lopes levantou-se:

— Meus amigos... — Houve uma pausa em que, com a unha, êle desenhou várias paralelas na toalha de linho que o Chefe da Estação vinha guardando. E, depois de limpar o pigarro da garganta, voltou a dizer: — Meus amigos... Ora, se nós somos amigos, como é que iríamos nos separar? Claro, estou com vocês. A mina é nossa!

— Vivôôô! Vivôôô!

Levantaram-se os copos numa grande saudação, em meio a ensurdecedora algazarra. Todos se abraçaram. Don'Aninhas, quando viu, estava abraçada a Dona Maria Pia, com quem não falava há mais de dez anos; mas se apertaram mais uma na outra e os que estavam perto cumprimentaram-nas pelas pazes. O velho Eugênio, que perdeu, ainda rapaz, uma perna com uma chifrada de touro, largou a muleta e ficou pulando com uma perna só feito Saci Pererê. E, muitos dias depois do fato passado, ainda houve quem afirmasse que o Zito Gama, que nasceu mudo, naquele momento, falou!

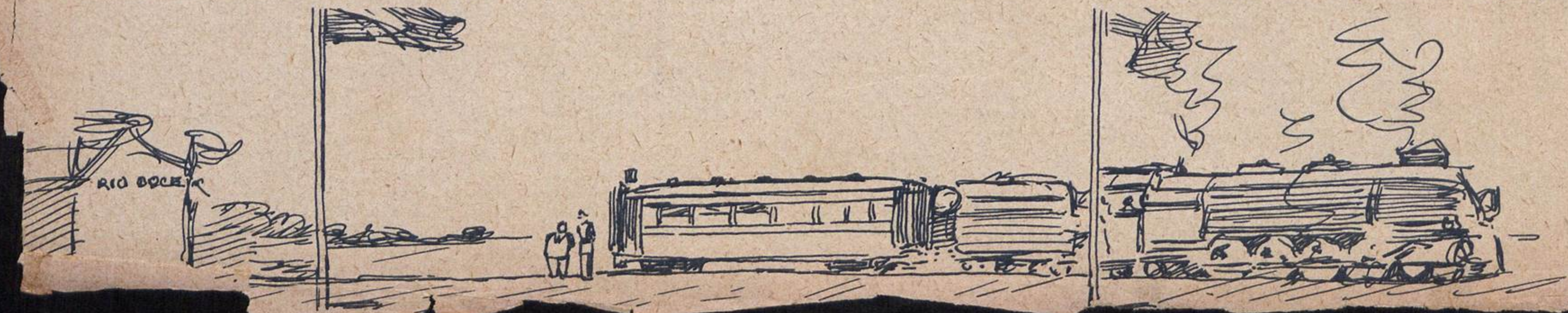
Pouco depois, o estafeta veio correndo com um papel na mão e entregou-o ao Prefeito.

O Prefeito abriu-o, sem pedir licença ao Lopes, e leu: "Retifico último telegrama Presidente República passará Rio Doce com atrazo três dias pt Trajeto verdadeira consagração" — e novamente a assinatura do Prefeito de Serro Largo.

— Que o Presidente vá às favas! — disse o Prefeito. E logo voltando-se ao Lopes: — Temos muito que trabalhar. Precisamos agir em conjunto. Você dá o trabalho; eu mantenho a organização.

Foi só de madrugada que o povo dispersou.

Quando, afinal, dali a três dias o Presidente da República passou por Rio Doce, tal foi a indiferença com que foi acolhido que não se demorou nem cinco minutos. E, enquanto o trem presidencial partia, o secretário particular, que programou a excursão, assim justificou o desapontamento:

— Execelência, certamente Rio Doce é da oposição.

ROTEIRO NOTURNO

(DE COPACABANA)

PARA TURISTAS DESPREVENIDOS

Reportagem de HELIO FERNANDES

ONDE SE COME BEM E ONDE SE COME BARATO — RESTAURANTES ESPECIALIZADOS EM COBRAR CARO — UÍSQUE A 25, 30, 40, 50 E 90 CRUZEIROS — CANTINA, A MAIS RECENTE INVENÇÃO — SOBREMESAS PELO CREDIÁRIO — NÃO ESQUECER A ADVERTÊNCIA DE PADILHA: "A MAIOR PARTE DE COPACABANA VIVE DE SEXO".

COPACABANA é uma cidade que cresceu dentro e ao lado de outra cidade, com seus vícios, seus defeitos, suas virtudes e seus problemas. E êsses problemas e êsses vícios têm origem na espantosa densidade demográfica — 325 mil habitantes — de um bairro que nasceu exclusivamente residencial — e familiar — e abriga hoje talvez a mais cosmopolita de tôdas as populações.

Milionários, políticos, intelectuais e gente bem, ocupam o mesmo espaço físico que aventureiros de tôdas as nacionalidades. A nata da sociedade burguêsa e o que a espécie humana já produziu de mais sórdido, confundem-se, misturam-se, empurram-se, na conquista feroz e solitária do direito de viver.

Durante o dia Copacabana é uma cidade mais ou menos normal. Suas lojas sempre cheias, e suas ruas coloridas pela algazarra de uma população exclusivamente feminina, não diferem muito de outras lojas e de outras ruas, de qualquer outro lugar.

Mas, quando Copacabana mergulha na noite, é um outro bairro que surge, é uma

outra vida que começa a ser vivida por outros personagens. Embora o cenário continue o mesmo.

E é essa Copacabana que vamos apresentar hoje. A Copacabana noturna. A cidade miseràvelmente explorada pelos bares, boites e restaurantes. A cidade que depois de lutar inùtilmente contra a falta dágua, a sujeira e a exploração, enfrenta o problema de como se divertir. Os turistas ainda não acostumados com Copacabana, desprevenidos e confiantes, poderão também servir-se dêste roteiro. E se divertir sem esquecer a frase famosa — e verdadeira — do Comissário Padilha: "a grande maioria de Copacabana vive do sexo".

•

Se o turista começar seu giro pelo posto 1, não poderá deixar de entrar no VOGUE. E se entrar vai conhecer a boite que já foi a mais famosa e concorrida do Rio de Janeiro. Propriedade do antipático Stuka — também chamado de Barão — mas com o simpático Luiz como maitre. Muitíssimo frequentada pela alta roda. Já houve tempo que se dizia em Copacabana que tôdas as festas terminavam no Vogue. Mesmo depois das 5 da manhã. Seus preços são de arrazar. Uma dose quase invisível de um uísque não muito ilustre — "Teatcher", "White Label", "John Haig" custa 70 cruzeiros. E quando o uísque tem um "pedigree" conhecido pela grã-finagem — "King's Ranson", "President", "Queen Mane" — a dose pode chegar até 90 cruzeiros. O prato especial da casa é o picadinho à baiana que é devorado pelos notívagos com estalinhos de satisfação. Mas em verdade é bem inferior ao que é servido nas madrugadas do Copacabana.

A grande sensação do Vogue, no entanto, é a sua feijoada dos sábados rigorosamente digerida pelos gastrônomos do bairro. E bem barata. "O leão de chácara" é o simpático Athayde. Simpático mas meio perigoso. Antes havia Linda Batista quase sempre. E quase sempre cantoras francesas. Mas depois que o barão brigou com a mais famosa das Batistas, as francesas ficaram absolutas, atravessando o Atlântico quase semanalmente. Muito frequentado por gente bem e afins. Principalmente afins. Algumas figuras são diárias e intransferíveis. O Senador Alencastro, os irmãos Schiller, os Sueds — "meio dia" e "meia noite" — o Ministro Mauro de Freitas eternamente com cara de sono, e o disponível Soares de Pina. O Dr. Beijo Vargas também costuma aparecer. Mas só quando o irmão está por cima. Já foi muito frequentada por intelectuais boêmios. Mas hoje não atrái nem boêmios intelectuais.

•

Em frente ao Vogue existem agora mais duas casas. O CHEZ RUFFIN, de propriedade de um ex-cozinheiro do Copacabana e cuja falência é esperada de 24 em 24 horas. Sempre vazio. Os incautos ou displicentes que por descuido ou ignorância ousam atravessar as suas portas, têm que pagar pelos freguêses que não aparecem.

Um jantar normal — um filé com fritas, uma cerveja, e uma salada de frutas como sobremesa — vai andar beirando pela casa dos 100 cruzeiros. 82 para ser mais preciso. Mas se o freguês tiver a coragem de pedir um prato especial, então a exploração não terá limite.

A **TASCA** — também em frente ao Vogue — é a nova sensação de Copacabana. Via de regra suas noitadas terminam no dia seguinte. Às 10 da manhã quando a cidade já está plenamente entregue ao trabalho, a Tasca ainda está despejando gente. Sua freqüência é a pior possível. E de todos os sexos. Feminino, masculino, e indefinível. Brotos, mocinhas e balzaqueanas, confraternizam lindamente com rapazes de 16 a 60 anos. Se o turista curioso quiser passar uma noite perigosa, não pode deixar de ir conhecer a Tasca. Seu proprietário é o Leopoldo. Mas quem dirige mesmo a casa é a simpática Lígia que já foi do Pôsto 5. Seu uísque é brabo e falsificado. Mas os preços são autênticos. No balcão pode se tomar alguns refrigerantes por um preço camarada. As brigas geralmente só começam depois das 4 da manhã. Sua freguesia é a mais heterogênea possível. E muitos só vão lá de passagem para ver o ambiente. Aos sábados fica gente até na calçada esperando mesa.

•

Se o turista não gostar da Tasca — e é certo que não gostará mesmo — e quizer conhecer um ambiente diferente, pode andar duas quadras, e entrar no **MAXIM'S**. Um "chasseur" corretamente vestido lhe abrirá a porta, e êle estará frente a frente com o Fredy, o mais simpático e agradável dos donos de bar. Pagará por um uísque excelente apenas 40 cruzeiros. Com direito a um ótimo canapé de anchova ou de queijo, frios e azeitonas. Sem falar em amendoim. Poderá conhecer algumas celebridades, como Rubem Braga, Vão Gôgo, Joel Silveira, Lúcio Rangel, Cavalcante, Michel Simon, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos. Uma vitrola com discos bem selecionados, uma luz bem dosada e um ambiente agradável, e eis o Maxim's.

Logo em frente está o **MICHEL**, o grãfiníssimo Michel. Seus freguêses são quase os mesmos do Maxim's. Mas o mesmo uísque servido pelo Fredy a 40 cruzeiros, custará aqui, 55. Há um pianista muito bom — o maestro Cesar Siqueira — que toca magnificamente e conta histórias tristíssimas de uma paixão que não quer morrer.

Entre o Michel e o Maxim's — 2 bares — está o **LE BISTRÔ** — restaurante. Frequentadíssimo pela grã-finagem. Seus preços são astronômicos. Mas os grã-finos pagam com olhar e o gesto de indiferença. Êles adoram ser explorados. Um modesto "strogonoff", uma sobremesa normal, e nada de bebida e o freguês pode contar com 150 cruzeiros na nota. A gorgeta é obrigatória. 10 por cento que já vem somado com a despesa. Mas o garção fica rondando e se você não der mais qualquer coisa por fora, não tenha dúvida que ficará "marcado".

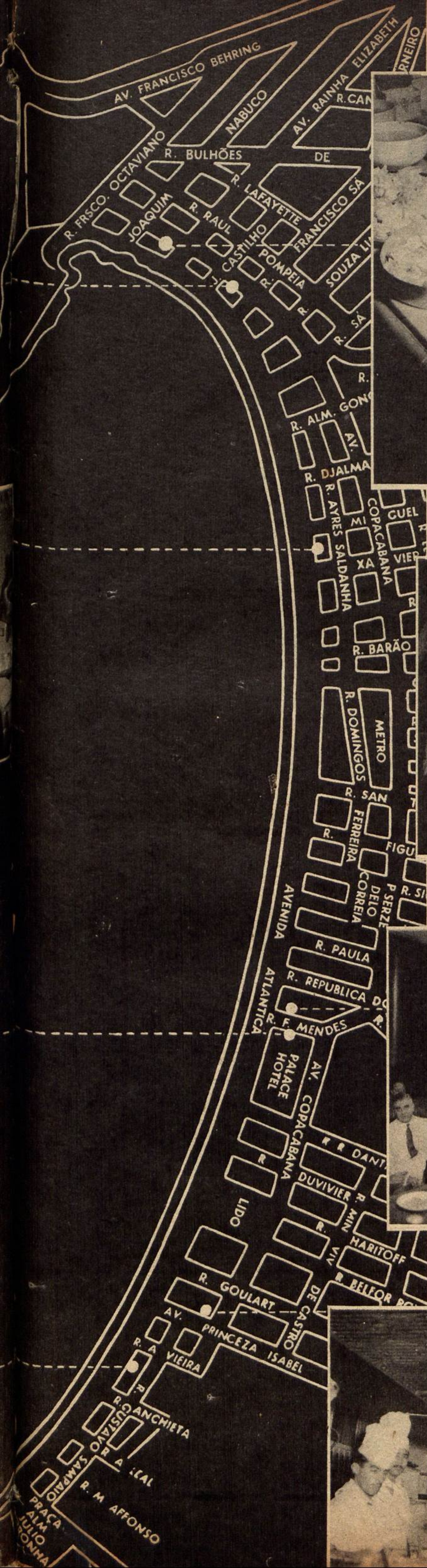
•

Um cafèzinho em pé, na esquina de Siqueira Campos e Copacabana, num antro que se chama **"CAFÉ PERNAMBUCO"**. E tomemos o rumo da famosa boite **BALALAIKA**, situada no local mais perigoso de Copacabana, precisamente no ponto em que o morro se funde com o asfalto. Seu proprietário, leão de chácara e espancador-chefe, é o conhecidíssimo Rocha, detetive do Departamento Federal de Segurança Pública. Frequentado por infelizes, ladrões, caftens, trabalhadores, homens de vida,

PERROQUET

POSTO 5

LE BISTRÔ

BAMBÚ

RANCHINHO

BALALAIKA

MAXIM'S

VOGUE

fácil e mulheres nem tanto. Antigamente havia uma pista de dança, e as mulheres tristes que rodopiavam sem graça eram chamadas perversamente de taxi-girls. A cada 2 minutos de música um furinho no cartão lembrava ao bailarino incauto que 3 cruzeiros teriam que passar para os bolsos do "seu" Rocha. A bebida predileta da casa é a cerveja. 10 cruzeiros é o preço de cada garrafa. Mas quando alguém toma uísque — muito raro — tem que pagar 50 cruzeiros por uma dose brabíssima. Comida da pior espécie, por preços astronômicos. Há um show à meia noite, que devia ser terminantemente proibido. De vez em quando a polícia aparece e faz uma limpeza no salão. Mas via de regra os freguêses estão alertas. Êles sabem que o preço da liberdade é a eterna vigilância.

•

Visitemos agora a Cantina **SORRENTO** no ponto extremo de Copacabana. Seu proprietário é italiano — não poderia deixar de ser — e tem uma casa semelhante em S. Paulo. Cobra os preços mais absurdos com uma calma de espantar. 35 cruzeiros por um churrasco. 40 por um filet e 24 cruzeiros por uma porção de banana frita. 5 fatiazinhas perdidas num prato propositadamente enorme. Depois da meia noite podem ser encontrados Manoel Barcelos, Humberto Teixeira, Luiz Delfino e Senhora, Humberto de Campos e alguns outros notívagos de rádio e jornal. É iluminada de mais, — uma luz irritante — e muitos não gostam disso.

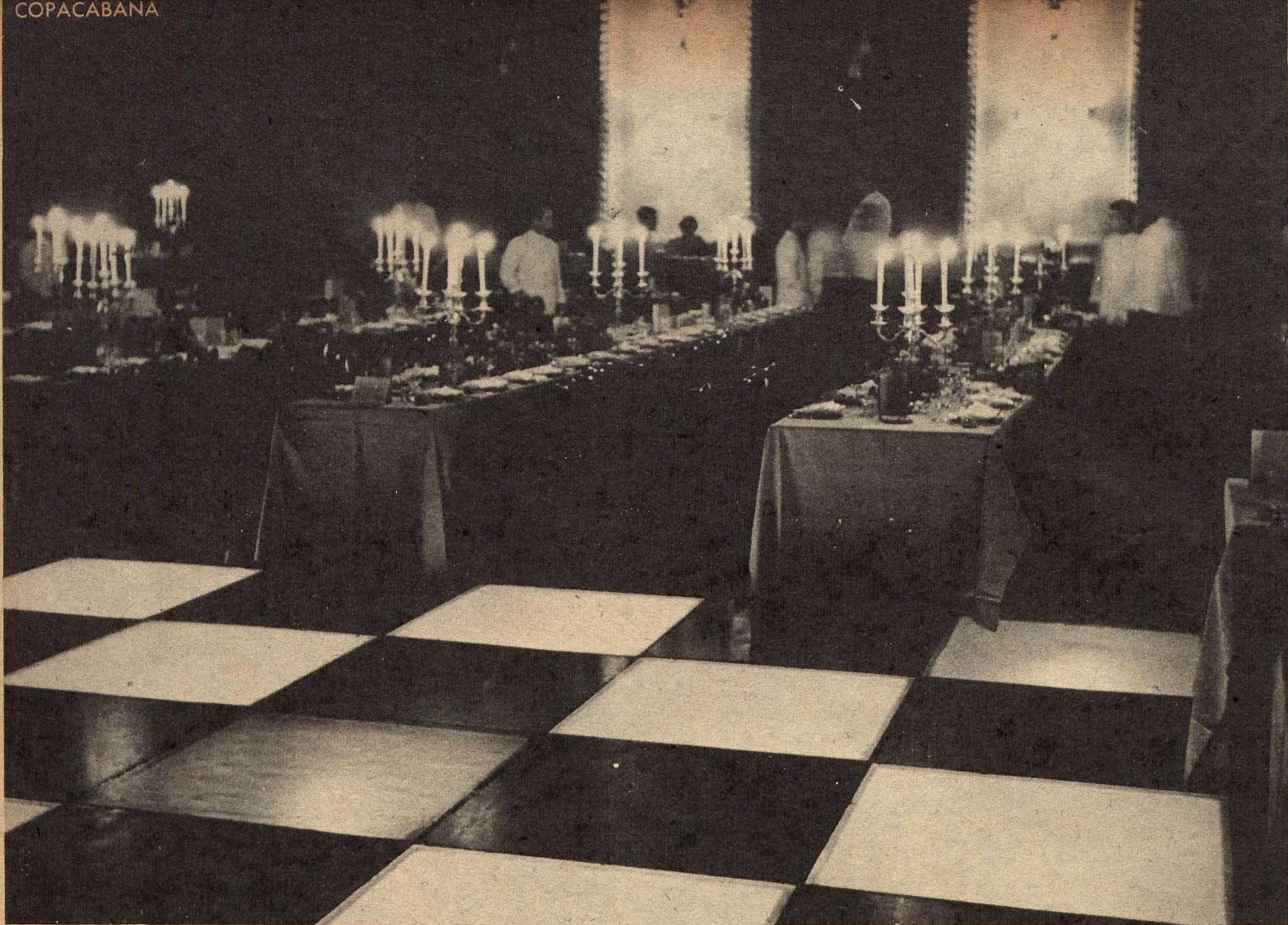
A outra casa especializada em comida italiana é a Cantina **CAPRI,** na rua Duvivier. Muito bem frequentada, principalmente aos sábados e domingos quando os freguêses têm que esperar mesa. Seus preços também são bastante altos embora menores que na Sorrento. Grande variedade de vinhos italianos de excelente qualidade. Garções atenciosos, na maioria estrangeiros.

•

Continuando o passeio pela praia podemos dar uma entrada rápida no Albatroz inteiramente vazio a qualquer hora do dia ou da noite. Come-se pèssimamente por um preço de estarrecer. Passemos pelo **CAIRO,** muito frequentado depois da meia noite. Quem gosta de comida Árabe não pode deixar de aparecer ali. Come-se bem, por preços bastante razoáveis.

Quase no Pôsto 6 fica o silencioso **FRENCHCANCAN,** de comida admirável e ambiente simpaticíssimo. Um excelente uísque pode ser bebido pagando-se apenas 35 cruzeiros por dose. Uma das melhores casas da praia.

Uma quadra adiante está o **ALCAZAR** que apresenta um dos melhores filets do Rio de Janeiro. Aí qualquer pessoa poderá pedir Catupiry e compota de pêssego para sobremesa, e pagar 22 cruzeiros. Só pela sobremesa.

Em frente é o **MARROCOS**. O dono é pequinininho mas em compensação está sempre de mau humor. Os preços são altíssimos e a comida é péssima. Mas se o turista deseja conhecer a verdadeira boemia copacabanal, não deixe de passar por ali. Sente numa mesa perto da porta, e fique esperando que as celebridades vão aparecendo depois da meia

O HOTEL COPACABANA é eterno. Sua classe e distinção são famosos no mundo todo. É a maior preocupação do seu proprietário, o elegantíssimo Otávio Guinle que chegou a regeitar uma oferta de 150 milhões de cruzeiros para vender a casa. Suas madrugadas são super-famosas.

noite. Não faltam nunca; Lewgoy famosíssimo e simpático, o diretor cinematográfico Jorge Ileli, o pianista Bené Nunes, o corredor de automóvel e milionário nas horas vagas Jonas, o escritor e locutor Fernando Torres, o humorista intelectual Leon Eliachar, o baionista Humberto Teixeira, o astro do cinema e do teatro Jorge Dória, o cineasta Paulo Wanderley e alguns cavalheiros que passeiam sua insônia sem glória por entre as mesas dos outros insones famosos.

Antes de sair da praia, é bom dar uma espiada rápida no **PERROQUET,** invariàvelmente vazio. Parece que a decoração assusta a freguesia apesar da inegável simpatia do Djalminha Ferreira.

No **RANCHINHO** também há pouca gente. Colé como animador se esforça mas não há geito. Os preços são altos demais e a verdade é que a clientela é a mesma que se divide por tôdas as casas.

•

Saiamos agora um pouco da praia, e rodemos até o **CASABLANCA,** a melhor casa do momento. Paulinho Soledade e Fernando Lobo conseguiram o milagre de rehabilitar a boite que o Caetano teimava em enterrar. O show de Caymmi é fabuloso e o pandeirista Caco Velho é um assombro. Roberto Inglez também é ótimo. Faria sucesso em qualquer parte do mundo. A comida é boa, o uísque é servido a preços razoáveis — Lobo e Soledade têm experiência de velhos freguêses — e o ambiente é o melhor possível. Tôda a antiga freguesia do Vogue passou-se para o Casablanca. E é tal a vazante do Vogue que diàriamente o próprio barão pode ser encontrado no Casablanca.

Se o turista quiser ver algumas das mais fabulosas girls da vida noturna carioca, não poderá deixar de ir ao **MONTE CARLO.** Mas é bom levar o talão de cheques, que o Machado não perdoa. Os preços são de provocar calafrios. E as garotas também. Dois shows por noite, muita gente conhecida. Teófilo de Vasconcelos e Silveira Sampaio põem seu indiscutível talento a serviço da audácia de Carlos Machado. O que resulta numa boa combinação.

O Acapulco ainda não acertou. Tem conhecido fases boas, mas volta e meia o público deserta. Dizem que tem "caveira de burro".

Depois de todo êsse passeio terminemos a noite no **COPACABANA.** Aí o turista pode entrar de olhos fechados que tudo é do melhor. Vários resetaurantes — Bife de Ouro, Restaurante do Anexo, restaurante da boite —, Golden Room e Grill Room. O proprietário é o elegantíssimo Otávio Guinle, e a casa é superiormente dirigida pelo Caribé, ex-jogador de futebol e ex-jornalista.

Tradição, elegância e Copacabana são sinônimos. Nunca sai uma briga, e suas festas são famosíssimas. Seu picadinho das madrugadas é algo extraordinário.

•

Pelas ruas de Copacabana, turista desprevenido, você encontrará tipos que não poderão deixar de surpreendê-lo. O vício — principalmente sexual — domina livre nos apartamentos escassamente iluminados. Uma multidão de assexuados, desajustados, viciados profissionais e vítimas de desarranjos glandulares, enfrentam-se, agridem-se, sofrem, lutando coletivamente pelo mesmo objetivo.

Garôtos e garôtas profissionalizam-se para manter um padrão de vida que não podem sustentar de modo algum. O automóvel merece também um capítulo especial na explicação da corrupção de uma época. A atração que êle exerce, as vantagens que oferece — não como meio de transporte — e os sacrifícios que exige, merecem um estudo à parte.

Mas de qualquer maneira, não é preciso mais de uma semana para compreender como é verdadeira a afirmação do Comissário Padilha: "a maioria de Copacabana vive do sexo".

A REPORTAGEM PROIBIDA

NÃO LEIA ISTO!

Eis como se consegue provar que o homem só procura fazer justamente aquilo que é proibido.

Reportagem de LEON ELIACHAR

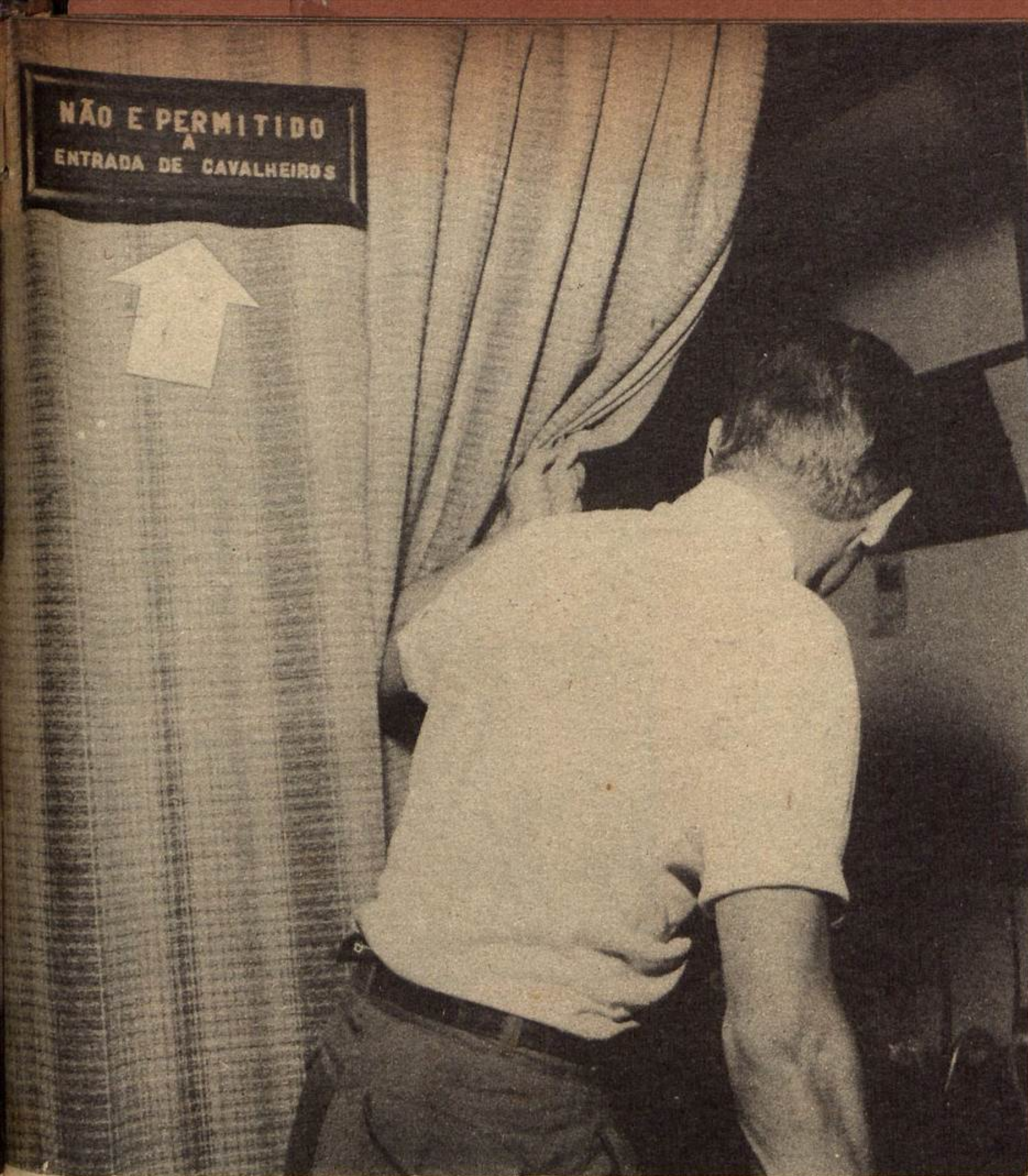
Fotos de NICOLAU DREI e ROGER PARDINE

TINTA FRESCA — Esta é a única tabuleta que fazemos questão de procurar. Depois que sujamos a nossa camisa.

ENTRE SEM BATER — O orgulho humano não admite frases imperativas. É do contra.

Sinal dos tempos? Positivamente, não. A curiosidade não nasceu hoje. E muito menos a transgressão de leis. Porque estas foram criadas justamente para serem desrespeitadas. Tudo o que é proibido dá mais gôsto. Pois assim é a rica mas fraca natureza humana.

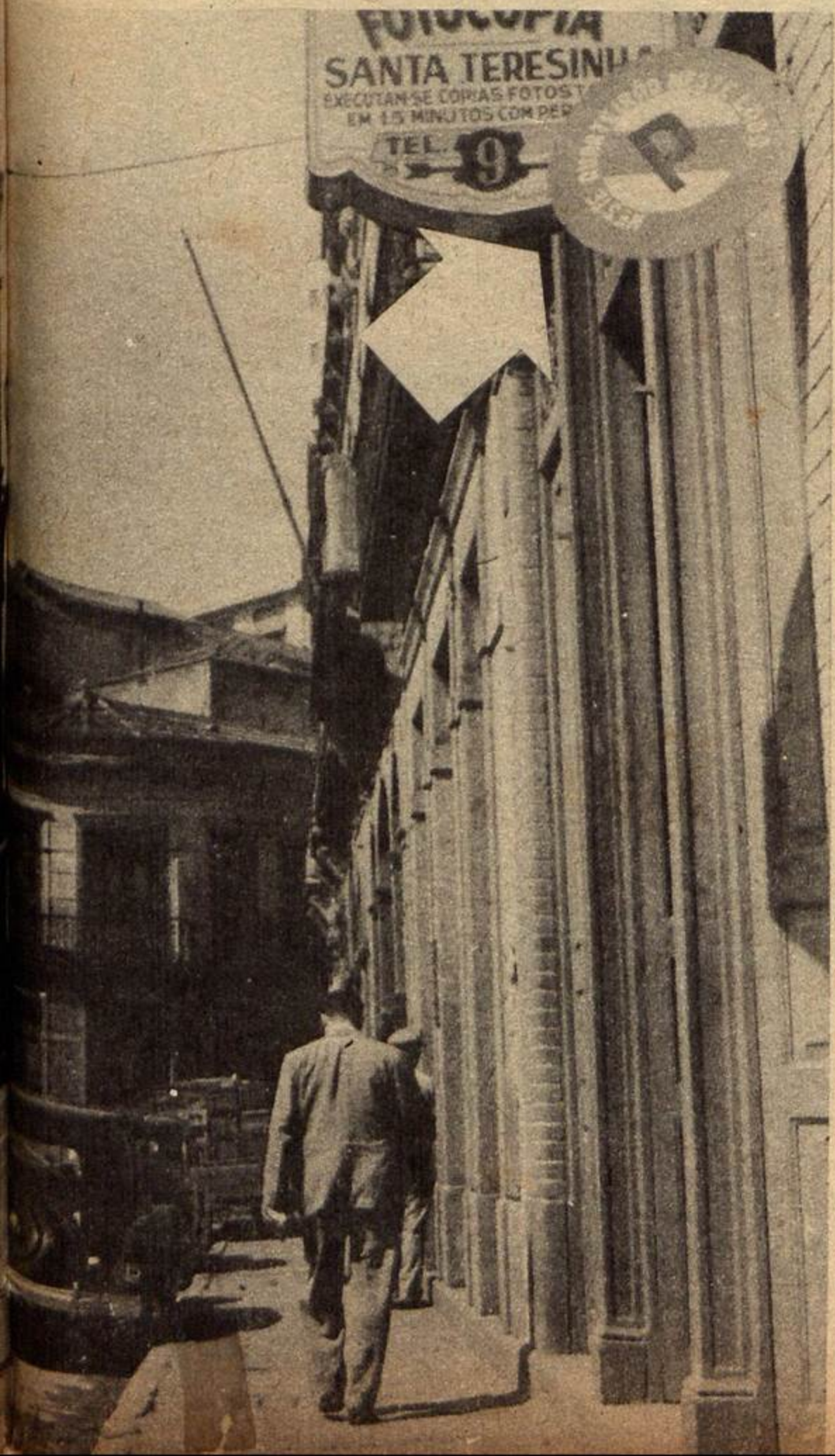
Há muita coisa que não devemos fazer, quando estamos em determinados lugares. Todos nós sabemos disso. Mas fazemos. As tabuletas, com pequenos avisos, foram inventadas precisamente para alertar a consciência humana. É apenas um lembrete — de vez

PEDESTRE, USE A FAIXA DE SEGURANÇA — Quem foi que disse que um transeunte vai andar uma quadra para atravessar a rua? Êle atravessa mesmo em qualquer lugar. Ainda que com o risco da própria vida.

NÃO É PERMITIDA A ENTRADA DE CAVALHEIROS — Mas, positivamente, quem transgride esta tabuleta não é um cavalheiro

É PROIBIDO FUMAR — O vício domina o organismo humano e afasta a idéia do perigo. O Seguro apurará depois as causas do incêndio.

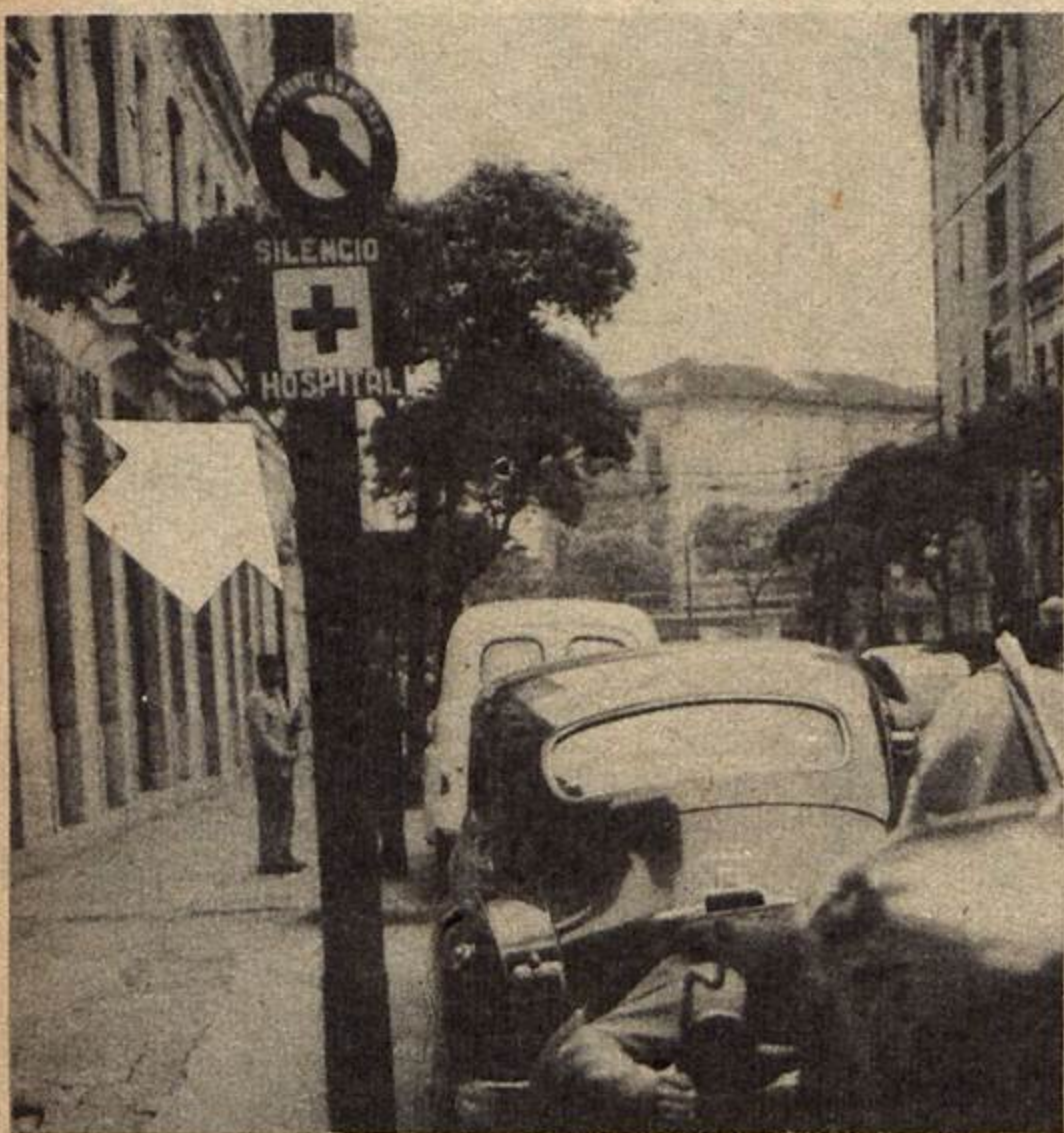
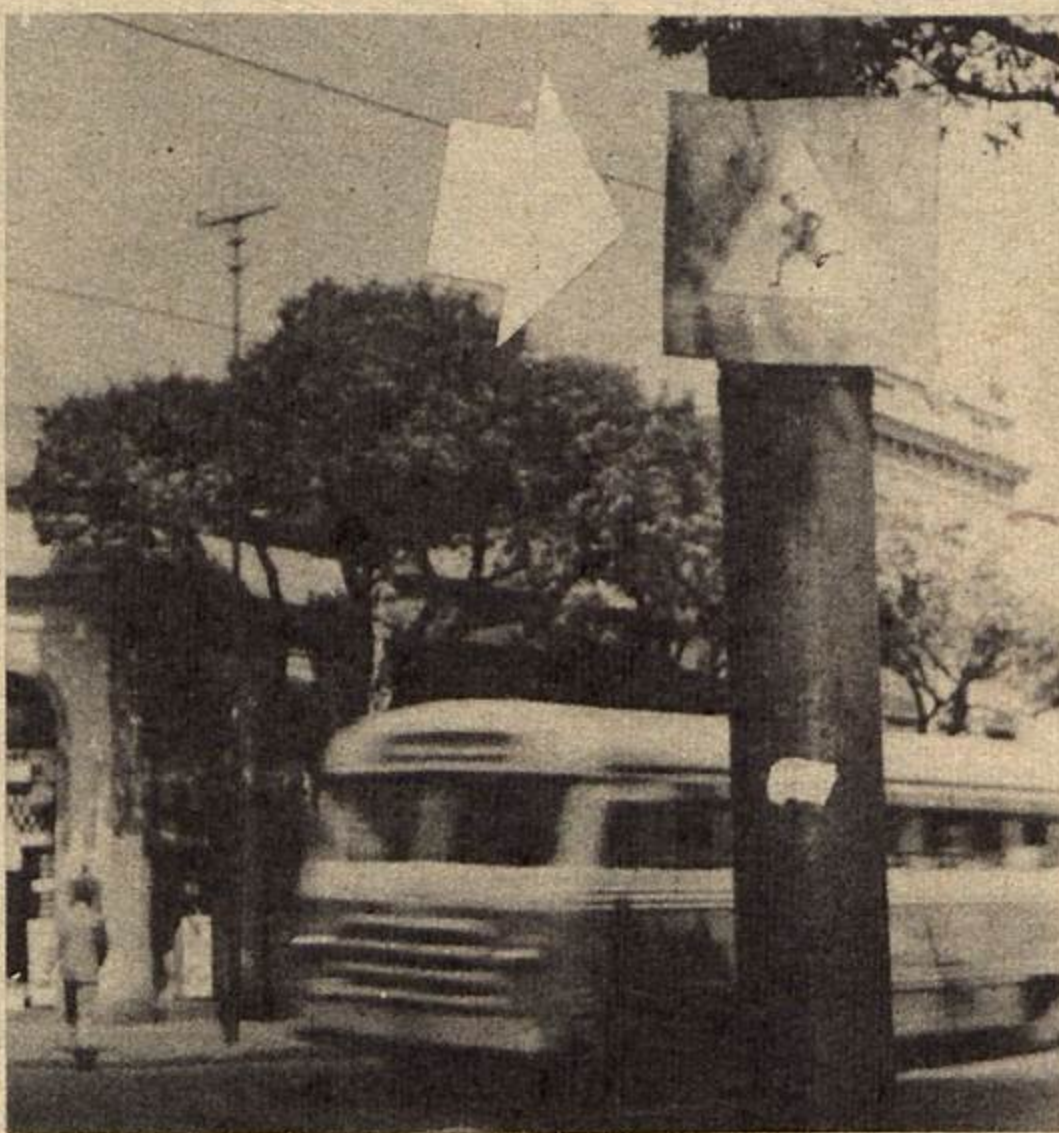
que o homem do século vinte anda muito distraído. A mesma pessoa que coloca uma tabuleta, transgride outras tabuletas que os outros homens colocaram para êle. Porque cada aviso que se escreve numa tabuleta é endereçado a cada indivíduo que o lê; mas cada indivíduo que o lê pensa consigo mesmo que aquilo não é para êle — mas para os outros. Muitas vêzes — e freqüentemente isso é infalível — só quando lemos uma tabuleta é que temos vontade de fazer justamente aquilo que ela nos proíbe. Nada melhor para atrair ao cinema jovens adolescentes do que filmes impróprios para 18 anos. E nunca temos tanta vontade de fumar como quando estamos em locais

NÃO SEGUE

PROIBIDO O ESTACIONAMENTO — Esta e uma das maiores rendas do Serviço de Trânsito.

É PROIBIDO PISAR NA GRAMA — Crianças não sabem ler. E as mamães perdoam os filhos.

PERIGO DE VIDA — Aqui se arrisca um lance de audácia. De curiosidade também se morre.

perigosos onde não é permitido riscar um fósforo. A não ser, é claro, quando temos interêsse em receber o seguro. Mas deixa estar que as companhias de seguro têm também as suas tabuletazinhas para fazerem o pagamento...

Não foi difícil — nem tão fácil assim — quando resolvemos documentar, fotogràficamente, o nosso ponto de vista. Demos um giro pela cidade e estouramos os flashes. E não é preciso dizer que tivemos que transgredir muitas tabuletas para completar o serviço. E se você está querendo esboçar um sorriso de vitória, não se esqueça que é também um transgressor — pois o que pedimos, no título?

SILÊNCIO, HOSPITAL — Automóveis, bondes, businas. E durma-se com um barulho dêstes.

ESCOLA, DEVAGAR — Não há lei alguma que possa freiar a fúria assassina dos gostosões.

IMPRÓPRIO ATÉ 18 ANOS — Os pais não sabem que se mata aula. E o porteiro é liga.

TRÂNSITO IMPEDIDO — O caminho mais curto é o que não tem outros veículos. Ainda que êstes sejam substituidos por buracos.

É PROIBIDO COLOCAR CARTAZES — Os cartazes são colocados geralmente em cima dos avisos. E assim nunca se sabe da proibição...

NÃO DEMORE MAIS DE 3 MINUTOS — Pode-se condensar conversa com namorado?

É PROIBIDO CONVERSAR COM O MOTORISTA — A viagem ficará sem desastres?

INFORMAÇÕES — "O senhor pode me informar onde é que posso obter uma informação?"

DOIS BEIJOS PARA A PRIMEIRA DAMA

Jacques Fath desfilou no Rio. Jacques Fath e seus modelos. 2.000 pessoas (1.992 mulheres e 8 homens) assistiram numa tarde fria e chuvosa, o famoso rei da alta costura internacional, apresentar os seus maravilhosos vestidos confeccionados exclusivamente com algodão Bangu. No gênero a festa foi um espetáculo inédito. Só mesmo os grandes desfiles de modas que se realizam em Paris podem ser lembrados. Este flash exclusivo de **MANCHETE** mostra a primeira dama brasileira Sra. Darcy Vargas, no momento em que era cumprimentada por Chateaubriand (à brasileira, com um beijo na mão) e por Jaques Fath (à europeia, com um beijo na testa). São dois reis, dois estilos e uma grande dama

CARLITOS REVOLTADO:

Nunca fui

"Esforço-me pelo domínio da bondade e generosidade".

Texto de SALVYANO CAVALCANTI DE PAIVA

Charles Chaplin está novamente em evidência no noticiário internacional. O homem que, no futuro, talvez seja considerado o único gênio do cinema neste século, quando viajava para Londres, depois de 21 anos de ausência, foi acusado pelo procurador geral dos Estados-Unidos de atividades subversivas e, se o inquérito mandado proceder pelo Departamento de Justiça prosseguir, talvez se veja impedido de regressar para sempre a Hollywood, pois as autoridades americanas estão dispostas a mantê-lo fora do país. As autoridades, não o povo. Na realidade essa atitude oficial tem origem no despeito ou no "orgulho nacional" ferido, pois é notório o fato de várias vêzes terem querido que Chaplin se naturalizasse americano, sem êxito. E até hoje essa mágua tem levado certas camadas a hostilizar o grande ator, aproveitando-se, para apresentá-lo como elemento corrupto e indigno, pequenos casos amorosos transformados em fabulosas chantagens, como, há pouco tempo, o da atriz Joan Berry.

A viagem de Chaplin à Inglaterra prende-se a um desejo natural de rever o velho bairro onde viveu durante os anos de sua infância, e assistir à estréia mundial do seu 81.º filme, "Limelight", que será realizada em benefício da Real Sociedade para Instrução e Treinamento de Cegos, sob o patrocínio de S.A. Real, a Princêsa Alice, o Conde de Athlone, o Conde e a Condêssa de Mountbatten e o Embaixador dos EE.UU. na Grã-Bretanha, sr. Walter S. Gifford. O ator deixou New York a 17 de setembro p.p. e chegou a Southampton, ponto final da viagem marítima, a 23 do mesmo, tendo viajado pelo "Queen Elizabeth" e fazendo-se acompanhar da espôsa, Oona O'Neill, filha do falecido dramaturgo ianque Eugene O'Neill, e de seus quatro filhos dêste matrimônio, além de Harry Crocker, velho amigo atualmente encarregado da publicidade do seu estúdio em Hollywood. Antes de embarcar fez Chaplin a seguinte declaração à imprensa: "Esta é a minha primeira viagem ao estrangeiro em 20 anos. Ficarei ausente cêrca de seis meses, pois tenho planos definitivos para realizar um novo filme. Terá como ambiente a cidade de New York, sendo filmado, em parte, nesta própria cidade. Nêle farei o papel de um homem atacado de amnésia cujos estranhos discursos, de outra época, mergulharão seus ouvintes num abismo de estupefação. Neste momento penso apenas nestas férias, visitando a Inglaterra, França, Itália e outros países europeus".

•

Quem é Chaplin, realmente, e o que tem feito para merecer tamanha atenção no mundo, com o seu nome proclamado em todos os idiomas por milhões de pessoas interessadas em seu destino? Estadista, grande militar, homem de ciência? Aparentemente muito menos mas, na certa, muito mais! Um palhaço de

Charles Chaplin e sua atual espôsa (4.ª) Oona O'Neill.

Acusado de atividades subversivas e ameaçado de não poder regressar aos Estados-Unidos, onde vive e trabalha há 40 anos, Charles Chaplin declara em Londres, diante de uma entusiástica recepção: "Nunca ajudei revolução nenhuma. Minha única ambição é esta: fazer novos filmes".

"Não tenho opinião política; só o culto da liberdade".

político!

Carlitos e Claire Bloom, numa cêna de "Limelight", o mais recente filme escrito, produzido, dirigido e interpretado pelo famoso cômico. Charles Chaplin está agora ameaçado de não mais poder trabalhar nos Estados-Unidos . . . A notícia chocou o mundo inteiro.

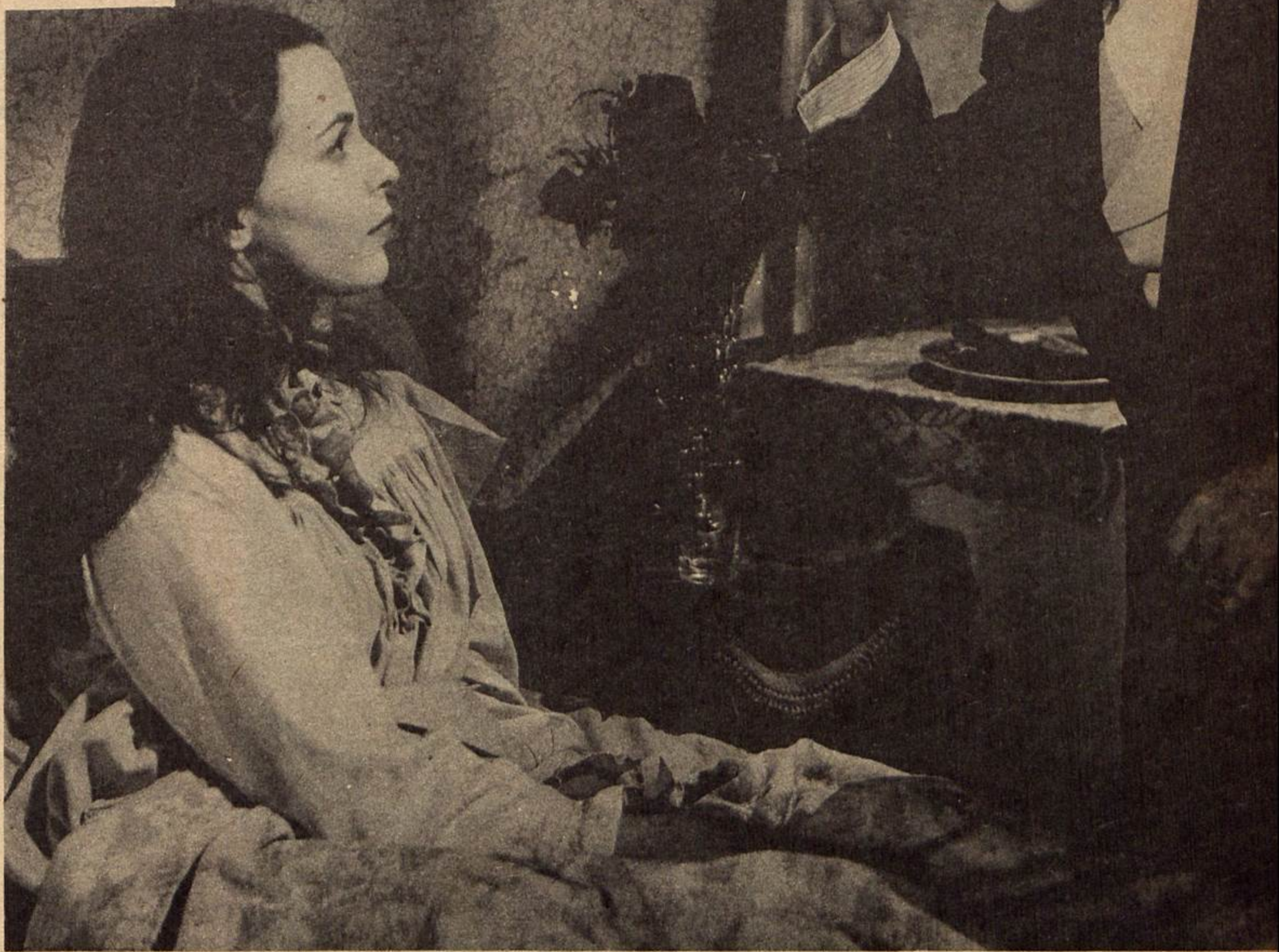
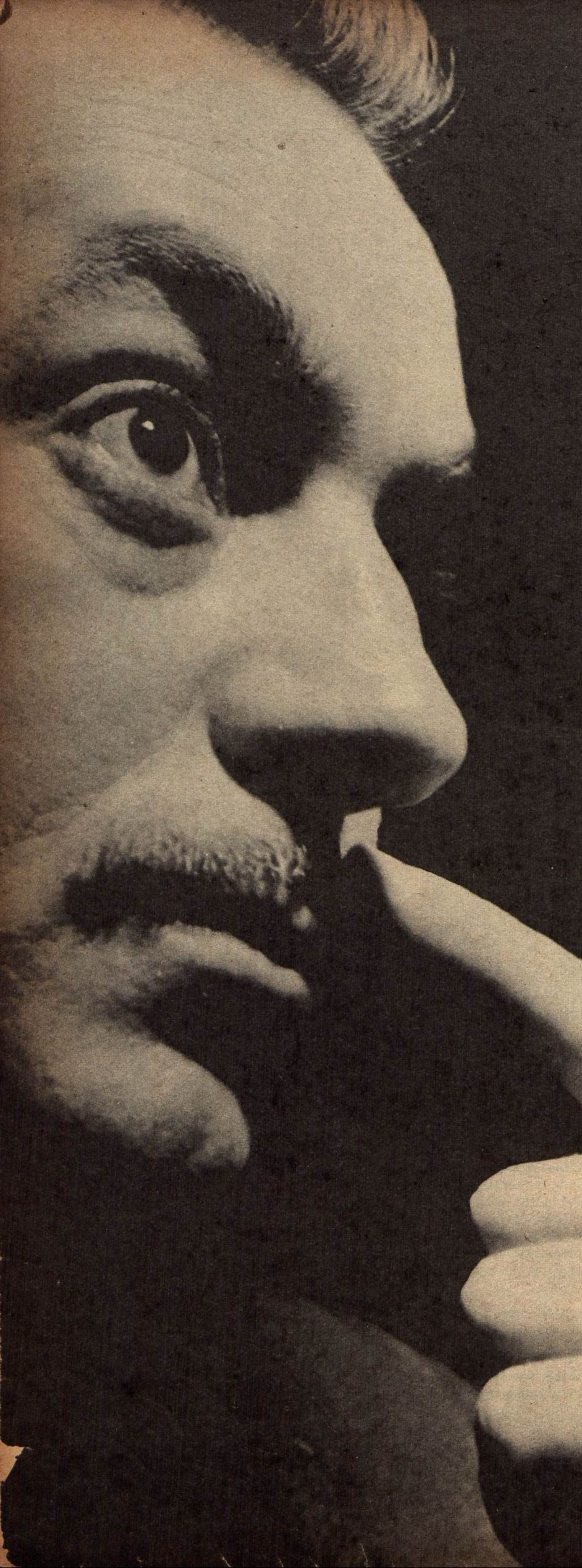
picadeiro que se tem equilibrado honestamente no arame do circo da vida, um rapaz pobre que ficou milionário provocando emoções fortes a três gerações, arrancando risos e lágrimas de uma platéia imensa e realizando, provàvelmente, a mais digna e edificante das obras sociais: a compreensão humana através da arte. Êle mesmo já o disse, — e não há muito — que "os bons filmes constituem uma linguagem universal, respondem às necessidades que os homens têm de humor, de piedade, de compreensão", e esta tem sido a sua doutrina e o seu programa durante 4 décadas: fazer bons filmes. É um realista crítico, embora não chegue às últimas conseqüências. Arte sociológica antes que arte socialista.

Charles Spencer Chaplin, que tem sangue francês nas veias, nasceu em Londres a 16 de abril de 1889; casou 4 vêzes, sendo três com atrizes que descobriu. Do segundo matrimônio, com Lita Grey, tem dois filhos, Charles Chaplin Jr., e Sidney Chaplin — que aparecem no seu último filme — e quatro do quarto casamento: Geraldine, Michael, Josephine e Victoria.

Desde os 7 anos de idade Chaplin trabalhou, como ator, em espetáculos de variedades, circos e music-halls. Veio para os Estados-Unidos em 1912 com a troupe de Fred Karno e, a partir de 1913, no cinema, criou o tipo de personagem e filme que combina o humor amargo e a farsa, sempre empregando sua grande arma, veículo principal de sua arte: a mímica! Sua carreira cinematográfica pode ser assim sintetizada: o primeiro Carlitos (Charlie, em inglês; Charlot, em francês; Carlino, em italiano) dos filmes de Mack Sennett, ator e diretor das comédias curtas da Keystone, é um Carlitos experimental de uma comicidade ainda primária. Em 1915 trabalhou para a Essanay e para a Mutual: dessa fase é "O Imigrante", onde já se nota um apuro maior. Em 17 foi contratado pela First National: "Vida de Cachorro" e "Ombro, Armas!" são os filmes mais importantes dessa época e iniciam a aventura poética e profundamente humana do herói-vagabundo. É a fase de transição ou preparativa. É evidente, daí em diante, a formação do artista e a evolução através de obra mais meditada e de valor universal: a fase do pessimismo amargo com "Idílio Campestre", "Dia de Prazer", "O Garôto" (1920), "Os ociosos", "Rua da Paz", obras de média metragem, e "Em Busca do Ouro" (1925), "O Circo" (1928) e "Luzes da Cidade" (1931), de longa metragem, sendo que neste último, talvez o seu maior filme até hoje, já se esboça o sentido de luta que a chamada fase de protesto ("Tempos Modernos"-1936) e "O Grande Ditador" (1940) levaria Carlitos a ganhar, cada vez mais, a admiração e a simpatia das grandes massas e serviria como subsídio para as campanhas anti-chaplinianas de objetivos visìvelmente "políticos", mas destinadas a fracasso, na Alemanha de Hitler, na Itália fascista, na Espanha de Franco como atualmente nos Estados-Unidos. Qualquer campanha contra Charles Chaplin é uma campanha inglória porque Carlitos é, hoje, um símbolo de luta pela liberdade de expressão, um cidadão do mundo que qualquer país se orgulhará de acolher. Do cinema, dos filmes, a idéia chapliniana passou subjetivamente para a vida real, para o cotidiano e superou o próprio criador. O chaplinismo revolucionário-anarquista venceu Carlitos, venceu Charles Chaplin. Mas êste, conscientemente, sempre foi e continua sendo um conservador. Quando 80 jornalistas francêses foram entrevistá-lo em Cherburgo, durante a viagem, manifestando-se sôbre o inquérito em que foi envolvido, êle disse francamente: "Não tenho nenhuma opinião política particular, além do culto da liberdade. Nunca ajudei revolução nenhuma. Minha única ambição é realizar novos filmes, nos quais me esforço por fazer prevalecer dois grandes sentimentos: a bondade e a generosidade".

•

Ao chegar a Londres Chaplin foi recepcionado, na estação de Waterloo, por uma multidão incalculável de homens, mulheres e crianças que, com o semblante iluminado de alegria, gritavam em delírio: "Viva Carlitos! Foram necessários vários minutos para o cortejo de automóveis deixar as vizinhanças e a polícia teve que agir com energia para desobstruir o local. Visìvelmente emocionado, aquêle grande criador de emoções sorria e levantava o polegar à moda anglo-saxônica. Outra mole humana se comprimia nas ruas fronteiras ao hotel Savoy, aguardando o instante de ver em carne e osso aquêle homenzinho que aparecia nos filmes com seu bigode, sua cartola e sua bengala. Os motoristas de ônibus prestaram a sua homenagem simples assestando os faróis dos seus veículos sôbre a janela do apartamento em que Carlitos se hospedou.

Representantes da imprensa e do cinema inglêses e estrangeiros foram ouvir Chaplin na festa de recepção da noite de 23. Ali, o comediante, do alto de um estrado colocado no vestíbulo do hotel, depois de exprimir a sua satisfação pelas manifestações de apreço que lhe foram tributadas pelos seus conterrâneos, referindo-se mais uma vez à ameaça que pesa sôbre a sua volta aos EE. UU., mostrou-se confiante, dado possuir o visto de regresso fornecido pelo Serviço de Imigração, acrescentando: "Nos EE. UU. tenho milhões de amigos e, também, alguns inimigos". E, a outra pergunta, reafirmou: "Pessoalmente, sou conservador. Não sou comunista e nunca o fui. Não tenho nenhum segrêdo a esconder. Não sou um elemento subversivo". Aliás, "Monsieur Verdoux", seu penúltimo filme, deixava entrever esta posição que muitos vêm como de recuo, mas que não é mais do que a coerência de atitudes de Chaplin, individualista o suficiente para não acreditar no socialismo, mas corajoso bastante para combater o fascismo, lutar pela paz e pelo progresso da humanidade.

2 CENTÍMETROS DE VERDADE:

A HISTÓRIA SECRETA DO METRÔ

Reportagem de HELIO FERNANDES

HÁ 5 anos — desde 1947 — trama-se o golpe do Metropolitano, mais conhecido como Metrô, apenas. Ninguém discute que a cidade precisa de transporte subterrâneo. O tráfego de superfície já esgotou completamente a sua capacidade, e as ruas estranguladas e congestionadas gritam diàriamente por uma providência. O IBGE informa depois de estudos completíssimos que dentro de 7 anos — em 1959 — o Distrito Federal estará com uma população de 3 milhões e meio de habitantes. Se com menos de 2 milhões e meio o transporte é pouco menos que impossível, com o acréscimo de mais um milhão a balbúrdia será completa.

Na Legislatura passada o Vereador Paes Leme apresentou um projeto criando a COMISSÃO EXECUTIVA DO PROJETO DO METROPOLITANO. A lei resultante dêsse projeto determinava que o Prefeito — então o Gal. Mendes de Morais — deveria nomear essa Comissão dentro do prazo de 120 dias. Mas 500 dias se passaram sem que o Gal. escolhesse a Comissão. Era tarefa fácil, pois a Lei determinava expressamente como deveria ser constituida a Comissão. 2 Engenheiros da Prefeitura, 2 Engenheiros indicados pelo E. M. do Exército e 2 Engenheiros especializados em estradas de ferro.

Empossada, a Comissão começou logo com uma ilegalidade, transferindo a outros o que lhe competia fazer. E por essa primeira ilegalidade a Prefeitura teve que pagar 3 milhões de cruzeiros. Não é segredo que o General entregou o Projeto aos franceses para favorecer o Sr. Jean Fleury, genro do ex-deputado Eurico de Souza Leão, e parceiro de pôquer do ex-Prefeito do Distrito Federal.

A Lei que criou a Comissão do Metropolitano determinava que os estudos dessa Comissão deveriam estar concluídos e entregues dentro de 6 meses. Mas mesmo gastando os 3 milhões com os franceses, a Comissão só foi entregar o seu trabalho 2 anos depois. E constam das atas da Comissão — em poder do Vereador Paes Leme e manuseadas por êste repórter — que tôdas as facilidades foram proporcionadas ao grupo francês, enquanto obstáculos intransponíveis eram colocados no caminho dos outros possíveis concurrentes, principalmente os americanos.

O Engenheiro norte-americano Charles de Lew, considerado no mundo todo como a maior autoridade em Metropolitano, ofereceu-se gratuitamente (note-se bem: gratuitamente) para fazer explanações e conferências sôbre o Projeto do Metrô. Sua proposta que não acarretava ônus para o Tesouro Nacional ou para a Municipalidade, foi lacônicamente recusada. Mas agora, antes mesmo da Câmara Municipal manifestar-se sôbre o trabalho da Comissão do Metropolitano, esta pretende entregar a elaboração do Projeto definitivo ao grupo francês — sempre os francêses — chefiado por Borgain. O preço foi combinado: 19 milhões de cruzeiros. O relator dessa matéria na Comissão Executiva do Metropolitano, por uma coincidência notável, é o mesmo Eng. da Central do Brasil, que deu o parecer anterior que custou aos cofres da Prefeitura a importância de 3 milhões de cruzeiros. Êsse mesmo engenheiro há muitos anos atrás quando possivelmente não sonhava em fazer parte de uma Comissão como essa, deu um parecer em nome da Central do Brasil, inteiramente contrário ao parecer que apresentaria depois. Não há dúvida que êsse engenheiro evoluiu muito. Aliás nessa questão do Metrô parece que todos — ou quase todos — evoluem diàriamente. O Vereador João Machado em 1947 foi signatário de um projeto que recomendava a adoção do "Plano Ebling". Hoje êle é radicalmente contrário ao "Plano Ebling" e defende ferozmente o Projeto da Comissão Executiva, que entrega tudo aos franceses. Será evolução, o nome disso?

•

Façamos uma rápida comparação entre o Projeto Ebling e o Projeto da Comissão Executiva antes de entrarmos na apreciação da escandalosa mensagem do Prefeito Carlos Vital, criando 150 cargos de padrão elevado para "amolecer" os vereadores que decidirão sôbre o Metrô e o crédito.

O chamado "Plano Ebling" custará apenas 600 milhões de cruzeiros na primeira fase, pois aproveitará integralmente a Central do Brasil.

PAES LEME: "QUERO VER O CIRCO PEGAR FOGO"

PAES LEME E A HISTÓRIA DA NEGOCIATA — TODOS QUEREM PARTICIPAR DO NEGÓCIO — 8 BILHÕES, TENTAÇÃO PARA MUITA GENTE — O PREFEITO VITAL ADERE À POLITICAGEM — 150 EMPRÊGOS PARA OS VEREADORES APROVAREM UM PROJETO SEM DISCUSSÃO — EMPRÉSTIMO COMPULSÓRIO, NOVA CARGA PARA UM POVO EXPLORADÍSSIMO — CUSTO DO PROJETO EBLING: 2 BILHÕES DE CRUZEIROS — CUSTO DO PROJETO VITAL: 5 BILHÕES — METROPOLIPETOS, METROPOLIPATOS E VITALETAS — REPULSA AO PROJETO 1.000.

De D. Pedro II em diante os trens mergulharão fazendo uma volta completa pela cidade, regressando novamente para D. Pedro II. Todos os técnicos do Ministério da Viação e da Central do Brasil que estudaram o Projeto declararam que êle é perfeitamente realizável. Além da pequena despêsa inicial, tem a vantagem indiscutível de aproveitar todo o material e a organização da Central do Brasil.

O Professor Maurício Joppert, que hoje acusa violentamente o Eng. Ebling e o Vereador Paes Leme, foi sócio e entusiasta veemente do Plano Ebling. Mudou subitamente de idéia. Ou melhor, evoluiu também, como tantos outros.

Para servir todo o Distrito Federal — Zona Sul, Zona Norte até à Tijuca e subúrbios da Leopoldina — o Plano Ebling está orçado em 2 bilhões de cruzeiros. Isso para tôdas as fases do Projeto, depois do Metrô definitivamente construído.

O outro Plano — o da Comissão Executiva — patrocinado agora pelo Sr. Vital, José Junqueira, Maurício Joppert e uma grande parte da UDN — exige para as primeiras linhas — subúrbio da Central e centro da cidade — a importância de 3 bilhões de cruzeiros. Para o plano total as despesas alcançam a casa dos 5 bilhões. Aprovado êsse Plano a Central do Brasil perderá a sua utilidade, pois ninguém vai querer se utilizar de um transporte de superfície, quando tem à sua disposição um serviço subterrâneo mais rápido, mais eficiente e mais barato.

Salta aos olhos de qualquer observador medianamente inteligente que o Projeto Ebling é muito mais vantajoso para a Municipalidade. E é a insistência de alguns em defender um Projeto visìvelmente dispendioso para a Prefeitura, que dá ao Projeto da Comissão, o caráter e o aspecto de grossa imoralidade. Ou negociata.

Agora o Sr. Vital, que assumiu a Prefeitura como um Técnico, resolveu intervir diretamente na questão enviando à Câmara uma mensagem sôbre o assunto. Muito bem. Mas junto com a Mensagem, inàbilmente — ("Falta de classe" — chamou a isso o vereador Mário Martins) — o Sr. Vital enviou à Câmara um Projeto criando 150 cargos de padrão elevado. E com a Mensagem e o Projeto, mandou um emissário explicar aos Vereadores que os cargos eram para ser distribuídos entre os parentes e os protegidos dos próprios Vereadores, a razão de 4 lugares para cada um.

A Mensagem abre o crédito de 8 bilhões de cruzeiros para obras inadiáveis. E os 150 cargos já vão ser pagos com êsse dinheiro. Mas de onde virá êsse dinheiro? É lógico que do bolso do povo pois o Sr. Carlos Vital pede à Câmara o aumento do imposto de Vendas e Consignações de 2,7 para 4,7. Quase o dobro.

Estamos escrevendo no mesmo dia em que a Mensagem chegou à Câmara. O Sr. José Junqueira líder do Sr. Vital e autor do projeto procurou fazer aprovar o mesmo em tempo recorde, requerendo imediatamente preferência e urgência para êle, o que significa abafar tôda e qualquer discussão sôbre um projeto que abre um crédito tão vultoso como êsse, o maior que já transitou pela Câmara Municipal.

•

— Não tenho dúvidas que o Projeto da Comissão Executiva vai ser aprovado, declarou-nos o Vereador Paes Leme. 8 bilhões é muito mais que 2 bilhões e meio. Mas acho que o povo não aguentará mais essa responsabilidade.

Não há realmente dúvida sôbre isso. O Plano Ebling vai ser abandonado. Os seus adversários são poderosos de mais. O Metrô será construído e provàvelmente estará em funcionamento mais ou menos por volta de 1960. Mas o povo carioca pagará por êle, mais do que "sangue, suor e lágrimas". Pagará um preço que de maneira alguma está em condições de pagar. O Projeto da Comissão Executiva quando aprovado transformará alguns vereadores em "Metropolipetos". E todos os cariocas passarão a ser "metropolipatos". E compradores obrigatórios das "Vitaletas" distribuidas pela Prefeitura e inventadas pelo Sr. Vital.

PAES LEME: "APOSTO QUE A UDN VAI APOIAR O PROJETO 1.000"

Personagens de um filme que está sendo rodado em Viena. A ação se passa no ano 2.000. Os homens parecem ter perdido a forma, mas as mulheres não...

Chico Landi, numa Ferrari, venceu o G.P. Automobilístico de Bari, na Itália, superando, entre outros, o americano Tom Cole, bi-campeão de Indianópolis.

Neva Jane Langley, recentemente eleita "Miss América", exibe uma das fotografias de sua coroação.

O mundo em Manchete

MILIONÁRIOS SOVIÉTICOS

Também na terra onde, como dizia o canto revolucionário, a "escória da terra" se revoltou porque não tinha outra coisa para perder a não ser "as correntes" e instaurou oficialmente a igualdade social, existem os milionários. E sendo que por lá o único capitalista, com amplos direitos de explorar tôda a gente, é o Estado soviético, deve entender-se por milionário todo aquêle que ganha milhões como remuneração do seu trabalho e, não podendo acumulá-los para que produzam renda, os gasta às mãos cheias, levando vida de nababo, dentro das possibilidades que o país oferece. Já antes da guerra, informa a êsse respeito a revista "Settimo Giorno", calculava-se que, sòmente em Moscou, e deixando de lado as altas personalidades do govêrno, do partido e das fôrças armadas, que gozam de muitos mais privilégios do que qualquer O de penacho ou outra praga burocrática em terras capitalistas, havia trinta pessoas ganhando mais de um milhão de rublos ao ano. Está visto que êsses milionários não se encontram entre os operários nem entre os camponêses, mas pertencem à elite dos técnicos e dos artistas. Um dêles é o engenheiro Degtjarev, que contribuiu para a causa da paz inventando um novo tipo de metralhadora; outro é o engenheiro Iljustin, que inventou um um novo tipo de avião. Riquíssimo é o escritor Alexei Tolstoi, sobrinho de Leão Tolstoi, que, entre outras coisas, recebeu três milhões de rublos sòmente como direitos autorais do filme tirado de um livro seu sôbre Pedro, o Grande. Também o escritor Miguel Chokolow, autor de "O tranqüilo Don", de que se venderam dez milhões de exemplares em russo e que lhe valeu numerosas traduções para idiomas estrangeiros e o prêmio Stalin, está na lista dos que na Rússia levam vida folgada. No cinema, o produtor Saumiasky tem fama de ser um dos homens mais ricos da União Soviética; multimilionário, antes de morrer, era Sérgio Eisenstein, o celebérrimo diretor de "O Couraçado Potenquim", e ainda o é, porque está vivo, o seu colega Pudovquim, o diretor de "Mãe" e de "Tempestade sôbre a Ásia", cuja fama permaneceu na memória do mundo ocidental não obstante alguns péssimos filmes com que, nos últimos tempos, satisfez o gôsto do partido. No teatro, o tenor Kolowski, bem como os atores Moskwin e Chercassov, ganham quinze mil rublos por noite (enquanto os diretores de indústria ganham oito mil por mês, em média). Para as férias dêsses e dos demais "proletários" endinheirados existem, em Grary e em Sochi, à margem do Mar Negro, grandes hotéis de luxo, onde os quartos chegam a custar três mil rublos por dia. Enquanto isso, os operários vão se agüentando como podem com uma média de 500 rublos por mês para uma família de quatro pessoas.

PREVIDÊNCIA

Georg Bauer, vereador de Neunkirchen, no Sarre, sentindo aproximar-se o fim dos seus dias, encomendou e pagou o caixão de defunto em que desejava ser enterrado, escolheu círios de bom tamanho para o velório, fixou o cardápio do jantar fúnebre, cuja conta pagou antecipadamente, e encomendou bebidas à farta para o corpo de bombeiros e para a banda de música municipal, de cuja presença nas exéquias fazia questão fechada. Depois disso, para completar o programa, só lhe faltava mesmo morrer. E foi precisamente o que fez no mês passado, muito satisfeito da vida.

PARA OS MARIDOS ABANDONADOS

Acaba de fundar-se em Copenhague um clube para os maridos abandonados ou descurados por suas espôsas. Na sede do clube poderão êles encontrar um bom restaurante, a preços módicos, biblioteca e lavandaria, bem como uma seção especial incumbida de cerzir as meias e manter em boas condições a roupa de baixo dos associados.

PROFISSÃO NOVA

Relata o escritor francês Robert Scipion que ao transpor, em julho passado, a fronteira do seu país para uma viagem à Itália, foi ríspidamente inquirido pelo funcionário da polícia, ao qual entregara a papeleta de saída omitindo de declarar a sua profissão. "Bem, para dizer a verdade, a minha profissão seria a de escritor", respondeu Scipion. "Pois então, escrevesse logo", revidou o policial. "O fato é", explicou modestamente o escritor, "que eu não sou nenhum Claudel". Aí o polícia queimou-se: "Afinal de contas, o senhor é um escritor ou é um Claudel?" E acrescentou na papeleta de próprio punho: "Profissão: claudel".

OS GRANDES INVENTOS

Philippe Piche, canadense de origem francesa, anuncia o invento de utilíssimo garfo especial para comer espaguete. O garfo possui engenhosa engrenagem que enrola os espaguetes automàticamente, evitando que o sujeito destreinado acabe com torcicolo na difícil ginástica de abocá-los no ar antes que êles tornem a escorregar para dentro do prato.

ÍNDIOS DE CINEMA

Durante a filmagem do celulóide americano "Tomahawk", prometera o diretor de produção o pagamento de cinco dólares suplementares a vinte índios, contratados como extras, para caírem do cavalo no primeiro ataque da batalha que devia filmar-se. Ao realizar-se a cena, porém, todos os setecentos extras que nela participavam estatelaram-se no chão, como mortos, logo na primeira acometida, e não sobrou mais nenhum "vivo" para a continuação da batalha. Os vinte escolhidos tinham dado com a língua nos dentes e a notícia dos cinco dólares a mais para os que caíssem do cavalo se havia espalhado. Foi preciso, naturalmente, filmar a cena outra vez

POR CAUSA DO CIGARRO

Uma jovem de Berlim oeste foi autuada em flagrante por um guarda rural, que a surpreendeu no bosque de Grunewald enquanto se deixava fotografar em trajes de Eva, antes da história da maçã, e fumando um cigarro. É que nas florestas prussianas, onde é farta a vegetação resinífera, é rigorosamente proibido fumar.

COISAS DA AMÉRICA

Em Barre-Vermont há uma ordenança municipal que manda todos os habitantes tomarem banho, sob pena de prisão, ao menos uma vez por semana, no sábado à noite. Em Chicago vigora uma lei que considera crime gravíssimo alguém dar uísque para beber ao próprio cão. Em Louisville, no Kentucky, é proibido levar gatos a passeio a não ser prêsos na corrente. Em Minneapolis, as autoridades não licenciam nenhum automóvel de côr vermelha. No Illinois, todo o proprietário de cinema tem o direito de expulsar da sala qualquer espectador que incomode os vizinhos com o mau cheiro dos seus pés. No Nebraska, ainda existe uma ordenança que proíbe os barbeiros de comerem cebola durante as horas de trabalho.

DEFUNTOS MULTADOS

O jornal "Franc-Tireur" refere que, no dia 5 de abril do corrente ano, dois soldados belgas, ao cruzarem imprudentemente uma passagem de nível da estação de Antuérpia, foram colhidos por um trem e tiveram morte instantânea. O incidente causou um atraso no horário de dois trens. Ùltimamente, as famílias dos dois militares foram intimadas pela Sociedade Nacional das Estradas de Ferro belgas a pagar uma multa de 2.916 francos pelo atraso nos trens provocado pelos falecidos.

OPORTUNISMO

Durante as últimas manobras aliadas na Alemanha Ocidental, um fazendeiro de Heidelberg viu repentinamente caírem do céu várias dezenas de pàraquedistas. Assustadíssimo, largou imediatamente o campo em que trabalhava e foi correndo para casa, onde, dois minutos depois, apareceu no telhado, desfraldada ao vento, enorme bandeira vermelha. O homem julgara que já tivesse começado a terceira guerra mundial e que os invasores fôssem, evidentemente, os russos.

REQUINTES EXISTENCIALISTAS

É sabido que o asseio pessoal não é uma das características dos existencialistas que freqüentam o bairro parisiense de Saint-Germain-des-Près. Explica-se, assim, a frase do escritor e músico Boris Vian a respeito de Gabriel Pommerand, uma das personalidades mais em vista do bairro: "Êle é tão vaidoso e afetado, que põe duas camisas sujas por dia".

FÔRÇA HIDRÁULICA

Num dos seus últimos discursos, disse a senhora Eleanor Roosevelt: "A maior fôrça hidráulica do mundo não é descoberta moderna: começou com as primeiras lágrimas das mulheres".

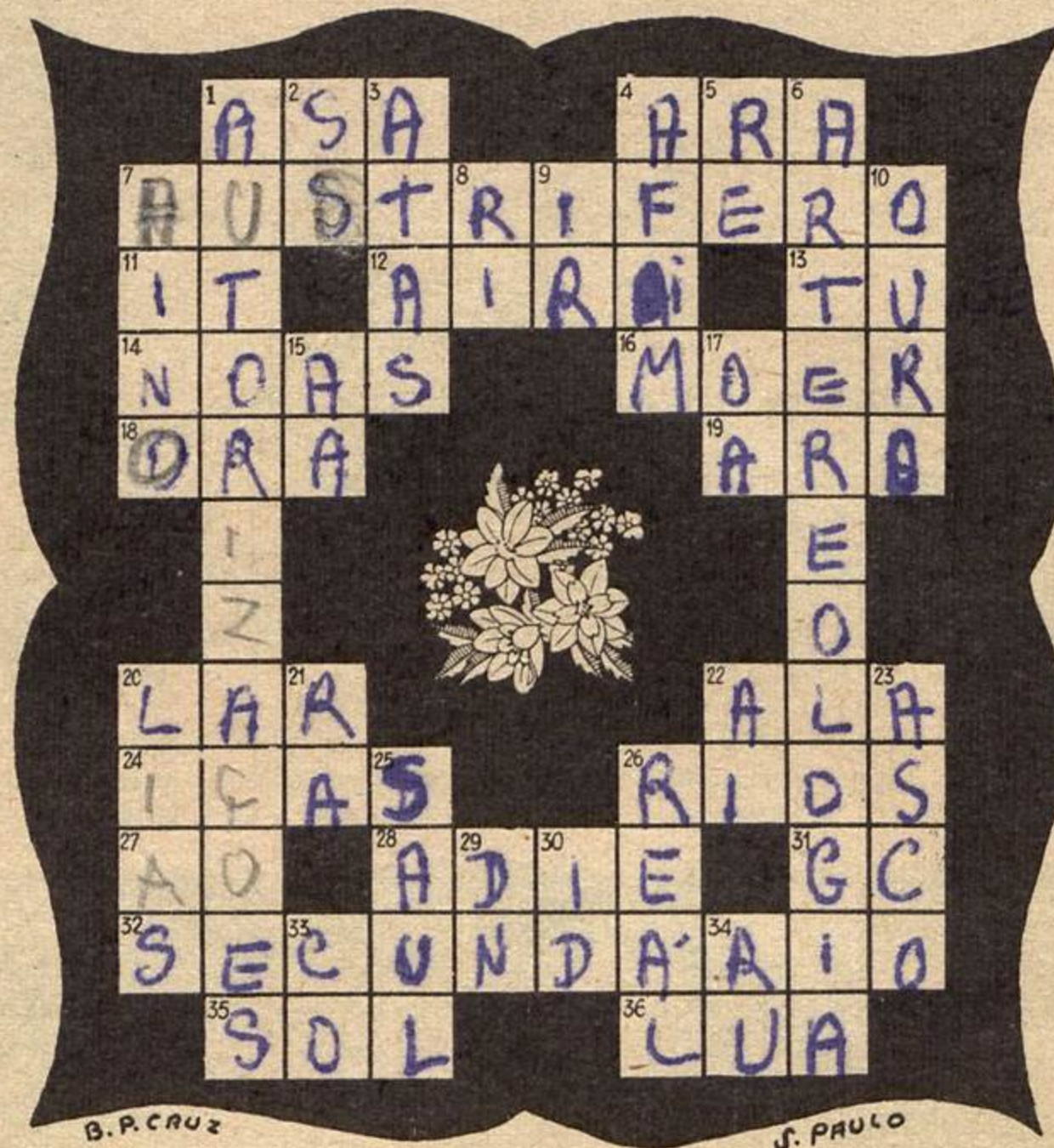
Nobuo Amano, cientista japonês, inventou um processo de purificar o ar que respiramos, por meio da eletricidade: um aparêlho que, ligado a uma lâmpada ordinária, emite raios de ozônio. Nos testes, a lâmpada matou 90% dos germens.

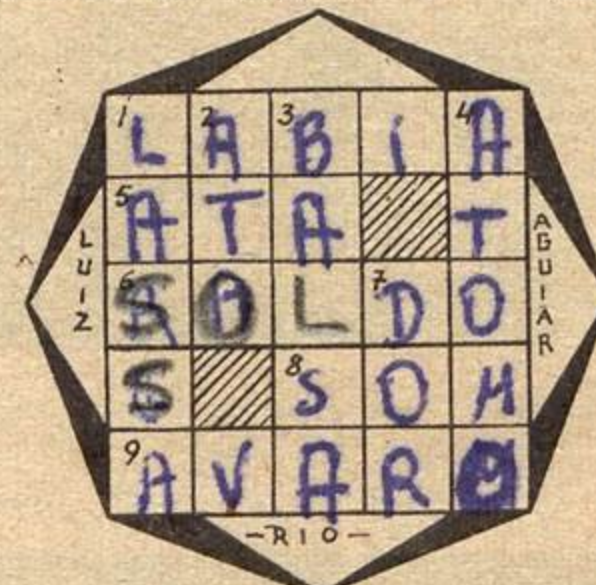
Esta porca de um lavrador japonês, em Yoshida Kato, deu à luz 21 porquinhos. As 14 têtas da mãe não chegavam para os filhotes, que não se sujeitaram a entrar em fila... Os vizinhos socorreram com outras porcas e leite condensado.

Cartazes de propaganda, em Tóquio, para as eleições japonêsas do recente dia 1 de Outubro, as primeiras a serem realizadas depois do fim da ocupação. A legenda dêste candidato do povo diz que êle é um antigo apanhador de papéis.

PENSE E RESOLVA

POR VERAMOR

Esta seção recreativa é destinada a proporcionar alguns momentos de distração e entretenimento aos leitores. Aceitamos colaborações de todos os gêneros de charadas e passatempos, todos de fácil solução, nos moldes das que apresentamos abaixo. Os desenhos devem ser feitos a nanquin e as chaves enviadas em separado. Dicionários usados: **Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguêsa — Simões da Fonseca e Enciclopédia do Charadista** (Silvio Alves). Tôda a correspondência deve ser dirigida a **VERAMOR** — Redação de **Manchete** — Rua Frei Caneca, 511 — **As soluções de cada número são publicadas no número seguinte.**

HORIZONTAIS — 1 — Apêndice. 4 — Pedra de altar. 7 — Que traz chuva ou vento do sul. 11 — Atrativo feminino. 12 — Espécie de palmeira. 13 — Pronome pessoal. 14 — Hora do ofício divino entre as sextas e as vésperas (pl.). 16 — Esmagar. 18 — Discursa. 19 — Arredores de terra importante. 20 — A parte da cozinha onde se acende o fogo. 22 — Renque. 24 — Levantas, ergues. 26 — Cursos de água natural. 27 — Contração. 28 — Transfira. 31 — Geraldo Cunha. 32 — O que está em segundo lugar. 35 — Astro. 36 — Planeta satélite da terra.

VERTICAIS — 1 — Consentimentos. 2 — Sua Santidade. 3 — Pinhas. 4 — Parente por afinidade. 5 — Nota musical. 6 — Tratado do sistema arterial. 7 — Diz-se da raça asiática do norte do Japão. 8 — Escarnece. 9 — Transitar. 10 — Riqueza. 15 — Rio da França. 17 — Sufixo feminino da terminação ÃO. 20 — Sedimentos. 21 — Sol dos egípcios. 22 — Preguiça no Amazonas. 23 — Nojo. 25 — Primeiro rei dos judeus. 26 — Verdadeiro. 29 — Dulce Néa. 30 — O substrato instintivo da psiquê. 33 — Símbolo do cobalto. 34 — Símbolo do Rutênio.

HORIZONTAIS — 1 — Astúcia. 5 — Fruta de conde. 6 — Moeda francesa, correspondente a um vigésimo de franco. 8 — Eco. 9 — Mesquinho.

VERTICAIS — 1 — Frouxa. 2 — Declaração. 3 — Mata espessa. 4 — Fração mínima de matéria, suposta outrora indivisível. 7 — Sofrimento.

CHARADAS CASAIS (Jeová B. Lima — Ceará).

1 — A **camareira** casou-se com o **criado grave**. 2.
2 — **Educo** na **religião** de Cristo. 3.
3 — Pague-se êste **carinho** com a **moeda alemã**. 2.

LOGOGRIFO

Todo aquêle que **procura** (3—2—5—4) ganhar sua vida honestamente e não comete nenhuma **ação** (2—5—6) contra o próximo, não deve ser **instrumento** (1—4) de exploração, porque é um cidadão realmente PACÍFICO.

CORRESPONDÊNCIA

Álvaro Capellano (S. Paulo) — Lamento que o problema esteja muito grande (observe as dimensões da coluna) pois o trabalho está muito bom. Mande outros trabalhos seguindo as normas da revista.

Neusa Alves Checchia (Sítio do Picapau Amarelo) — O trabalho está muito complicado. Mande coisa mais simples, pois você tem muita habilidade e talento.

SOLUÇÕES DO NÚMERO ANTERIOR

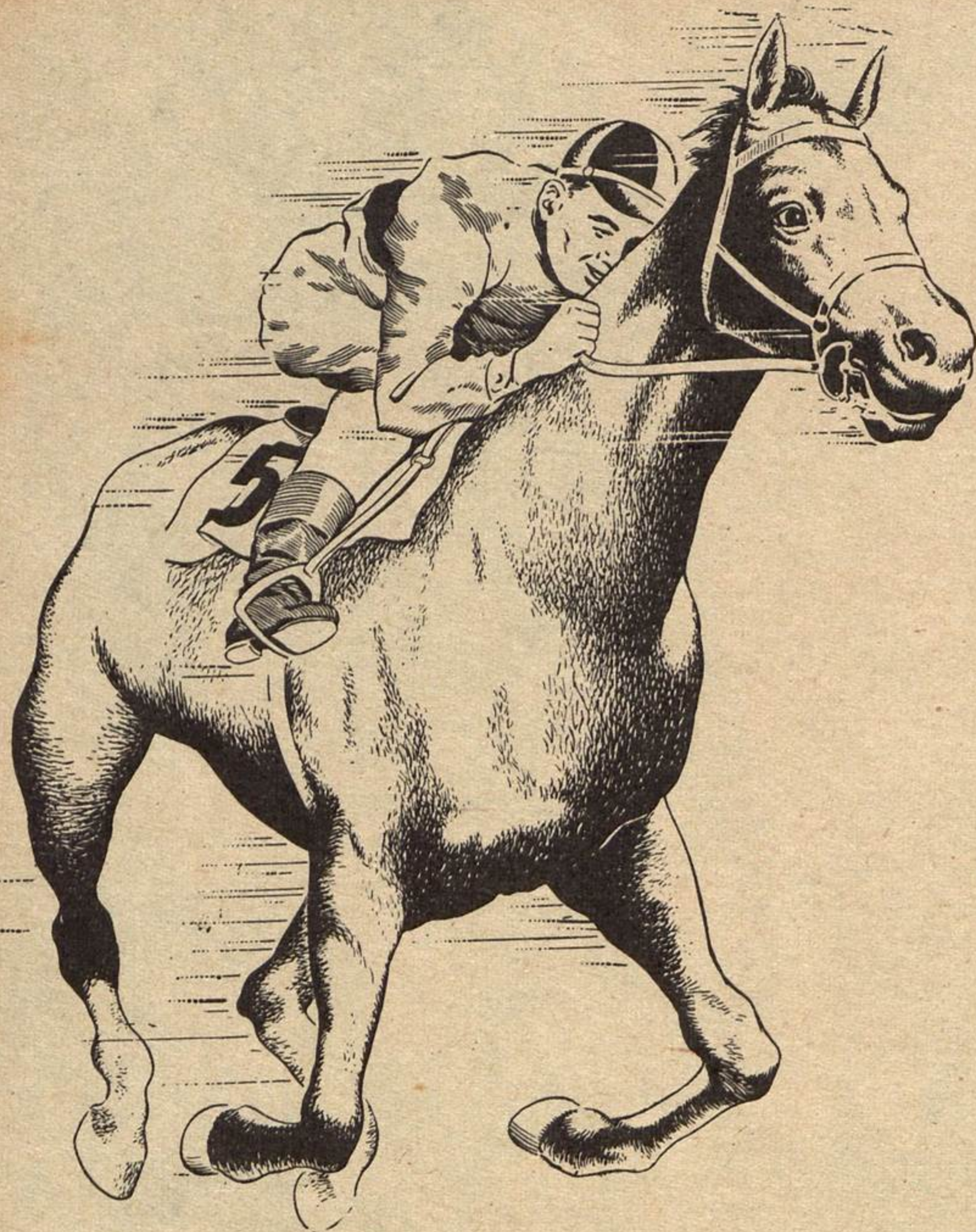
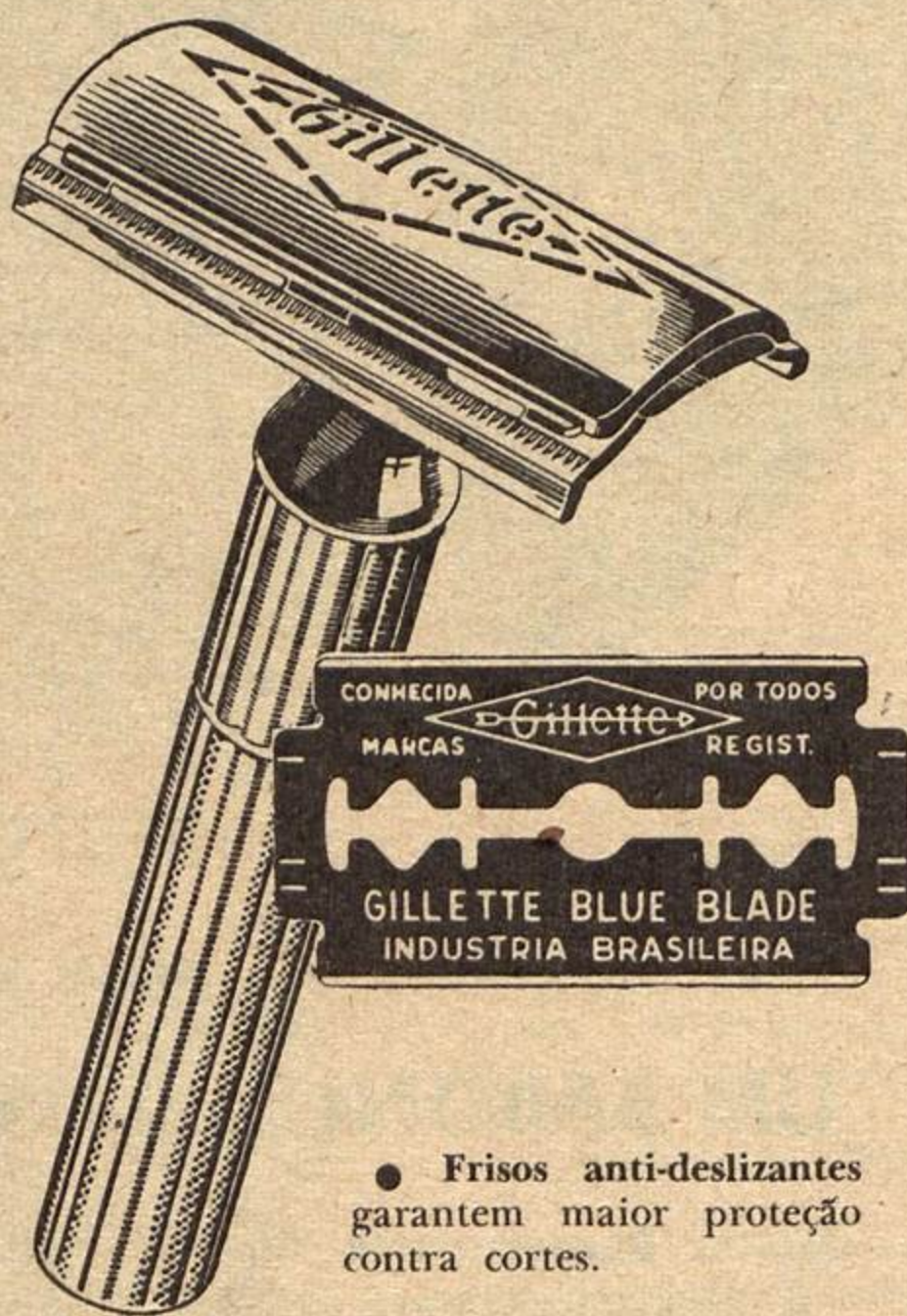
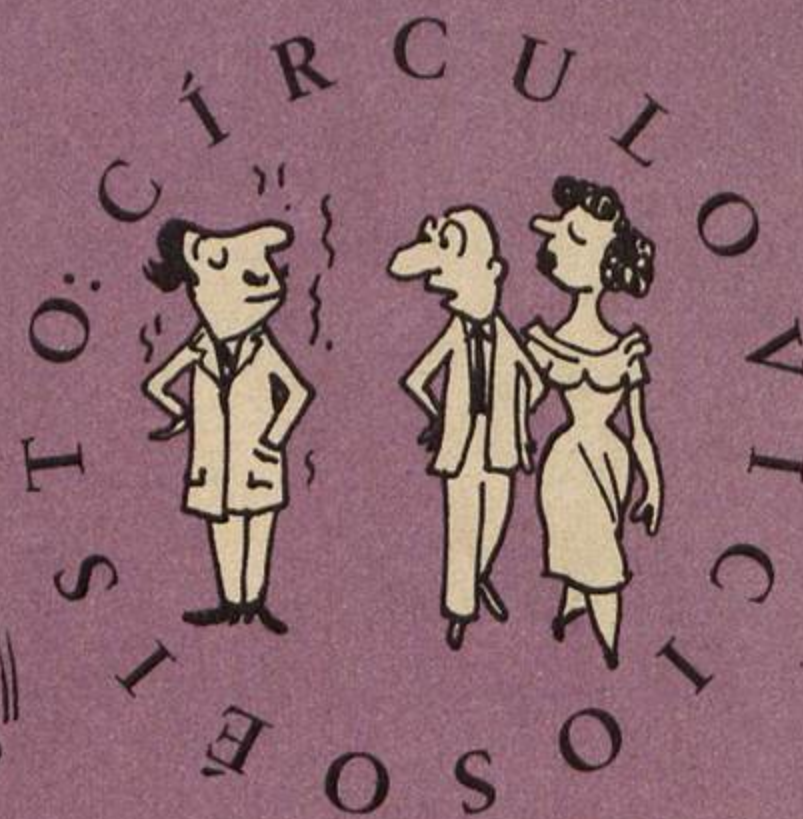
H. — Peã — Tom — Ter — Temor — Idade — Bro — Ar — Azar — Aui — Mós — Asno — Os — Ami — Orago — Liana — Gas — Asa — Mês.

V. — Pedra — Era — Te — Ombro — Mor — Tia — Tez — Rol — Dais — Amon — Uaias — Sogas — Cal — Noa — Sos — Mia — Age — Na.

H. — Par — Rom — Ata — Apa — Gademar — Aricuri — Aos — Agracia — Cairuçu — Efó — Lar Mas — Ora.

V. — Paga — Atar — Radiarios — Ramusculo — Opar — Mari — Ecoar — Acem — Gafa — Içar — Aura.

CHARADAS CASAIS — Quinto-a. Casta-o. Foco-a.

NOVÍSSIMAS — Infantaria. Monograma. Regato.

NÚMERO DEDICADO AOS QUE SE JUL-
GAM MENOS LOUCOS DO QUE NÓS
NÃO IMPORTAM OS MEIOS PARA SE ALCANÇAR UM FIM
E ISTO PROVA QUE TEMOS CERTA INCLINAÇÃO PARA O HUMORISMO
CUCO
UMA SEÇÃO MEIO PANCADA
leon eliachar
Assinatura do autor, feita em cima da perna.
POSITIVAMENTE AQUELA DAMA DO BARALHO NÃO ERA UMA DAMA. SAÍA SEMPRE ENTRE O REI E O VALETE.
Vocês são uns bonequinhos tão curiosos quanto os leitores desta seção. Também vieram ler.
Pensamentos com alta:
UM HOMEM É UM HOMEM OU É UM HUMORISTA.
DORMIR NO PONTO COM UMA PEQUENA? UMA VÍRGULA.
Bilhete de uma anãzinha publicado ao reverso.
CÍRCULO VICIOSO É ISTO:
FAMA
A
D
OS DEGRAUS
?
M
I
S
S
SERÃO A
A PIADA INACABADA: (À maneira de Schubert)
ERA UMA MOÇA TÃO BONITA QUE
ÊSTE TEXTO COMEÇA AQUI, CONTINUA POR AQUI, COM OUTRO TIPO, E TERMINA COM ESTE TIPO AQUI MESMO.
Princípio de uma história com um
FIM
NOTA: o fim desta história é para encher o espaço.
Um homem pode não sustentar sua palavra, mas uma palavra pode sustentar um homem.
EXEMPLO
Ela vinha despreocupada, mas resolveu pintar as unhas e parou
TAMBÉM SE PODE ESCREVER CERTO POR LINHAS TORTAS
Ilustrado por
Batista

GRAFICOS BLOCH S. A. - RIO - SÃO PAULO